

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CLECI TEREZINHA PEROSA

**PERSPECTIVAS DO JOVEM UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DO
MÉDIO ALTO URUGUAI EM RELAÇÃO À PATERNIDADE**

Porto Alegre

2007

CLECI TEREZINHA PEROSA

**PERSPECTIVAS DO JOVEM UNIVERSITÁRIO DA REGIÃO DO
MÉDIO ALTO URUGUAI EM RELAÇÃO À PATERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eva Néri Rubin Pedro.

Porto Alegre

2007

P453p Perosa, Cleci Terezinha

Perspectivas do jovem universitário da região Norte do Rio Grande do Sul em relação à paternidade / Cleci Terezinha Perosa ; orient. Eva Neri Rubim Pedro. – Porto Alegre, 2007.

114 f.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem. Curso de Mestrado em Enfermagem, 2007.

Inclui resumos em: Português, Espanhol e Inglês.

1. Paternidade. 2. Estudantes. 3. Enfermagem. I. Pedro, Eva Neri Rubin. II. Título.

Limites para indexação: Humano. Adulto. Masculino.

LHSN – 222.4 NLM – W 791

Catálogo pela Biblioteca da Escola de Enfermagem da UFRGS
Bibliotecária responsável: Michele Dias Medeiros CRB-10/1575

CLECI TEREZINHA PEROSA

**PERSPECTIVAS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS DA REGIÃO NORTE DO
RIO GRANDE DO SUL RELAÇÃO À PATERNIDADE**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Enfermagem da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul como requisito parcial para
a obtenção do título de Mestre em
Enfermagem.

Aprovada em Porto Alegre, em 27 de setembro de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Nome e assinatura da Banca Examinadora

Profa. Dra. Eva Neri Rubim Pedro: Eva Neri Rubim Pedro
Presidente – ENF/UFRGS CPF nº 289.509.170-68

Profa. Dra. Valéria Lamb Corbellini: Valéria Lamb Corbellini
Membro PUCRS CPF nº 403.622.050-00

Profa. Dra. Dora Lúcia Leidens Corrêa de Oliveira: Dora Lúcia de Oliveira
Membro ENF/UFRGS CPF nº 421.392.280-49

Profa. Dra. Ana Lucia de Lourenzi Bonilha: Ana Lucia de Lourenzi Bonilha
Membro ENF/UFRGS CPF nº 256.428.550-34

Porto Alegre, 27 de setembro de 2007

De acordo da Mestranda: Cleci Terezinha Perosa

AGRADECIMENTOS

Agradeço a DEUS pela beleza da vida.

À Prof^a. Eva Néri Rubin Pedro, minha QUERIDA ORIENTADORA, que antes de tudo, foi uma verdadeira amiga. Pelo seu brilho, sua amizade sincera, seu envolvimento, sua competência, seus ensinamentos e sua disponibilidade EM TODAS AS HORAS.

Às prof^{as}. do Curso de Mestrado pela troca de conhecimentos e incentivo nessa caminhada. Aos colegas por todos os momentos divididos, fazendo disso um constante desenvolver.

À Adriana, pelos momentos de descontração, risadas, desabafo, de união, de viagens. Com certeza foram dias que ficarão na memória e no coração.

Ao Diego, pelo incentivo, amizade, sempre procurando ajudar em minhas dificuldades.

À Prof^a. Ophelia e suas fiéis escudeiras, Mariane e Giane, pelo zelo, carinho e atenção a mim dispensados, em todos os momentos de minha vida.

À Direção e funcionários da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) – Campus de Frederico Westphalen, pelo apoio, incentivo e por acreditar e estimular o meu desempenho.

Aos jovens, sujeitos desse estudo, meu reconhecimento e agradecimento especial, por sua dedicação, sinceridade e envolvimento com o estudo, com os grupos focais e as entrevistas, mostrando a importância das verdadeiras palavras, da troca de conhecimentos, do comprometimento e educação nas diferentes fases da vida. Um beijo carinhoso a TODOS VOCÊS.

Ao meu marido, NICO, por sua grandeza como HOMEM e como verdadeiro PAI, assumindo o nosso filho, nossa casa, nossas vidas, tanto nas minhas ausências e também na minha presença, demonstrando o verdadeiro sentido de ser companheiro.

Ao meu filho HENRIQUE, motivo de minhas constantes buscas de desenvolvimento pessoal e profissional. A você filho, todas as minhas lutas.

Ao meu PAI (*in memoriam*) e minha MÃE pela simplicidade, garra e dinamismo.

Às minhas IRMÃS, Cleusa e Silvana, pela constante ajuda e incentivo.

À Tata, pelo auxílio e cuidados prestados durante minhas viagens.

À Cláudia, todo o meu carinho.

A todos que mesmo não citados contribuíram para a construção desse meu projeto.

LISTA DE SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CLJ	Curso de Liderança Juvenil
CTG	Centro Tradicionalista Gaúcho
DST	Doenças sexualmente transmissíveis
EJA	Educação para Jovens e Adultos
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
URI-FW	Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – Campus de Frederico Westphalen

RESUMO

A paternidade, como foco de estudos, é investigada, mais freqüentemente, sob a ótica do adolescente pai. Poucas pesquisas têm levado em consideração a visão do homem e do jovem não pai. Trata-se de um estudo qualitativo com os objetivos de: conhecer as perspectivas do jovem universitário da Região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade; identificar a visão do jovem em relação à sua criação e educação; identificar como as instituições (família, grupo de amigos, escola) influenciam no seu desenvolvimento e no seu modo de pensar. Foi realizada na Universidade Regional do Alto Uruguai e das Missões, RS, entre agosto e setembro de 2006. Os sujeitos foram oito jovens universitários com idade entre 20 e 24 anos. Os dados foram coletados por meio das técnicas de grupo focal e entrevista individual e analisados mediante a análise temática. Os achados demonstram a importância da família na criação dos jovens; da responsabilidade dessa na construção de suas trajetórias, querem ser pais diferentes do que foram os seus, enfatizam as diferenças da criação de meninos e meninas; que a mídia e a escola apresentam pouca relevância como contribuidoras de modelos. Referem a estabilidade financeira, a presença da mulher e a instituição do casamento como fatores condicionantes para a formação de uma nova família. O estudo traz contribuições para a Educação e para a Enfermagem, identificando a importância da discussão da temática e aprofundamento nas instituições formadoras e, também, em nível de políticas de atenção à saúde física, social e psicológica do homem.

Descritores: Paternidade. Estudantes. Enfermagem.

Limites: Humano. Adulto. Masculino.

RESUMEN

La paternidad, como foco de estudios, es investigada más frecuentemente bajo la óptica del adolescente padre. Pocas pesquisas han llevado en consideración la visión del hombre y del joven no padre. Se trata de un estudio cualitativo con los objetivos de: conocer las perspectivas del joven universitario de la Región del Medio Alto Uruguay en relación a la paternidad; identificar la visión del joven en relación a su educación familiar y escolar; identificar como las instituciones (familia, grupo de amigos, escuela) influyen sobre su desenvolvimiento y su modo de pensar. Fue realizada en la Universidad Regional del Alto Uruguay y de las Misiones, Rio Grande do Sul, entre agosto y septiembre de 2006. Los sujetos fueron ocho jóvenes universitarios con edad entre 20 y 24 años. Los datos fueron colectados por medio de las técnicas de grupo focal y de entrevista individual y analizados mediante el análisis temático. Los resultados demuestran la importancia de la familia en la educación de los jóvenes y de su responsabilidad en la construcción de sus trayectorias; quieren ser padres diferentes de lo que fueron los suyos; enfatizan las diferencias de la educación de niños y niñas y que los medios y la escuela presentan poca relevancia como contribuidores de modelos. Refieren la estabilidad financiera, la presencia de la mujer, la institución del matrimonio como factores condicionantes para la formación de una nueva familia. El estudio trae contribuciones para la Educación y para la Enfermería, identificando la importancia de discutir la temática y el profundizar en las instituciones formadoras y, también, en nivel de políticas de atención a la salud física, social y psicológica del hombre.

Descriptor: *Paternidad. Estudiantes. Enfermería.*

Límites: *Humano. Adulto. Masculino.*

Título: *Perspectivas del joven universitario de la Región del Medio Alto Uruguay en relación a la paternidad.*

ABSTRACT

Paternity, as a study focus, is most frequently investigated under the view of the adolescent father. Few researches have taken the points of view of the non-father man and young man into consideration. It is a qualitative study with the objectives of: knowing the perspectives of university young man from the Region of the Uruguay Medium Highlands regarding paternity; identifying the view of the young man regarding his home and school education; identifying how the institutions (family, peers and school) influence his development and way of thinking. It was carried out in the Regional University of the High Uruguay and Mission, Rio Grande do Sul, between August and September 2006. The subjects were eight university students of age ranging between 20 and 24 years old. The data were collected by means of focal group techniques and of individual interview and analyzed by theme analysis. The findings demonstrate the importance of the family in the education of young men; of its responsibility in the construction of their trajectories; they want to become different parents from their own parents; they emphasize the education differences between boys and girls; they state that the media and the school present few relevance as contributors of models. They refer financial stability, the woman presence and the marriage institution as conditioning factors for building a new family. The study brings contributions for education and nursing by identifying the importance of the discussion of this theme and the deepening of the forming institutions in addition to the level of care policies for the physical, social and psychological health of man.

Descriptors: *Paternity. Students. Nursing.*

Limits: *Human. Adult. Male.*

Title: *Perspectives of university young man from the Region of the Uruguay Medium Highlands regarding paternity.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	14
3 REFERENCIAL TEÓRICO	15
3.1 Revisando os papéis do homem e da mulher	15
3.2 Família: educação dos meninos na visão dos jovens	22
3.3 A sexualidade do jovem	29
3.4 Os meios de comunicação, escolas e os amigos	33
4 METODOLOGIA	37
4.1 Objetivos do estudo	37
4.2 Questões norteadoras do estudo	37
4.3 Tipo de estudo	38
4.4 Cenário de investigação	38
4.5 Participantes do estudo	39
4.6 Coleta de informações	40
4.6.1 O grupo focal	40
4.6.1.1 Descrição do primeiro encontro do grupo focal	41
4.6.1.2 Segundo encontro	42
4.6.1.3 Local dos encontros	42
4.6.1.4 Constituição dos grupos	43
4.6.2 Entrevista	43
4.7 Organização e análise das informações	44
4.7.1 Pré-análise	45
4.7.2 Exploração do material	45
4.7.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação.....	46
4.8 Considerações bioéticas	46
5 APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS	48
5.1 Caracterização dos jovens	48
5.1.1 Percepção sobre a criação dos meninos e a influência da família no preparo para a paternidade	57
5.1.2 Sexualidade do jovem.....	60
5.1.3 Papel da mulher	67

5.2 Influência da escola, mídia e amigos na construção do jovem	70
5.3 O sentido de paternidade para os jovens.....	78
5.3.1 O jeito de ser pai: pai como exemplo	79
5.3.2 Sentimentos e expectativas em relação ao futuro	83
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A – OFÍCIO ENCAMINHADO AOS COORDENADORES DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO SELECIONADOS PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO.....	104
APÊNDICE B – AGENDA DE TEMAS DOS GRUPOS FOCAIS	105
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA	107
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	110
APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA URI-FW.....	112
ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA URI	113

1 INTRODUÇÃO

A temática da adolescência e da juventude tem permeado minha trajetória profissional, há alguns anos, quando fui convidada para trabalhar sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis e gravidez em várias escolas, com alunos da 5ª a 8ª série e ensino médio, no Município de Frederico Westphalen. Na época, observei, pelas falas dos alunos e, mesmo dos professores, a curiosidade e a dificuldade deles para abordarem esses temas. Ao mesmo tempo, constatei a ansiedade vinda dos meninos e meninas, demonstrando a necessidade de dividir sentimentos e dúvidas inerentes a essa fase da vida.

A fase da juventude identifica um período de transição entre a infância e período de preparação para o ingresso na idade adulta, tendo como referência instituições e práticas sociais como família, escola, trabalho, “consistindo fundamentalmente na preparação dos jovens para a assunção dos papéis modernos relativos à profissão, casamento, cidadania política, entre outros, objetivando prepará-los para enfrentar uma série de escolhas e decisões” (DOMINGUES; ALVARENGA, 1997, p. 33).

Venho percebendo que os jovens, ao ingressarem na universidade, trazem consigo uma bagagem de conhecimentos ainda incipiente sobre educação para a vida, valores e atitudes para desempenhar os vários papéis frente à sociedade. Esses comportamentos poderão ter repercussões no seu futuro tanto pessoal como profissional, tais como: o papel de chefe de família, de provedor de sustento, de criador dos filhos, marginalizado frente à maternidade/paternidade precoce, vitimizado pelas causas sociais decorrentes do abandono, dos vários tipos de violência entre outros fatores, os quais devem, com certeza, ser estudados.

Muitas são as inquietações, que me fazem refletir, no que dizem respeito ao meu papel de mãe, de profissional da saúde, de educadora, de responsável, diretamente pela formação de cuidadores, enfim, de cidadã envolvida com essa parcela da população que precisa de um olhar mais crítico e acurado em relação à sua formação e auto-afirmação.

Tais situações têm-me despertado questionamentos, como: será que os jovens estão preocupados com seu futuro como pais? Como os jovens percebem a sua criação/educação para a paternidade? De que maneira os profissionais da saúde podem desenvolver ou estimular esses jovens a refletir sobre essas questões?

Considero, também, de grande relevância, discutir esta temática no sentido de dar voz aos jovens, uma vez que se percebe a ausência dos mesmos nas discussões referentes a assuntos de seus interesses, possibilitando rever suas trajetórias de vida, estimulando-os, para

o despertar de novos saberes, incentivando-os, talvez, a prepararem-se para futuras responsabilidades, dentre elas, a paternidade.

Fonseca (2001) tem mencionado em seus trabalhos com pais adolescentes e paternidade adolescente, a ausência de dados e instrumentos capazes de captar informações, demonstrando a preocupação com pesquisas dirigidas somente a adolescentes mulheres, apontando para a necessidade de investigações que tenham o homem adolescente como alvo de estudos. Nesse sentido, Bustamante (2005, p. 1866) comenta que há “um pequeno número de estudos que enfocam a participação masculina em dimensões-chave como a paternidade, em comparação com aqueles dedicados às mulheres”. Para a autora, isso tem a ver com a naturalização do lugar das mulheres como cuidadoras de seus filhos. No entanto, Reis (1997), em sua pesquisa de análise de textos sobre a paternidade adolescente, já demonstrava sua preocupação com o grande número de estudos voltados para o processo reprodutivo da adolescente.

Por ser um processo por meio do qual o indivíduo se torna adulto, o conceito de juventude sugere outras dimensões além do critério faixa etária e limites biológicos. São, também apontados os demarcadores socioculturais e econômicos, como, por exemplo, o ingresso no mercado de trabalho, início da atividade sexual, a constituição da própria família, entre outros. Essa transição pode-se dar de diferentes maneiras, dependendo do contexto social e econômico em que o indivíduo convive (LEAL; KNAUTH, 2006).

Minha experiência como docente de um curso de graduação tem demonstrado que, muitos dos jovens, ao ingressar na universidade, não conseguem visualizar a dimensão dessa mudança na sua vida, bem como o seu compromisso, fazendo-me repensar sobre a minha prática e buscar subsídios que me oportunizem fomentar discussões relevantes, com temas voltados para a educação para a saúde e para a vida. Isso poderá me auxiliar a conduzir esses jovens na busca de autonomia e construção de suas cidadanias e reflexões sobre seu futuro profissional. Penso na minha responsabilidade ao desenvolver esse estudo, o qual poderá sinalizar aos futuros enfermeiros e educadores, a relevância de trabalhos voltados aos jovens e famílias, despertando reflexão e críticas que poderão auxiliar o jovem a se conduzir frente às suas expectativas, dúvidas e medos relacionados à sua vida futura.

A realidade observada em nossos dias é que as famílias, com suas novas constituições enfrentam dificuldades em dispor de tempo para diálogo e atenção aos filhos. Isso pode ser decorrente da não participação do homem como auxiliar nas tarefas domésticas, do novo papel da mulher no mercado de trabalho, gerando a necessidade de extensas jornadas de trabalho dos pais para o sustento dos filhos. A mulher, anteriormente, com o único

compromisso de cuidar e educar os filhos, hoje busca espaços de trabalho fora do ambiente familiar, contribuindo para o sustento da família e sua realização pessoal e profissional, necessitando do apoio do homem nas tarefas da casa, no cuidado e educação dos filhos.

A escola, como instituição formadora, também tem seu papel importante na educação dos jovens, seja trocando e acrescentando conhecimentos, adquiridos com a família e clareando outros, e, na medida em que houver interesse, o despertar para a sexualidade, iniciação sexual, para a maternidade e paternidade.

Fonseca (2001) aponta que a construção de um lugar social para a paternidade implica em abrir canais para que as vozes, necessidades, anseios dos adolescentes (e jovens) encontrem oportunidade de se expressarem, dando-lhes o direito de participarem da construção do seu destino humano. Percebo que a escola pode ser um desses canais, uma vez que várias pesquisas com jovens apontam a dificuldade dos mesmos em trocar informações com os pais. Com as mudanças apresentadas nos papéis das famílias, assim como suas constituições, acredita-se que elas precisam conhecer e aprofundar conhecimentos que proporcionem aos profissionais da saúde e da educação, aprender a trabalhar com esses papéis (ALBARELLO, 2006; RIETH, 2002; GOMES; RESENDE, 2004; ALTMANN, 2003).

Diante disso, a escolha do jovem universitário como foco desse estudo, provém de questionamentos e inquietações, tanto pessoais como profissionais, tendo em vista o meu papel frente a uma instituição formadora, na qual tenho observado o ingresso de indivíduos cada vez mais jovens na universidade. Além disso, também têm chamado a atenção algumas características marcantes nesses, como o despreparo para responsabilidades, quem sabe, fruto da educação familiar, escolar ou social, além da necessidade de desafiar os colegas, professores, normas entre outros aspectos.

Questionamentos, como os referidos anteriormente, fazem-me refletir de que forma os jovens estão sendo preparados para futuros encargos, dentre eles, a paternidade, pois o foco principal, quando se fala em gravidez, é a menina e a mulher e, em poucas vezes, o menino e o homem são lembrados.

A relevância do estudo reside no fato de, ao escolher os jovens de cidade do interior, que freqüentam a universidade, conhecer suas perspectivas em relação à paternidade e, descobrindo suas realidades, refletir sobre estratégias para um viver saudável, possibilitando o seu envolvimento com profissionais de saúde, famílias, escola e sociedade. Esse conhecimento poderá contribuir para o processo de construção da trajetória desses indivíduos, além de instigar outros estudos com a temática em questão. Em virtude da diversidade de

situações a que os indivíduos estão expostos nessa etapa de vida é importante valer-se da idéia de juventude no plural, ou seja, juventudes (SPOSITO, 2004).

Fazem parte da juventude vários aspectos que despertam questionamentos e preocupações da sociedade em geral. Um desses, estudados sob vários ângulos, é, por exemplo, o da gestação. Tendo em vista que a mesma vem ocorrendo em idades cada vez mais precoces, a preocupação com a juventude é relevante para apontar, quem sabe, estratégias de cuidado ao jovem no que tange à orientação sexual e reprodutiva, discussão sobre seu cotidiano familiar, escolar e social, podendo sensibilizá-los, por meio de práticas educativas, da importância de sua educação e seu envolvimento com o cuidado de crianças desde cedo. Além disso, ativar aspectos que dizem respeito ao cuidado humanizado do profissional da enfermagem frente a esses sujeitos.

A intenção com esse estudo é fomentar um repensar sobre o papel do homem frente à família e, quem sabe, apontar alguns direcionamentos na educação dos meninos, que possam contribuir para comprometê-los e envolvê-los com os papéis frente à família, respeitando e entendendo cada cultura e educação.

Acredito que, na tentativa de fornecer subsídios para os profissionais da educação e saúde, em geral e, em particular para a enfermagem, se possa colaborar para um despertar crítico e reflexivo de suas práticas de educação em saúde e atenção ao jovem, proporcionando conhecimentos sobre a importância da paternidade responsável e comprometida, com vistas a cooperar para o seu desenvolvimento e de uma futura família saudável.

Algumas das bibliografias consultadas apontam para a necessidade do envolvimento do homem, desde o planejamento da gravidez, sendo sua presença importante em todos os momentos do ciclo gravídico e após o mesmo (CSILLAG; SACCOMANDI, 2003; MONTGOMERY, 1998; RAMIRES, 1997; PRATES, 2006).

Tenho observado, no entanto, contraditoriamente, por meio de conversas informais com profissionais da saúde e por experiência pessoal, pequena parcela de homens dividindo estes momentos com a mulher e poucas alternativas para que os jovens tenham conhecimento sobre este processo tão importante nas suas vidas. Será que em algum momento durante o seu desenvolvimento, estes homens foram questionados sobre as suas vontades, medos e dúvidas frente à reprodução e à paternidade? Essas são algumas das reflexões que considero importante a serem discutidas nesse trabalho.

Desta maneira, acredito que uma pesquisa investigando qual a perspectiva que o jovem universitário tem em relação à paternidade, possibilitará aos profissionais da saúde, em geral,

e, à enfermagem em particular, uma compreensão do jovem na perspectiva frente ao seu papel na situação de pai.

2 OBJETIVOS

Conhecer as perspectivas do jovem universitário da Região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade.

Identificar a visão do jovem em relação à sua criação e educação.

Identificar como as instituições (família, grupo de amigos, escola) influenciam no seu desenvolvimento e no seu modo de pensar.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse capítulo, com auxílio da literatura, serão abordados temas como: revisando os papéis do homem e da mulher; família; sexualidade do jovem; os meios de comunicação, escolas e os amigos.

3.1 Revisando os papéis do homem e da mulher

A estrutura e as organizações das sociedades estão em constantes alterações. As questões de gênero, sexualidade e reprodução estão fragmentadas, desencadeando insegurança e medo aos indivíduos, podendo dificultar com isso, a construção de uma identidade cidadã. Essas rápidas mudanças interferem nas estruturas das famílias, levando à diversidade dos arranjos familiares, implicando em novos estilos de relação entre parceiros e filhos/as e no trabalho, gerando flexibilização do emprego, podendo levar ao desemprego (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002). Observam-se, também, mudanças nos papéis, tradicionalmente desempenhados pelos homens e mulheres, na(s) família(s), trabalho e sociedade, demandando uma nova forma de organização dos indivíduos para o enfrentamento desses novos desafios, o que tem implicações nos estilos de relação entre parceiros e filhos(as).

As características biológicas, diferentes entre o homem e a mulher, provocaram divisão de trabalho baseada em padrões masculinos e femininos, separando a esfera pública e doméstica, ou seja, a diferença entre gênero masculino e feminino levou a situações de desproporcionalidade de poder, implicando na instituição de desigualdade, de ordem e de hierarquia (ECOS, 2005).

As profundas transformações, das últimas décadas, vêm afetando várias dimensões da vida das mulheres e dos homens, “alterando as concepções, práticas e as identidades sexuais”. A autora comenta que essas transformações atingem as formas de viver e de construção de identidades de gênero e sexuais dos sujeitos (LOURO, 2000a, p. 11).

Desde o início da humanidade, essa separação mostrou-se visível, quando o homem foi, legitimamente, reconhecido na família como provedor material, buscando na caça e pesca a sobrevivência, enquanto a mulher permanecia em casa com o compromisso dos afazeres domésticos, cuidadora e educadora da prole.

Há seis ou sete milênios as sociedades humanas mais avançadas descobriram a semelhança entre o ato sexual e a reprodução. O homem até então desconhecia seu papel na procriação e, ao descobri-lo, passou a controlar a sexualidade feminina, com o objetivo de transmissão de posses para os filhos legítimos. A partir disso, passa a existir a superioridade masculina (RAMIRES, 1997; NOLASCO, 1995).

Para Nolasco (1995, p. 37), “a descoberta da paternidade marca um período em que se originaram as guerras e a sociedade patriarcal sacraliza o casamento heterossexual”. O autor reforça que os homens têm utilizado a paternidade para concretizar desejos de conquista, instaurando, assim, com a prole, códigos de dominação.

Visto como rei da criação, o homem, autoritário, por muitos séculos, foi o único responsável pelas ações das mulheres e filhos frente à sociedade global, com direitos de julgar e punir, com o poder de autorizar a sobrevivência ou não do filho recém-nascido (BADINTER, 1985; BEAUVOIR, 1980).

Segundo Badinter (1985, p. 45), “a autoridade paterna era vital para a manutenção de uma sociedade hierarquizada, em que a obediência era a primeira virtude”. Tanto os filhos quanto as mulheres estavam sob o comando absoluto do homem de quem dependiam economicamente e se submetiam às regras estabelecidas (GOMES; RESENDE, 2004).

Em meados do século XVIII, na intenção de esclarecer a diferenciação entre os sexos feminino e masculino, começa-se a usar a palavra masculinidade, que deriva do latim, *masculus*. Nessa época o ideal de masculinidade prezava por valores como lealdade, probidade, correção, coragem e perseverança. Entre os jovens era estimulada a bravura, valentia, devoção ao país e participar da guerra, suportando a fome e dor e, encarando a possibilidade da morte, contribuía para a purificação pessoal e masculinidade (OLIVEIRA, 2004).

Os jovens, que no passado estavam subordinados às leis e mitos atribuídos e aceitos pelo grupo social, e as “rebeldias eram vividas nas frentes de batalha, na infantaria composta por jovens destemidos, [...], sacrificados pelos adultos, em orgulho, morriam em nome da pátria amada”, ainda podem encontrar, na atualidade, os mesmos valores como referenciais para suas vidas (LEVINSKY, 1998, p. 24). Com a revolução industrial e o capitalismo, ao ideal de soldado viria “agora se juntar o ideal de trabalhador, do produtor de mercadorias e provedor: disciplinado, industrioso e responsável” (OLIVEIRA, 2004, p. 46).

Em meados do século XIX, com a instituição da família nuclear, os afazeres domésticos, bem como os cuidados com as crianças foram, legitimamente, delegados à mulher. Para o homem ficaram as responsabilidades quanto ao controle financeiro e provedor

familiar, ou seja, para a mulher ficaram as funções de mãe, educadora e provedora de afeto e, ao homem, coube o sustento da família.

Com o passar do tempo, várias transformações ocorreram na sociedade e no seio da família, como a divisão sexual e de trabalho, arranjos familiares mononucleares, a revolução industrial do século XIX, possibilitando a participação da mulher no mundo do trabalho, necessitando, assim, de revisão dos significados da maternidade e paternidade.

Observa-se que, tradicionalmente, a função do homem, apesar das mudanças ocorridas ao longo dos séculos, continua, em grande parte das famílias, como a de provedor material de sua família e a mulher eleita para a tarefa de cuidadora. Mostra-se, ainda, evidente, no contexto atual, que a responsabilidade da vida reprodutiva e criação dos filhos permanece como uma atividade da mulher, deixando de incluir ou questionar a participação do homem/pai nesta esfera, carecendo de estudos voltados a essa população. Apesar de recomendações de estudos, que apontam para a necessidade de aprofundamento dessas questões, ainda é incipiente o número de investigações, principalmente na área da enfermagem, que tenham como foco de estudo a participação do homem nos cenários da vida da mulher (ESPIRITO SANTO; BONILHA, 2002; BARUFFI, 2004; SCHMIDT, 2003).

Quando se opta por trabalhar temáticas que envolvem o homem e a reprodução, conseqüentemente, é necessária a inclusão da mulher nessa discussão, visto que as questões de gênero não podem ser distanciadas dessas discussões.

Saffiotti (1987, p. 11) salienta que “quando se afirma que é natural que a mulher se ocupe do espaço doméstico, deixando livre o espaço público para o homem, está-se, rigorosamente, naturalizando um resultado da história” e, dessa forma, confirmando as atividades que foram destinadas aos homens e mulheres dificultando, um entendimento entre o casal, que, muitas vezes, não consegue dividir tarefas de educação e criação dos filhos. A figura de mãe e mulher está associada à satisfação de necessidades básicas do indivíduo, ao passo que ao pai e ao homem compete atender às demandas financeiras, reforçando que “a desigualdade entre os sexos feminino e masculino tem relação estreita e também produzida pelo modo como são exercidas a paternidade e a maternidade hoje” (RAMIRES, 1997, p. 14).

Pode-se observar que vários fenômenos apontados perpetuaram-se no imaginário de muitos homens e mulheres através dos tempos, conservando traços e valores da sociedade patriarcal, como a competitividade, a violência, o poder e a virilidade inerentes ao homem, com destaque aos papéis assumidos pelo homem e pela mulher, em cada época vivida. Esses mesmos valores construídos, socialmente, ao longo dos séculos, atualmente, estão motivando reflexões entre estudiosos, homens e mulheres. Guerriero, Ayres e Hearst (2002) destacam

que os estudos já mostraram que as diferenças entre os sexos, estabelecidas de maneira hierárquica, são construídas, historicamente, bem como as noções de masculino e feminino. Acredita-se que a masculinidade e a feminilidade, construídas socialmente, dependem da educação e das influências a que os meninos e as meninas estão expostos, sejam elas culturais, sociais, ambientais, religiosas, virtuais dentre outros.

Nesse sentido, acredita-se que, ao abrir espaços para que o homem reflita sobre a sua criação/educação, se possa despertá-lo para aspectos que, até então, não fazem parte de seu processo de socialização. Por exemplo, o exercício da manifestação de sentimentos como solidariedade, cumplicidade, amor e respeito, antes tido como marcadamente feminino. Gomes (2003) comenta que, mesmo se sabendo das diferenças existentes em ser homem e mulher, nas diferentes classes sociais, as tensões que surgem, para manter o poder do macho e a possibilidade de uma relação com a parceira, permeada de afetividade e igualdade, levam a falar-se na possível crise de identidade masculina, teoria contestada, uma vez que, a grande maioria dos estudiosos defende, as diferentes maneiras de viver a masculinidade (ELMÔR, 2002; GIFFIN, 2005; CONNELL, 1995; ALMEIDA, 1995; GARCIA, 2000).

Destaca-se uma realidade que está no cotidiano da vida das pessoas, que é a presença ou proximidade da mídia falada, escrita, virtual, sendo essa, com certeza, fator que pode colaborar para reforçar a masculinidade, tanto de uma forma negativa como positiva. Ao exhibir comerciais, jogos eletrônicos, muitos deles intitulados “educativos”, programas ditos “infantis”, novelas, entre outros, mostra as características atribuídas aos homens, como força física, agressividade, competitividade, como naturais, ou seja, evidencia esses significados que foram construídos historicamente, por meio das relações sociais.

Garcia (2000), em seu estudo com homens latino-americanos, cujo objetivo foi identificar alguns elementos do comportamento reprodutivo masculino que contribuem para a construção da masculinidade e que permitem explicar a relação que existe entre os gêneros no processo da reprodução humana, verificou, ainda, ser necessário aprofundar os aspectos da identidade masculina, sua sexualidade e saúde reprodutiva, entendendo a relação entre a masculinidade e feminilidade e, com isso, auxiliar na resolução de dilemas da reprodução humana. Reforça, também, que pouco tem se produzido sobre a responsabilidade do comportamento reprodutivo e o papel dos homens na procriação. Aponta a importância de diálogo, a partir das mulheres, sobre as masculinidades e que as mudanças nas relações de gênero são e serão de grande benefício para toda a humanidade.

Faz-se importante, nesse sentido, pensar em alternativas que favoreçam discussão e reflexão entre homens e mulheres, sinalizando as desigualdades de gênero atribuídas para os

mesmos, através dos tempos. A reconstrução dos papéis masculinos e femininos frente às exigências contemporâneas, as mudanças no mercado de trabalho e as novas conformações familiares requerem a presença e envolvimento do homem no mundo doméstico. As questões de gênero são abordadas por vários autores e permeiam esse estudo ao longo das discussões, porém, não é foco da investigação e, sim, trazidas à luz de alguns referenciais, para complementar os questionamentos.

Concorda-se com Knauth e Machado (2005), quando apontam a necessidade de mudanças na maneira de abordar as questões de saúde e prevenção direcionadas aos homens. As autoras referem que incluir as mulheres nas discussões referentes a assuntos masculinos e, vice-versa, pode favorecer alteração de perspectivas em relação às diferenças de gênero e cuidados com a saúde. Como essa forma de discussão com homens e mulheres, ainda não faz parte de grupos em instituições, que não sejam clínicas especializadas ou hospitais, no sentido de se investigar algum tópico, como aspectos relacionados ao processo saúde e não saúde, não se tem conhecimento de uma realidade vivida nesse sentido. Não obstante, grupos com adolescentes em ambientes escolares, têm proporcionado discussões muito interessantes entre meninos e meninas em relação a assuntos que instiguem os mesmos a opinar, ouvir e debater papéis masculinos e femininos em relação à sexualidade, prevenção de DST/AIDS, gestação, entre outros. Por outro lado, registra-se a dificuldade de entendimento de educadores e profissionais de saúde, em abordar essas temáticas, com meninas e meninos conjuntamente. Nesses espaços poderiam ocorrer os primeiros diálogos em relação às condições de saúde do homem e da mulher, favorecendo discussões e reflexões e despertando o conhecimento sobre o outro.

Abordar a temática da paternidade junto a jovens vem ao encontro do que diz Nolasco (1995, p. 150) que “os estudos produzidos sobre a paternidade buscam alterar a maneira como os homens se relacionam com seus filhos, rompendo com o modelo desempenhado por uma geração em que o pai era alguém revestido de uma autoridade, cujo modelo era de pai-padrão”. Aponta, também, que este modelo tradicional, apoiado em imagens rígidas, está sendo revisado por meio de estudos contemporâneos sobre os homens.

Entende-se que não foi, devidamente, proporcionado ao homem um espaço de discussão, justamente devido à construção histórico-social que acompanha a figura masculina desde os tempos mais remotos. Ao contrário, foi reforçado ao longo da história que o mesmo deveria possuir e primar por valores, como poder, machismo, valentia, entre outros, sendo reconhecidos como sujeitos desprendidos, afetivamente de seus filhos. Com relação a isso, é interessante pensar e viabilizar estratégias que mobilizem os jovens e homens, concedendo

espaços para a sua integração com os profissionais e serviços de saúde, permitindo aos mesmos participar de discussões que dizem respeito à sexualidade, reprodução, paternidade, dentre outros assuntos que os mesmos mostrarem interesse, para um entendimento e aproximação com o homem contemporâneo, ou seja, aquele conectado a atitudes de envolvimento, companheirismo.

A educação diferenciada entre os meninos e meninas contribui para a perpetuação da opressão social e psicológica, de geração em geração, e, para haver igualdade social entre homens e mulheres seria necessário rever e modificar as estruturas da sociedade, modificando as formas de cuidar e criar filhos (RAMIRES, 1997). Mas aqui competem muitos questionamentos como, por exemplo, como auxiliar as famílias ou os responsáveis pela educação das crianças a modificar sua maneira de educar, se a sociedade vive uma crise de valores e sentidos sob a influência de um sistema político-econômico, cultural e social que prioriza a uniformidade, a reprodução social das ações e condutas, com dificuldades para o enfrentamento das diversidades.

As responsabilidades dos afazeres domésticos, criação dos filhos, lazer e a busca pelo sustento da família devem ser partilhados entre o homem e a mulher (SAFFIOTTI, 1987). Tal afirmativa vai ao encontro do que diz Parceval (1986), quando questiona sobre as atitudes de omissão dos homens em relação à paternidade. Esse autor reforça que tal postura adquirida está relacionada à recusa da sociedade em não reconhecer o homem como parte destes fenômenos, quais sejam: concepção, gravidez, educação das crianças e paternidade. Para Freitas, Coelho e Silva (2007, p. 138):

A reprodução social dos modelos masculino e feminino tem a sua base na maternagem, termo que significa cuidados de mãe, cujo valor cultural na reprodução das masculinidades, tem um sentido ideológico na produção das desigualdades entre os sexos [...] na vida familiar entre o que compete ao masculino e feminino é transmitida como valor culturalmente determinado.

Os mesmos autores afirmam que, para os homens vivenciarem a paternidade, é preciso que homens e mulheres repensem seus atributos sociais em meio à complexidade dessa experiência, “reconhecendo que a paternidade constitui uma oportunidade de homens [adolescentes, jovens e adultos], ampliarem suas dimensões internas e renovarem em sua relação com a vida” (FREITAS; COELHO; SILVA, 2007, p. 138).

Corroborar-se com Oliveira (2004), que defende a idéia de não vitimização do homem e não acreditar na existência de crise de masculinidade e sim em diferentes masculinidades. Sabe-se da existência de um contingente de famílias constituídas de pais e filhos, de diferentes

configurações, culturas e educação, que estão sobrevivendo, apesar de algumas contradições de alguns grupos. Lyra (1997, p. 14) aponta que:

[...] jovens sempre foram ativos sexualmente e as instituições sociais têm assumido posturas diversas e por vezes contraditórias frente à atividade sexual, estimulando-a como expressão de masculinidade e poder, controlando-a em função de riscos para a saúde física e inserção social.

Com todas as construções e transformações que povoaram e povoam a vida dos homens e mulheres, percebe-se que questionar como está sendo conduzida e reproduzida a educação para a sexualidade dos jovens, futuros pais e educadores de seus filhos, é um dos aspectos importantes aos profissionais, tanto da saúde quanto da educação, no sentido de buscar desenvolver práticas educativas que contribuam para o exercício da cidadania, autonomia e a participação efetiva do jovem como protagonista de sua saúde e da sua vida. Sob essa ótica, pensa-se que a equipe multidisciplinar e os serviços de saúde precisam estar preparados para recepcionar o jovem e auxiliá-lo frente às responsabilidades com sua vida, bem como para o futuro papel de ser pai, despertando consciência crítica e estratégias para uma vida saudável.

As diretrizes políticas para a saúde do jovem recomendam o destaque na educação e promoção da saúde, com a participação do jovem em ações educativas. Sposito e Carrano (2003, p. 37) sinaliza que:

é preciso avançar para além das doutrinas de segurança pública e de assistência social no trato com as políticas públicas federais orientadas para o jovem [...] e admite-se que o maior desafio é inscrever as políticas de juventude em uma pauta ampliada de direitos públicos de caráter universalista. Reforça também que essas orientações devem pressupor os jovens como sujeitos dotados de autonomia e como interlocutores ativos na formulação, execução e avaliação das políticas a eles destinadas.

Sabe-se, também, que o conhecimento sexual e o aprendizado social adquiridos, refletem-se no desenvolvimento do ser humano e podem influenciar nos aspectos sociais e psicológicos nas diferentes etapas do seu ciclo vital. Sendo assim, Rios *et al.* (2002, p. 47) sinalizam que:

as políticas públicas parecem não acompanhar completamente o “espírito do tempo”, não conseguindo dar conta do grande desafio estrutural relacionado tanto à instabilidade do mercado de trabalho e às transformações das instituições que tradicionalmente atuavam na formação de identidades adultas e na socialização do jovem como a escola, a Igreja e a família, quanto às relações de desigualdade de gênero, sexismo, homofobia, racismo

[...], marcando perversamente os lugares dos atores e suas qualidades de vida.

Frente a tais considerações, percebe-se uma lacuna apontada pelos autores referente a políticas públicas dirigidas ao jovem, merecendo atenção dos governantes e formuladores de políticas. Acredita-se que não é nos gabinetes que se constroem estratégias voltadas aos jovens e, sim, junto a eles, ouvindo suas necessidades e ansiedades. Portanto, enfatiza-se a necessidade de ações educativas tanto nas escolas como nas famílias, voltadas à educação e promoção da saúde do jovem, ao seu comportamento ou do seu grupo, podendo contribuir para a sensibilização e informação na construção de sua vida como homem, companheiro e pai e, talvez, refletindo positivamente nas suas experiências reprodutivas e paternidade, considerando a relevante repercussão também na saúde da mulher e dos filhos.

3.2 Família: educação dos meninos na visão dos jovens

Ao referenciar a família, faz-se importante comentar que ao longo dos séculos, a mesma vem sofrendo constantes alterações, influenciadas por mudanças no setor econômico, cultural e social, envolvendo mudanças nos papéis desempenhados pelo homem, mulher e criança, constituída em sua trajetória histórica por várias denominações, dentre elas: família consanguínea, punaluana, sindiásmica, patriarcal e família monogâmica (RAMIRES, 1997; DESSEN, 2005).

Para Tornaria, Vandemeulebroecke e Colpin (2001, p. 10),

apesar de todas as diferentes definições de família, ela continua sendo a referência essencial para as pessoas, com a função principal da construção da identidade dos indivíduos por meio dos vínculos que as pessoas desenvolvem com seus parentes e filhos.

Nessa perspectiva, Bujes (2001) refere que as crianças, por meio do intercâmbio com as pessoas e o mundo, constroem significados, fazendo com que as mesmas passem a participar de uma vivência cultural que é própria de seu grupo.

Ressalva-se que a família patriarcal, predominante desde o século XIX, vem passando por intensas transformações relacionadas com o contexto socioeconômico e político do país. A partir da metade desse século, com o processo rápido de urbanização, os movimentos de emancipação das mulheres, a industrialização, as revoluções tecnológicas, as profundas

alterações socioeconômicas advindas na realidade brasileira e as mudanças comportamentais acontecidas, abalaram a instituição familiar nos moldes patriarcais, surgindo uma instituição organizada baseada no modelo nuclear, limitada a um número reduzido de pessoas (RAMIRES, 1997; PEQUENO 2001; OLIVEIRA, 2004; KALCKMANN, 2001; ARILHA; UNBEHAUM; MEDRADO, 2001).

Hoje, comentam-se e estudam-se famílias em uma abordagem não mais singular, uníssona, mas sim como algo com tipologia diferente, ou seja, inicia-se um novo modo de compreender, analisar e vivenciar famílias. A respeito disso, Dessen (2005, p. 1170) abalizam que “diversas outras formas de família têm surgido e diferentes padrões de institucionalização de relações afetivas e sexuais passaram a coexistirem de forma legítima, havendo hoje, uma pluralidade de tipos de casamento e formas alternativas de famílias, podendo citar as famílias de homossexuais” que merecem igual atenção em relação às famílias tradicionais.

Nesse estudo, utilizar-se-á o conceito de família nuclear tradicional, constituído por pai, mãe e poucos filhos, com papéis de gênero definidos. O homem continua, na grande parte das famílias, desempenhando o papel de detentor da autoridade e provedor material, enquanto a mulher permanece como responsável pela prole e cuidados domésticos. Optou-se por essa estrutura familiar visto que os sujeitos dessa pesquisa são oriundos de famílias com essa composição.

Sendo assim, a família, primeira instituição social responsável pela mediação da criança com o mundo, caracteriza-se por favorecer a educação, as relações interpessoais, repassar crenças, valores culturais e espirituais nos quais ela acredita e vivencia no seu grupo social, competindo a ela a reprodução física e psíquica, envolvendo cuidados com o corpo, alimentação, descanso, afeto, proteger os filhos e proporcionar apoio, reproduzir e socializar as crianças e os jovens, constituindo condições básicas de toda a vida social e reprodutiva (JOHNSON, 1997; CARVALHO, 2004; PATRÍCIO, 2000).

O contexto familiar, além de mediar a educação, a socialização, favorece a interação com o ambiente escolar e social, beneficiando a criatividade, o autoconhecimento e contribuindo para a construção da trajetória de vida do indivíduo em todas as fases do desenvolvimento humano. Socialização, nesse estudo, tem como concepção, conforme Johnson (1997, p. 212), o “processo através do qual indivíduos são preparados para participar de sistemas sociais”. Para o autor, mesmo associado ao desenvolvimento da criança, a socialização “é um processo de vida inteira que ocorre à medida que as pessoas adquirem novos papéis e se ajustam às perdas de outros mais antigos”. Por Educação entende-se o processo pelo qual todo o indivíduo adquire diferentes conhecimentos, mediados pelas novas

tecnologias, buscando por ele mesmo, criar novos horizontes em busca de novos conhecimentos (FREIRE, 2002).

A família exerce, fortemente, o papel de orientadora e mediadora dos conhecimentos, comportamentos, atitudes e outros aspectos que fazem parte da educação e criação de seus filhos. No exercício dessa função cabe destacar as dificuldades encontradas uma vez que os papéis de pai e mãe sofrem fortes influências do mundo contemporâneo, provocadas por exigências de direitos e sobrevivências.

O movimento feminista e a emancipação da mulher para determinadas tarefas, dentre elas, a saída para o mercado de trabalho, uso de métodos anticoncepcionais, redefinidos a partir das modificações advindas nas famílias e nas condições socioeconômicas, demandaram reflexões e investigações sobre a condição do homem, envolvido apenas com os compromissos fora do lar e único provedor, revelando a necessidade desse, envolver-se também com atividades domésticas e cuidado com os filhos. Alguns autores reforçam a idéia, que se corrobora, que a partir dessa nova demanda masculina, desvelou-se à precisão de estudos com o propósito de conhecer melhor o mundo dos homens, a relação parental e de gênero (RAMIRES, 1997; MEYER *et al.*, 2004; MONTGOMERY, 1998; ARILHA; MEDRADO; UNBEHAUM, 2001; GIFFIN, 2005; GARCIA, 2001; OLIVEIRA, 2004; BOZON, 2004).

A respeito disso, Garcia (2001, p. 35) relata:

consideramos que pesquisas nessa área que assumem a perspectiva teórica de gênero e trabalham com a complexa interação entre gênero e as outras dimensões sociais (raça, etnia, grupos socioeconômicos e idade, por exemplo) podem contribuir de maneira fundamental para revelar os processos de negociação e decisão de homens e mulheres no campo da saúde sexual e reprodutiva.

No entanto, apesar das alterações na estrutura familiar e a maior participação da mulher no mercado de trabalho e seu reconhecimento social, ainda não se configuram mudanças evidentes na divisão dos papéis sexuais e de trabalho, havendo, então, necessidade de refletir-se sobre o exercício da maternidade e paternidade, para que os envolvidos, homem e mulher, tenham a possibilidade de assumir seus compromissos frente à reprodução, orientação sexual, educação e cuidado com os filhos, permeados pelas construções históricas e sociais referentes aos papéis de gênero feminino e masculino (GOMES; RESENDE, 2004).

Torna-se essencial, portanto, refletir os métodos utilizados quanto à educação e criação dos meninos, compreendidos pela família, escola, mídia e sociedade e os espaços que

são consentidos às crianças, jovens, mulheres e homens quanto à reprodução, educação e cuidado com os filhos, visto que, a sociedade está demandando do homem, o desempenho de papéis que, anteriormente, eram, tradicionalmente, assumidos, acolhidos pela mulher e legitimados socialmente.

Para favorecer as discussões referentes à educação e criação dos filhos com a participação masculina e feminina, pode-se supor, que se carece de um vislumbrar por todas as famílias, escolas em geral, profissionais da saúde e educação, e a sociedade, a importância do envolvimento e entendimento dessa necessidade por parte do homem e da mulher, instrumentalizando-os para tratar dessas temáticas, não culpabilizando o homem por ainda não estar participando dessa discussão e dessas atividades e, muito menos, a mulher por estar buscando outros espaços de trabalho e realização pessoal. Vários estudos realizados com adolescentes assinalam a não participação dos pais nas discussões sobre sexualidade, relação sexual e relações afetivas e, algumas vezes, referindo-se à mãe como a única pessoa com quem dividem alguns assuntos (GOMES, RESENDE, 2004; ALBARELO, 2006; ALTMANN, 2003; RIETH, 2002).

Do ponto de vista contemporâneo, precisa-se pensar no homem como um ser capaz, e ele o é, de atender as mudanças concernentes ao cuidado dos filhos, mudanças inclusive, nas atitudes e pensar das mulheres, permitindo e rediscutindo com o homem, no sentido de incentivá-lo para assumir esse papel que se considera muito importante frente à família, bem como suscitar outros modos de pensar frente às políticas públicas, destinadas ao homem e ao exercício da paternidade.

Assuntos que envolvem o homem e a mulher suscitam de outros olhares, outras reflexões, uma vez que, ainda, muitas vezes, o homem se ausenta de discussões concernentes a temáticas que dizem respeito à saúde da mulher, como a gravidez, o climatério e a menopausa.

Considerando o resultado de estudos realizados com homens, adolescentes e jovens pais, grande parte deles aponta para a vontade de o adolescente e de o homem envolverem-se em atividades de cuidado com os filhos (LEVANDOWINSKI; PICCININI, 2002; FREITAS; COELHO; SILVA, 2007; CORRÊA, 2005).

Dessa forma, pensar na perspectiva de novas discussões referentes à educação dos filhos poderia desencadear atitudes em casa como, por exemplo, mostrar a importância da aproximação do menino com atividades domésticas, permitir que os mesmos realizem brincadeiras consideradas, exclusivamente, de meninas, como cuidar da casa, embalar bonecas ou, mesmo, o cuidado de irmãos menores.

Na escola, poderia se pensar em estratégias de aproximação, por meio de brincadeiras, ilustrando a importância da distribuição e divisão de tarefas, com igualdade, entre meninos e meninas, valorizando as potencialidades e criatividade de ambos.

Nesse sentido, cita-se o artigo que examina as leis, planos e programas federais que especificam as diretrizes nacionais das políticas públicas de educação no Brasil, desenvolvido por Vianna e Unbehaum (2004, p. 4) que assinalam:

o gênero enquanto um modo de dar significado às relações de poder estabelecidas e difundidas pelas políticas educacionais está presente nas mais variadas esferas, níveis e modalidades de ensino. Advertem que a avaliação sistemática dessas pode tornar-se uma valiosa contribuição para a percepção das desigualdades de gênero.

Entende-se que a educação voltada para o menino, jovem e homem, subsidiados pelas questões de gênero, reforça a competitividade e a força. Para Cia *et al.* (2006), as relações interpessoais podem acontecer em diversos espaços, como na família, no lazer, na escola e no profissional, esperando-se que esses contextos possam motivar diferentes desempenhos e, por isso, o envolvimento e a performance das famílias e dos pais são essenciais para o estabelecimento de relações educativas que promovam o desenvolvimento sociocultural dos filhos. Sendo assim, a revisão desse novo papel do homem necessita de um repensar sobre a maneira como a educação das crianças e jovens está acontecendo em nossas famílias e, principalmente, dar tempo para que os envolvidos possam introjetar as transformações da atualidade, aqui, em especial referindo-se aos jovens, homens e mulheres. Uma dessas transformações diz respeito ao papel do jovem como pai, o que está a lhe exigir diferentes habilidades e comprometimentos.

A busca de novas formas de ser pai está na constituição de masculinidades acompanhada de novas paternidades, uma vez que, o que está se questionando é o modelo tradicional de ser homem e mulher, que hoje parece não dar conta de uma educação que exige a criatividade, parceria e o compartilhamento das atribuições na difícil tarefa de criar filhos. “Neste processo [essas] formas de maternidades/paternidades desempenham um papel importante, uma vez que ainda são os pais [pai e mãe] os responsáveis principais pelas primeiras significações, modelos e representações de que a criança se apropriará” (SIQUEIRA, 1999, p. 198).

Registra-se que a partir dos anos 80, com as modificações referentes aos paradigmas em relação ao adolescente, começaram a despontar temáticas atinentes à paternidade adolescente, após um longo silêncio, em que a gravidez era vista apenas pertencente à mulher.

Autores comentam que, por meio de sua pesquisa bibliográfica sobre textos de divulgação científica, referentes às temáticas contempladas pelo discurso da saúde pública, que muitos dos textos eram de origem estrangeira, necessitando de trabalhos que pudessem evidenciar a realidade enfrentada por nossos jovens (REIS, 1997; LEVANDOWINSKI, 2001). Na esfera Internacional, a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, realizada em Cairo, em 1994, enfatizou a importância do envolvimento do homem nas questões de vida sexual, reprodução e programas de educação sexual para crianças, adolescentes (e jovens). Nesse sentido, a Conferência de Beijing, promovida pela ONU no ano de 1995, chamou atenção para a importância da divisão da responsabilidade pela anticoncepção entre a mulher e o homem, visando à promoção da saúde reprodutiva, abalizando a relevância para a solidificação de uma sociedade democrática e para o desenvolvimento da cidadania (CARVALHO; PIROTTA; SCHOR, 2001). Vale, então, destacar a importância do desenvolvimento de estratégias envolvendo esse público, o jovem, entendendo que o mesmo pode carecer de suporte para o enfrentamento de futuras responsabilidades, entre as quais se podem destacar a vida profissional (desemprego ou intensas jornadas de trabalho, baixa auto-estima, violência, as injustiças sociais), os envolvimento afetivos, a reprodução, a paternidade, preparando-o para provável constituição de uma família.

Frente a isso, Ramos (2001, p. 14), salienta que “a família precisa ser aprendida em sua historicidade e permanente transformação, envolvendo finalidades, estruturas, conformações e significados diversos, bem como compromissos mútuos, interação, desempenho de papéis, troca de cultura, hábitos, valores e modos de vida”.

Devido à saída do homem e da mulher para extensas jornadas de trabalho fora de casa, as famílias estão delegando o cuidado dos filhos a outras pessoas ou instituições (babás, creches, escolas maternais ou escolas com tempo integral), ficando a criança ou o jovem, muitas vezes, à mercê de outros ensinamentos, hábitos e valores comuns a esses ambientes. Se o diálogo e a troca de informações não acontece nas famílias quando o jovem está despertando para novos saberes, mais tarde, o mesmo pode procurar esclarecer suas dúvidas com quem está mais próximo, ou seja, o seu grupo de amigos ou outras pessoas que povoam o seu dia-a-dia.

Nos momentos dos conflitos e novas descobertas, a presença da família tem um grande valor, pois é o grupo mais próximo ao jovem e o responsável pelos primeiros aprendizados. Considera-se que a família é a base de todo o ser humano. É ela que ensina os valores que farão parte da vida do indivíduo.

Diante das mudanças fisiológicas e corporais enfrentadas pelos jovens, a estrutura familiar e a compreensão dos pais são significativas, possibilitando ao jovem consentir e aceitar os desafios característicos desta etapa da vida (a oferta de drogas ilícitas, primeiras experiências sexuais, decepções amorosas, enfrentamento da universidade, entre outros), preparando-o para as implicações, armadilhas e expectativas da vida em sociedade. Relacionamentos seguros e estáveis com os pais e a família como facilitadora, contribuem para a saúde mental do jovem, favorecendo as demonstrações de agressividade, raiva, carinho, ternura e afeto (WAGNER *et al.*, 1999).

Os pais, muitas vezes, com dificuldades para o enfrentamento desta nova fase da vida, a juventude de seus filhos, angustiam-se, criticam e prejudgam-nos, não lembrando do jovem que foram, anteriormente, podendo causar instabilidades familiares, e, por sua vez, levando o jovem a buscar apoio em seus pares. Julga-se importante que os pais se aproximem e interajam com o mundo de seus filhos, abrindo espaços para o diálogo reflexivo, sem preconceitos, respeitando a privacidade, necessidade de desafios, aventurar-se e ultrapassar limites (auxiliando-os na identificação de possíveis riscos), encontrando apoio e partilhando as possíveis adversidades que poderão acontecer nesse processo do desenvolvimento humano, educando-o e apontando os caminhos para a sua autonomia. Frente a isso, Venturi, Abramo (2000) em pesquisa com jovens objetivando entender a vivência da condição juvenil no Brasil de hoje, identificaram, entre os pesquisados, que ser jovem é ter liberdade para se divertir, adiando ou minimizando as responsabilidades familiares e financeiras. Já, as formas negativas de ser jovem podem estar relacionadas a proximidades com as drogas, violência e o trabalho com obrigação ou a sua falta.

Ficam, também, perguntas: por que é tão difícil lidar com os jovens? Por que a maioria das famílias refere problemas com os seus jovens? Será que já não existe um estigma em relação a essa faixa etária, estando já instituído que todos os jovens irão apresentar e serão problemas para as famílias? Precisa-se refletir sobre esta forma, tradicional, pronta, formatada de olhar o jovem e avaliar que modelo de educação se quer, hoje, para ele. Acredita-se que, também os pais estão com dificuldades para o enfrentamento de determinadas situações, tais como dificuldade de diálogo, sexualidade, reprodução, que podem acometer a vida dos jovens. Para isso, acredita-se que o diálogo e a amizade entre os pais e filhos é algo marcante. Percebe-se em muitos jovens a necessidade de aventurar-se e, ao mesmo tempo, receio em fazer isso, contando com o apoio dos pais, o que, muitas vezes, não acontece.

A globalização da economia e o avanço das novas tecnologias favoreceram algumas dificuldades entre os jovens, dentre elas a exclusão, o desemprego e a marginalização. Vale

ressaltar que, quando se fala em jovens, é referência a todos os jovens com suas diferenças raciais, educacionais, sociais, econômicas que conduzem a refletir-se sobre as políticas públicas existentes, específicas para o jovem e, em especial ao masculino, para que as mesmas contemplem as necessidades educativas, sociais, afetivas, criativas desses jovens, preparando-os para a vida.

Ressalta-se que família(s), escola, serviços de saúde e comunidade podem fornecer subsídios para que jovens masculinos e femininos assumam compromisso com sua vida reprodutiva, viabilizando trocas de conhecimento e possíveis maternidades e paternidades responsáveis. Pensa-se que essas instituições citadas ausentam-se e/ou omitem-se frente a seus papéis de orientadores e estimuladores de sentimentos, desejos, valores, e o jovem, muitas vezes, percebe-se despreparado para os desafios da nova fase da vida. Desta maneira, integrar e envolver o jovem na temática da paternidade constitui-se em, quem sabe, reservar melhores dias para sua futura família, na intenção de fortalecer vínculos e, talvez, aumentar sua auto-estima e confiabilidade, identificando-se com o seu futuro papel de pai.

3.3 A sexualidade do jovem

Falar sobre a paternidade e a importância que o pai tem frente aos filhos, no meio acadêmico, mostra-se importante frente ao cenário atual, pois cada vez mais se percebe que o jovem enfrenta desafios de várias maneiras sobre as etapas da vida. Pode-se citar que, conforme suas experiências prévias na família, na escola, no grupo de amigos, seus comportamentos, valores e atitudes refletem seus aprendizados.

Enfatizam-se com frequência, temas como gravidez na adolescência, acidentes de trânsito, uso de drogas, prostituição, mas, comumente, não se disponibilizam espaços de discussão entre os jovens para amenizar as possíveis ansiedades advindas desses debates. Acrescido a isso, cabe salientar que não faz parte de discussão, em que se apresente o tema da sexualidade, uma escuta sobre o que os jovens têm a dizer sobre a sua possibilidade de, futuramente, ser pai/mãe.

Smeke e Oliveira (2001) propõem que os indivíduos sejam conduzidos a ter uma concepção simples da situação em que vivem e, a partir da exploração, compartilhamento e socialização de crenças e valores, é possível que os sujeitos, reelaborem as informações que

tinham antes, assumindo, eventualmente, um desempenho na sociedade, difundindo os conhecimentos desenvolvidos.

Visto que a juventude é um período de preparação do indivíduo para a vida adulta, reitera-se a relevância de desenvolver trabalhos de educação para a paternidade voltada para o jovem, aliando fatores psicológicos, culturais e sociais, despertando e subsidiando o mesmo para decisões autônomas na condução de sua vida.

Baeninger (1999) aponta que a rápida transformação na estrutura etária da população trouxe implicações para a elaboração de políticas sociais voltadas para públicos-alvos como população jovem em idade escolar. A autora cita como população jovem, aquela entendida entre as idades de 10 a 24 anos, classificando esse grupo jovem nos seguintes recortes etários: pré-adolescente de 10 a 14 anos, jovem adolescente de 15 a 19 anos e jovens adultos entre 20 a 24 anos.

Chaves Junior (1999, p. 41) destaca que são necessários estudos sobre a população jovem e “que o lugar do termo juventude, na conceituação geracional¹ já encontrava, pois, em seu começo, polêmica sobre a demarcação temporal como forma de classificação” e, com isso, o conceito de juventude sofre alterações de acordo com as dinâmicas regionais e interesse de determinados grupos. O mesmo autor reafirma que, essa polêmica, em torno de quem se fala quando se usa o termo jovem, é essencial para afirmação de uma política de juventude e serve como denominador comum dos aspectos que nos permitem apreender a idéia de juventude: ingresso no mercado de trabalho, paternidade, características biológicas e traços culturais marcantes e que a juventude, no conceito de geração, “seria o grupo etário responsável por determinar, de forma mais veemente, o ritmo da história” (CHAVES JUNIOR, 1999, p. 43). Tal concepção vai ao encontro do que Sposito (2004) comenta, que, nesse momento do ciclo vital, os jovens dão às suas práticas vários sentidos e interagem com um conjunto de instituições nas quais estabelecem contatos simbólicos constituídos pelo mundo adulto na família, na escola e no trabalho.

Traverso-Yepez e Pinheiro (2002, p. 3) destacam:

em função do alongamento dessa fase na qual não são assumidas as responsabilidades ditas adultas, deve-se, portanto, situar sempre a adolescência e/ou juventude, no contexto das condições sócio-históricas que definem sua especificidade enquanto objeto de estudo.

¹ Geracional: conjunto de pessoas que tem mais ou menos a mesma idade.

Tonato e Sapiro (2002), em sua pesquisa, realizada com alunos de 7ª série de ambos os sexos, com o objetivo de investigar inovações nas práticas de ensino-aprendizagem, que atentem para a questão da Orientação Sexual, perceberam a importante participação dos amigos na vida dos jovens, pois comungam da mesma idade, dúvidas sexuais, favorecendo ao esclarecimento e apoio em horas mais difíceis. Para os jovens, os pais não deixam de ser importantes, mas buscam com seus semelhantes, vivências e experiências necessárias para esta fase da vida. A educação sexual, enquanto constitutiva do processo educativo das pessoas, pode resultar no modo como as mesmas reagem às questões sexuais e na maneira como vivem as sexualidades, sendo importante tratar a sexualidade durante toda a vida, “principalmente na infância e adolescência” e juventude (JESUS, 2000, p. 48).

Apesar das transformações e avanços científicos e tecnológicos das últimas décadas, observa-se que, muitas vezes, a sexualidade é uma temática tratada de forma singular, associada à iniciação e relação sexual, rodeada de pré-conceitos, mitos, perpetuando tabus e inverdades, impedindo que tal assunto seja abordado com clareza por parte dos pais, professores e profissionais da saúde.

Outro fator, que merece análise, diz respeito à condução dos enfermeiros e professores frente ao jovem sobre as temáticas sexualidade, educação sexual e vida reprodutiva, exigindo-se dos mesmos, postura ética, franqueza nos diálogos, sem preconceitos, evitando posições quanto a crenças e valores que lhes são próprios, atuando como facilitadores e animadores de conversa amigável e despertando interesses (TONATTO; SAPIRO, 2002). Nesse sentido, cabe comentar que os enfermeiros têm se apoiado em conhecimentos traduzidos pela lógica biomédica, ou seja, atendendo a aspectos técnicos e biológicos, voltados para a genitalidade, que é apenas um dos componentes da sexualidade, como referem Ressel e Gualda (2004).

Trabalhando sob os modelos cartesianos, dividindo corpo e mente, o biológico e o social, reforça-se o modelo biomédico, podendo a escola e os professores possibilitarem ao aluno a construção do aprendizado sobre seu corpo e a sexualidade de forma inadequada. A orientação sobre a sexualidade humana entre os jovens pode acontecer como um momento prazeroso de descoberta sobre o corpo, ajudando-o a desvendar suas próprias capacidades sexuais e construção de sua identidade.

Na juventude, muitas vezes, podem ocorrer conflitos familiares, emocionais e sociais, transtornos de vínculo afetivo, insegurança, questionamentos sobre regras, valores, identidade, sendo o jovem visto como um ser em transição, faltando-lhes ainda, as competências para a vida adulta (GODINHO *et al.*, 2000; OLIVEIRA; EGRY, 1997).

Portanto, adequar espaços para discussões sobre as diferentes formas de viver a sexualidade com seus pares pode ser uma das possibilidades de permitir ao jovem expressar seus sentimentos, aspirações e necessidades, participando da construção de seu projeto de vida.

Ao mesmo tempo em que se observa um número reduzido de estudos que contemplem a paternidade na visão dos jovens, questiona-se as exigências dirigidas aos homens, no sentido de sua participação frente à reprodução e cuidados com os filhos, apontando, nesse sentido, a necessidade de revisão na educação voltada para o homem. Por isso, pensa-se que a educação sexual e reprodutiva deva constar nos currículos desde a pré-escola, possibilitando aos sujeitos conhecimentos para construção da sua história de vida. Recentemente e ainda de maneira incipiente, estão sendo produzidos, nos meios acadêmicos, estudos referentes ao papel do homem frente à vida reprodutiva e paternidade (MEDRADO, 2001; FONSECA, 2001; NOLASCO, 1995; HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, CAUDURO, 2005). Tais pesquisas referem a necessidade de que novos estudos sobre esta temática sejam desenvolvidos com vistas a possibilitar aos homens e mulheres o enfrentamento das constantes mudanças nos contextos sociais, econômicos, culturais e familiares, que influenciam no processo de criação dos filhos, requerendo, desta forma, um conhecimento de como esses novos papéis estão sendo reproduzidos e internalizados entre os homens. Ramires (1997) comenta que, somente nos últimos anos, destacou-se a importância da figura paterna desde a concepção, afirmando que o comportamento e atitudes do pai repercute no desenvolvimento saudável do feto.

Fala-se, hoje, em novo pai, novo homem, mas, ao mesmo tempo, esquece-se que a construção social do jovem e do homem pode interferir para que o mesmo assuma papéis frente aos filhos, sendo esses delegados, historicamente, para as mulheres. Inovar práticas nas famílias, nos serviços de saúde e escola, contribuindo para a construção da trajetória de vida do jovem, poderá ser um caminho para que se sinta estimulado para cuidar, futuramente, dos filhos e da família. Percebe-se como referenciam Freitas, Coelho e Silva (2007) que, aos poucos, o homem está interagindo melhor no campo das relações familiares e essa mudança para o chamado novo pai, não depende, exclusivamente, do homem e, sim, da necessidade dessa discussão acontecer no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, por meio de ações de promoção da saúde oferecendo e promovendo discussões sobre essas temáticas, oportunizando ao jovem e à jovem, ao homem e a mulher o poder de decisão sobre sua saúde sexual, reprodutiva e maternidades e paternidades responsáveis.

Lyra e Medrado (2000, p. 155), em uma pesquisa que procurava identificar o número de pais adolescentes no Brasil, encontraram que quando a paternidade é abordada, faz-se em sua grande maioria, segundo a ótica feminina, contribuindo para a idéia que são as mulheres as únicas responsáveis pela gravidez e cuidado com os filhos, reforçando que “quase nunca se investiga sobre a participação, responsabilidade e desejo dos homens no processo da reprodução”. A respeito disso, Vasconcellos (2001) lembra que a organização psicológica da paternidade acontece pela apropriação pessoal que o indivíduo faz ou não desse papel. Tornar-se pai implica para o homem diversas adaptações de vida. Por outro lado, questiona-se a quem cabe prepará-lo para esse papel que, exclusivamente, até a poucos dias, era desempenhado apenas pelas mulheres, muitas vezes não deixando o homem participar dessa construção? Será que a família, escola, mídia e as políticas públicas estão proporcionando discussões e reflexões sobre novas atividades e compromissos que o homem atual pode assumir? Que práticas educativas para a vida estão sendo desenvolvidas nas Universidades? Será que se está oferecendo estratégias de desenvolvimento para os jovens? Como os profissionais e serviços de saúde estão absorvendo essas demandas? Precisa-se refletir sobre as condições dos meninos, jovens e homens, pensando em contribuições que venham ao encontro das necessidades de conhecimentos para os envolvidos adaptarem-se aos seus verdadeiros papéis.

3.4 Os meios de comunicação, escolas e os amigos

Os meios de comunicação, a escola, o grupo de amigos podem ser considerados instituições formadoras para a vida. Fornecem o conhecimento que fará parte do cotidiano das pessoas e têm papel importante na construção de identidades, visões de mundo, escolhas, entre outros aspectos. O que é apreendido por meio dessas instituições servirá de alicerce para o futuro. A escola, hoje, com a tarefa de compartilhar muitas das funções com a família, vê-se frente a temáticas que, muitas vezes, também não tem o preparo e o discernimento necessário para conduzir. Dentre alguns dos temas tem-se a sexualidade, por exemplo. Os currículos escolares estudam o corpo humano, seus órgãos, sistemas e funcionamento, com visão meramente biologicista, não atendendo, assim, o interesse, anseios, dúvidas e curiosidades do educando.

Concorda-se com Tonato e Sapiro (2002, p. 4), quando afirmam que “os professores, apesar de perceberem a necessidade de adotarem uma maior abertura para o tratamento de

questões relativas à sexualidade na escola, continuam sem subsídios adequados para trabalhar estas questões.” Discutir esse assunto, realmente, traz a luz os mitos e tabus que permeiam a sexualidade humana, e não é tarefa fácil para os educadores, muitas vezes eles próprios com suas crenças e valores que vão de encontro à abertura que deve ser proporcionada nos debates. A própria linguagem dos jovens, os comportamentos evidenciados, o pensamento mágico, próprio da juventude, de que com eles é diferente, impõe limites e receios que não permitem um aprofundamento por parte dos professores.

A experiência tem demonstrado que a escola carece de um diálogo mais franco e aberto com os alunos, enfatizando e discutindo os papéis do homem e da mulher, na construção de um mundo novo possível, e, nesse diálogo, poderiam ser incluídos temas como a formação de famílias.

Domingues e Alvarenga (1997), em seu estudo, com o objetivo de caracterizar o processo de construção de identidade do adolescente no Município de São Paulo, identificaram que os adolescentes pesquisados querem usufruir os benefícios, como discotecas, barzinhos, saídas e festas noturnas e não assumirem responsabilidades, como trabalhar e cuidar de filhos, mesmo sinalizando aspirações de participar do mundo dos adultos. Partindo de tais considerações, acredita-se que é relevante criar condições e habilitar o jovem para decisões e responsabilidades futuras, dentre elas a paternidade e responsabilidades familiares.

Sabe-se que a entrada na universidade pode ser uma fonte de estresse para o educando devido às suas exigências e novidades. O início da vida dos estudantes na academia gera, muitas vezes, um aumento de responsabilidades e competitividade, levando a ansiedades e desajustes sociais. Além disso, os alunos também se deparam com mudanças no tipo de ensino, com as incertezas da escolha profissional, com normatizações específicas e com compromissos acadêmicos, podendo surgir uma instabilidade emocional. Frente a isso, defende-se que a academia possua uma estrutura capaz de acompanhar os acadêmicos, fornecendo subsídios para o desenvolvimento desses cidadãos que estão assumindo novas responsabilidades, enfrentando uma nova etapa de vida. Acredita-se que o espaço acadêmico seja um meio facilitador para que os jovens desenvolvam, através de suas relações com os demais colegas e professores, uma aprendizagem não só centrada no aprimoramento de saberes científicos, mas sim, com a revisão de noções construídas, anteriormente, e com conhecimento e apreensão de novos comportamentos e atitudes frente à vida.

Por outro lado, pensa-se que, independentemente da maneira como a criança foi educada para o enfrentamento de determinadas situações de vida, como, por exemplo, a

vivência de sua sexualidade, a escola e a universidade podem contribuir para a discussão do processo da sexualidade humana, proporcionando aos educandos uma visão da totalidade do homem para sua autocompreensão, trajetória de vida pessoal ou profissional (GIR; NOGUEIRA; PELÁ, 2000). A partir disso, considera-se que, por meio de mudanças nas estratégias educativas nas escolas, mídia e nos lares, os jovens de hoje, futuros pais, poderão discutir essas temáticas com seus filhos, conduzindo-os para um enfrentamento com mais conhecimentos sobre os diferentes momentos da vida do ser humano.

O jovem, em pleno desenvolvimento e em busca de novos modelos de formação de sua identidade adulta, é, altamente, influenciado pelos meios formadores de opinião pública como a mídia, por exemplo, levando-o à ilusão da conquista do prazer imediato e de um estado de independência, exercendo controle e escravidão da mente humana (LEVINSKY, 1998). Para isso, a mídia pode desempenhar um destacado papel educativo, muito interessante, se o jovem tem condições de refletir e criticar o que está sendo exibido. Os jovens identificam-se, principalmente, com programas nos quais os protagonistas, também são jovens, seus pares iguais, mostrando vivências reais do cotidiano.

Todavia, a mídia, atuando como formadora e reprodutora de estereótipos sociais, impõe padrões econômicos, de beleza, de reconhecimento, muitas vezes idealizados e perseguidos pelos jovens, contrapondo, assim, os valores e parâmetros preconizados e seguidos pelas famílias. A intervenção educativa faz-se necessária, nesses casos, visto que a transgressão das normas precisa da interferência da família assim como a imposição de limites.

Observa-se que hoje a televisão ocupa grande parte do tempo de convivência familiar, diminuindo o diálogo e a troca de idéias entre pais e filhos. Ressalta-se que os pais, em sua função educativa, podem mediar esse conhecimento produzido e oferecido nos lares, discutindo o que está sendo veiculado e, assim, conhecer o pensamento de seu filho ou filha. Aproveitar a oportunidade que pode ser, tanto de matéria negativa quanto positiva, pode servir para desencadear um diálogo e aprofundar questões, as quais, muitas vezes, estão veladas por falta de conhecimento ou iniciativa em abordar. Nesse sentido, concorda-se que a mídia, também, contribui para revelar temáticas que antes permaneciam ocultas ou, parcialmente desveladas, para a maioria da sociedade, como a homossexualidade, casamento entre homossexuais, adoção, entre outros (BIERRENBACH, 1998; CAPPARELLI, 2001; SABAT, 2001).

Num mundo moderno em que a carência de diálogo é evidente e, em que a visão de família se modificou, poder-se-ia dizer que se apresentam muitas dificuldades ou até mesmo

que não se realizam mais ações educativas em saúde. No entanto, têm-se, ainda, outros vieses nos quais se apoiar e justificar, que vislumbram caminhos para essas ações. Faltam vontades, muitas, principalmente política, social, educacional, mas, ainda, acredita-se que é em espaços da escola, do serviço de saúde, da universidade, da casa, que se tem condições para debater e discutir assuntos que podem ser disparadores de modificações de modos de pensar, ou de pensar de maneira crítica, sobre as situações de vida, tanto particular como coletiva. Além disso, é importante e recomendável que as escolas, as famílias, profissionais da saúde possam e tenham condições de seguir a evolução dos diferentes saberes, esclarecendo dúvidas, aliviando conflitos e trocando informações com o jovem, a fim de conhecer, reconhecer suas potencialidades, vulnerabilidades e desenvolver estratégias de intervenções para atuar junto a essa população.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo descrevem-se a trajetória percorrida neste estudo para concretização da coleta e a análise dos dados. Apresentam-se os objetivos, as questões norteadoras, o tipo de estudo, local onde foi efetivada a pesquisa e a seleção dos participantes, a coleta de dados e as considerações bioéticas.

4.1 Objetivos do estudo

Conhecer as perspectivas do jovem universitário da Região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade.

Identificar a visão do jovem em relação à sua criação e educação

Identificar como as instituições (família, grupo de amigos, escola) influenciam no seu desenvolvimento e no seu modo de pensar.

4.2 Questões norteadoras do estudo

Apresentam-se as questões que dirigiram esse estudo:

- a) quais as perspectivas do jovem universitário da região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade?
- b) como esses jovens percebem a sua educação/criação?
- c) em seu desenvolvimento, estes jovens foram questionados sobre as suas vontades, medos e dúvidas frente à reprodução e à paternidade?

4.3 Tipo de estudo

Para o alcance do objetivo optou-se por desenvolver um estudo do tipo exploratório, descritivo, adotando a abordagem qualitativa. A escolha da abordagem qualitativa ocorreu devido à intenção em explorar um fato ainda pouco conhecido, como refere a própria literatura consultada, estudando o fenômeno na perspectiva do jovem em relação à paternidade para o qual se carecia de explicações características. Segundo Minayo (2004), a abordagem qualitativa:

[...] responde a questões muito particulares. Preocupa-se, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo que pode ser motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2004, p. 21).

O estudo exploratório, na percepção de Triviños (1994), permite ao investigador aumentar suas experiências acerca de um determinado problema, explorando as diferentes dimensões dos fenômenos estudados, surgindo novas hipóteses à medida que ocorre a contribuição do informante.

Já o descritivo favorece ao pesquisador observar, descrever e classificar tais fenômenos. A pesquisa qualitativa, reforça Minayo (2004, p. 10), “é entendida como aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações, às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas”.

4.4 Cenário de investigação

O estudo concretizou-se em uma Universidade da Região do Médio Alto Uruguai. A região do Médio Alto Uruguai está localizada no extremo norte do Rio Grande do Sul, integrada por trinta municípios, dentre eles Frederico Westphalen, somando uma população de 183.927 habitantes. Desses, 43,85% residentes no meio urbano e 56,15% no meio rural (UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES,

2003). A referida região conta com 26.072 estabelecimentos rurais e as propriedades apresentam tamanho médio de 18,7 hectares. O município de Frederico Westphalen, situado na Região Norte do Rio Grande do Sul, foi criado em 15.12.1954 e emancipado em 28.02.1955. Sua principal atividade é o comércio. Está a uma distância de 450 km da capital, Porto Alegre, possuindo uma população de 26.759 habitantes, sendo homens no total de 13.089 e mulheres de 13.670 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2004; UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES, 2003).

4.5 Participantes do estudo

Para a eleição dos participantes do estudo foram selecionados os critérios de inclusão e exclusão apresentados a seguir. A princípio, seriam incluídos no estudo os jovens masculinos com idade entre 20 e 24 anos, universitários, regularmente matriculados em cursos superiores e residentes na Região do Médio Alto Uruguai, mais precisamente, em cinco municípios dos 28 que compõem a região. Já os critérios de exclusão envolviam os jovens universitários que residissem fora dos municípios que compõem a região escolhida.

Após a confirmação da existência dos 18 cursos superiores da Universidade, a seleção dos participantes deu-se mediante critério aleatório, ou seja, no primeiro momento foram colocados os nomes dos 18 cursos da Universidade em um recipiente e sorteados, aleatoriamente, cinco cursos. Após a constatação dos cursos sorteados, para facilitar a investigação, elaborou-se uma carta direcionada aos Coordenadores dos Cursos anteriormente selecionados (Apêndice A). Solicitou-se que os mesmos indicassem dois jovens de seu curso que apresentassem as características necessárias para participar do estudo. Optou-se pela eleição do nº. de cinco cursos e, conseqüentemente, a escolha pela indicação de dois nomes de jovens universitários abrangendo um total de 10 jovens. Tal número se justifica, considerando a necessidade de proporcionar, frente à relevância da temática, o tempo de dez minutos para cada participante se pronunciar no grupo (LEOPARDI *et al.*, 2001). A resposta à solicitação com a indicação dos dez nomes obteve-se após três semanas. Com essas indicações em mãos, a pesquisadora buscou contato telefônico com cada jovem para efetuar o convite, como foi indicado o seu nome e a importância de sua participação no estudo. Mediante a aceitação e confirmação de todos os indicados, após vários telefonemas, foi possível agendar o primeiro

encontro em local, data e horário que conviesse a todos. Dos 10 jovens universitários selecionados e confirmados, dois não compareceram desde o primeiro encontro. Ao mesmo tempo, quando se iniciou o primeiro encontro e realizada a conferência dos nomes, constatou-se que um dos participantes tinha mais de 24 anos, o que não foi relatado pelo universitário durante o contato telefônico. O mesmo manifestou, mesmo não atendendo aos critérios de inclusão, grande interesse em participar e contribuir com o estudo. Frente ao interesse e disponibilidade do mesmo, optou-se por incluí-lo no estudo.

4.6 Coleta de informações

Neste tópico informa-se sobre a coleta de informações, realizada por meio da técnica de entrevista semi-estruturada e do grupo focal. Descreve-se como aconteceram as entrevistas, como o grupo foi constituído e o local onde se realizaram os encontros. Registra-se que a coleta de informações ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2006.

4.6.1 O grupo focal

O grupo focal é uma técnica de pesquisa que segundo Leopardi *et al.* (2001, p. 258), “é uma forma de coletar dados diretamente das falas de um grupo, que relata suas experiências e percepções em torno de um tema”. Por ser uma técnica de investigação, que acontece por meio de encontros grupais, as pessoas são convidadas a compartilhar de debate sobre determinada temática (LEOPARDI *et al.*, 2001). É uma técnica apropriada para pesquisas qualitativas em que se pretende explorar uma temática e abordar “um tema específico a fim de captar as diferentes visões sobre o mesmo [...], um grupo, a fim de captar suas visões de mundo ou determinados temas [...] e quando se pretende entender com profundidade um comportamento dentro de um grupo determinado” (VÍCTORA; KNAUT; HASSEN, 2000, p. 66). O grupo é coordenado por um moderador, tendo apoio de colaboradores. Para o estudo foram convidadas duas acadêmicas do Curso de Enfermagem para auxiliar a pesquisadora, como observadoras do grupo e na transcrição das fitas. Foram realizados dois grupos focais com a duração de duas horas cada. Para atender ao objetivo de

estudo e às questões de pesquisa, elaborou-se a agenda dos grupos com um guia de temas de interesse do estudo (Apêndice B).

4.6.1.1 Descrição do primeiro encontro do grupo focal

No primeiro encontro observou-se que a chegada dos participantes no local, onde se desenvolveria a atividade do grupo, ocorreu de maneira gradativa e os mesmos se apresentavam apreensivos com a atividade a ser desenvolvida. Cabe destacar que essa apreensão, também, era da pesquisadora e das colaboradoras. Após esse momento foi realizada a apresentação dos participantes e solicitada a colocação dos crachás.

A pesquisadora agradeceu e registrou sua satisfação com a presença de cada um. Para facilitar o envolvimento de todos foi iniciada uma conversa informal sobre vários assuntos na intenção de descontrair os participantes e estabelecer um clima de liberdade e confiança.

A pesquisadora apresentou-se a todos, falando do título, objetivos do trabalho, da opção pela técnica de grupo focal, perguntou se poderia gravar as falas, comentando sobre o anonimato e a duração do encontro. Leu-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, solicitando suas assinaturas no final do encontro. O Termo constava de duas vias, uma ficando com o participante e outra com a pesquisadora.

Após, solicitou-se que cada participante se apresentasse dizendo seu nome, idade e o seu curso. Confirmou-se, então, como descrito no item 3.5, que um participante apresentava idade acima de 24 anos, gerando discussão sobre a sua participação ou não no grupo. O universitário manifestou interesse em continuar no estudo, revelando que, quando a Coordenadora de seu curso procurou por interessados em fazer parte do estudo, poucos se manifestaram e, devido seu interesse na temática, prontificou-se a fazer parte do grupo. Registra-se que esta situação causou certo constrangimento na pesquisadora, frente à vontade do participante fazer parte do estudo.

O assunto disparador desse encontro foi a palavra “**paternidade**” escrita em um cartaz, colado no quadro verde. Tal situação desencadeou muitas discussões entre os participantes. No intervalo programado para o lanche, percebeu-se a integração do grupo manifestada pela troca de experiências relacionadas ao tema e novas descobertas. Nesse momento, os jovens conversaram mais descontraídos e observou-se, pelas brincadeiras entre

eles, que, realmente, a temática surpreendeu-os e incentivou-os a novos questionamentos e abordagens que foram discutidas no segundo período do grupo.

Após o término desse encontro, percebeu-se que, apesar do preparo cuidadoso do guia de temas da agenda, o pesquisador necessita ser flexível frente a novas questões e reflexões que apareçam durante o encontro. Agendou-se, com acordo de todos, o próximo encontro para a semana seguinte em local, horário e mesmo dia da semana.

4.6.1.2 Segundo encontro

O segundo encontro transcorreu com tranquilidade, contando com a participação dos jovens e das colaboradoras. Agradeceu-se a presença de todos, os crachás foram recolocados. Realizou-se uma retrospectiva do encontro do grupo focal anterior, questionando os jovens como foi refletir sobre a temática em estudo e se os mesmos teriam algo a complementar. Em seguida, deu-se continuidade, retomando a última questão abordada no encontro anterior: a influência da mídia em relação ao papel deles como pai.

Após, a pesquisadora orientou sobre o tema disparador desse encontro que constou da exposição de uma série de fotos, previamente selecionadas, e que apresentavam crianças, jovens envolvidos com crianças, casamento, crianças e pais, pai cuidando de crianças. As fotos foram projetadas, lentamente, e solicitou-se que os jovens tecessem comentários sobre as mesmas, se eles se percebiam como atores nessas fotos e como seriam suas relações com seus filhos.

4.6.1.3 Local dos encontros

Os encontros foram realizados em uma sala de aula da Universidade, no horário noturno. O local escolhido deu-se ao fato de todos estudarem na Universidade, bem como a pesquisadora ser docente da mesma. Optou-se por uma sala de aula em andar térreo, de fácil acesso e pouco trânsito de outros professores e alunos. Foi providenciado para os encontros o agendamento e a organização da sala, bem como material o necessário: sala com cadeiras, quadro verde e ventilador, aparelho de data show, papel cartaz, dois gravadores, espaço para o

lanche. Salienta-se que dois gravadores utilizados para as gravações das falas foram colocados em uma cadeira no centro do círculo, facilitando a captação de todas as falas dos jovens. Nos dias dos encontros, antes do início das atividades, a pesquisadora e colaboradoras organizaram a sala, conferindo os últimos detalhes, precavendo-se de prováveis imprevistos.

4.6.1.4 Constituição dos grupos

O grupo constituiu-se por oito universitários que aceitaram fazer parte do estudo e que se adaptavam aos critérios de seleção propostos pela pesquisadora. Inicialmente, foi previsto o número de dez participantes, levando-se em consideração a possibilidade de desistências, assim como o tempo necessário para cada um contribuir com a sua fala. Conforme Leopardi *et al.* (2001, p. 261), “para determinar a dimensão do grupo, deve-se considerar o tempo que cada participante necessita, em média, para falar o que conhece do tema”, por exemplo, se o tema exige dez minutos para que cada participante se pronuncie, o número pode ser entre oito e dez participantes, segundo essa autora, e, segundo Debus (1997), a dimensão aceita para um grupo focal é entre oito e dez participantes. Bauer e Gaskell (2002) destacam que um grupo focal tradicional compreende entre seis e oito pessoas. Optou-se por selecionar dez, prevendo-se a possibilidade de ausência de algum jovem, permanecendo, então, um número entre seis e oito. Como estava previsto trabalhar com temas diferentes nos dois encontros, optou-se por não selecionar novos participantes, considerando-se que o número de oito participantes, vinha ao encontro do que é recomendado pela literatura.

4.6.2 Entrevista

No entendimento de Leopardi *et al.* (2001), a entrevista é um recurso importante sempre vista como um encontro social. Neste momento, os jovens tiveram a oportunidade de falar sobre as suas perspectivas quanto à paternidade. Para Triviños (1994), a entrevista semi-estruturada parte de princípios básicos apoiados em teorias ou hipóteses que vão surgindo à medida que recebem retorno do informante, viabilizando novas hipóteses. Ressalta-se que a

entrevista foi gravada mediante a autorização do participante, bem como, outras anotações realizadas pela pesquisadora, imediatamente após a entrevista.

As entrevistas, após agendamento prévio com os participantes do local, data e horário, aconteceram em uma sala administrativa da Universidade. Optou-se por esse local por ser do conhecimento de todos, de fácil acesso e por não haver expediente no horário combinado (noturno). Foram agendadas duas entrevistas por noite, prevendo horário de, aproximadamente, uma hora cada entrevista. Utilizou-se um “tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas de pesquisa” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 82) com perguntas iguais para todos os participantes (Apêndice C).

As entrevistas iniciaram com a pesquisadora agradecendo aos participantes, lembrando a sua importante participação, prevendo a duração de, aproximadamente, uma hora para a entrevista e pedindo permissão para a gravação de suas falas, registrando os depoimentos para uma análise posterior.

As entrevistas ocorreram com tranquilidade, os participantes mostrando-se mais desinibidos, respondendo as questões, trazendo reflexões que aconteceram durante o encontro do grupo focal. Observou-se que muitas das respostas às questões da entrevista já teriam sido discutidas no encontro do grupo focal. Nesse sentido, foi percebido que a entrevista não contribuiu como era esperado, com novas abordagens sobre o tema, que fosse acrescentar novos dados para posterior análise.

4.7 Organização e análise das informações

A análise das informações realizou-se por meio da análise temática de conteúdo, proposta por Minayo (2004), que pode ser definida como um feixe de relações, graficamente apresentado, através de uma palavra, frase ou resumo (MINAYO, 2004), sendo o “tema, a unidade de significação que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura” (BARDIN, 1977, p. 105).

A análise temática é composta de três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. São efetuados a codificação, a classificação, a categorização do material e o tratamento de resultados obtidos e interpretação descritos a seguir:

4.7.1 Pré-análise

A pré-análise “consiste na escolha dos documentos a serem analisados; na retomada das hipóteses e dos objetivos iniciais da pesquisa, reformulando-os frente ao material coletado; e na elaboração de indicadores que orientem a interpretação final” (MINAYO, 2004, p. 209).

Nesta fase, denominada de “leitura flutuante”, os dados coletados por meio da técnica de grupo focal e da entrevista foram transcritos, organizados e lidos, exaustivamente, com o objetivo de impregnar-se de seu conteúdo. Essa etapa constituiu-se de uma revisão das transcrições pelas colaboradoras e produziu uma grande quantidade de material digitado, totalizando 105 páginas.

Na etapa denominada “constituição do *corpus*”, procurou-se atender às regras de exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência da seguinte maneira: na exaustividade, procurou-se contemplar todos os aspectos levantados no roteiro das agendas dos grupos, tendo-se o cuidado de verificar se os participantes respondiam todas as questões.

Na representatividade, buscou-se compreender se os depoimentos emitidos eram, realmente, a representação do grupo selecionado. Na regra de homogeneidade, respeitou-se o critério preciso de apresentação dos temas e da técnica. Na pertinência, revisou-se se os documentos transcritos continham subsídios que atendessem aos objetivos do trabalho. Nessa fase pré-analítica, após a leitura dos depoimentos, separaram-se no texto, as unidades de registro, traduzidas por frases, palavras ou parágrafos.

4.7.2 Exploração do material

Nessa fase, que consiste, segundo Minayo (2004), essencialmente na operação de decodificação, foi realizado um agrupamento dos dados por semelhança. Após várias leituras e idas e vindas ao texto, procurando reagrupar ou transpor dados de um conjunto de semelhanças para outro, evidenciaram-se as primeiras categorias, assim denominadas: família, pai como exemplo, pai que sabe impor limites, jeito de ser pai, expectativas, medos, significados, meios de comunicação, grupo de amigos. Após foi realizada uma nova leitura

em busca de um reagrupamento dos dados, procurando-se agregá-los e definir as categorias finais e subcategorias que ficaram assim constituídas, conforme o Quadro a seguir.

Categorias	Subcategorias
1. A família e a educação dos meninos na visão dos jovens	- Percepção sobre a criação dos meninos e a influência da família para o preparo para a paternidade. - Sexualidade do jovem - Papel da mulher
2. Influência da escola, mídia e amigos na construção do jovem	
3. O sentido de paternidade e a perspectiva dos jovens	- O jeito de ser pai (pai como exemplo) - Sentimentos e expectativas

Quadro – Categorias e subcategorias obtidas na exploração do material coletado.

4.7.3 Tratamento dos resultados obtidos e interpretação

Nesse momento do estudo é realizada a interpretação dos achados à luz do quadro teórico e das experiências da pesquisadora, o que será apresentado no capítulo seguinte.

4.8 Considerações bioéticas

Atendendo à Resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1997), que dispõe sobre a pesquisa com a participação de seres humanos, foi elaborado e entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos participantes solicitando sua participação na pesquisa (Apêndice D).

Foram apresentados aos participantes os objetivos do estudo, assim como a metodologia a ser empregada. Foi igualmente destacado que as respostas à entrevista não lhes causariam nenhum risco, a não ser algum desconforto causado pela intimidação em responder as questões, o que seria respeitado, podendo desistir de participar ou mesmo alterar a data da entrevista, da mesma forma a não resposta à entrevista não causaria nenhum prejuízo às suas

atividades acadêmicas. O participante não seria identificado em nenhum momento e as informações seriam utilizadas para fins científicos e publicações em periódicos e/ou congressos. Os benefícios esperados deste estudo são, a partir do conhecimento das perspectivas dos jovens em relação à paternidade, contribuir, quem sabe, para nortear premissas de políticas públicas de atenção ao jovem, assim como desencadear ações educativas na escola e, em todos os níveis de formação, família e serviços de saúde com vistas a possibilitar-lhes conduzirem e serem protagonistas de suas vidas.

Mediante autorização da Direção da URI-FW (Apêndice E), o projeto foi encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Instituição e aprovado e registrado sob o número 0056-06H (Anexo A).

No início do primeiro encontro foram retomadas as recomendações acima, bem como orientado e solicitado aos participantes a permissão para a gravação das suas falas, que as fitas seriam transcritas pela pesquisadora e colaboradoras e ficariam em poder da pesquisadora por um período de cinco anos e, após, destruídas. Salientou-se que a pesquisa seria divulgada e, para preservar a identidade dos participantes, os diálogos seriam registrados utilizando-se a nomenclatura de sujeito um (S1), sujeito dois (S2) e, assim, sucessivamente, preservando-se as condições de anonimato. Os encontros de grupo focal foram identificados como G1 (Grupo um) e G2 (Grupo dois). As entrevistas foram codificadas como E. No texto observar-se-á dessa maneira: S3G1 ou S4E, identificados conforme sujeito e respectiva técnica de coleta de dados.

5 APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS

Neste capítulo apresentam-se os resultados do estudo, discutindo, analisando e problematizando as perspectivas dos jovens universitários em relação à paternidade.

5.1 Caracterização dos jovens

Os jovens universitários, sujeitos dessa pesquisa, são oriundos de diferentes cidades da região do Médio Alto Uruguai. As cidades da região caracterizam-se por serem cidades tranquilas, com ausência de *shoppings*. A maioria das famílias reside em casas planas, com terrenos arborizados. A idade dos jovens variou entre 21 e 24 anos. Sete se identificaram como Católicos e um segue a religião Adventista do Sétimo dia.

Os cursos de graduação freqüentados pelos sujeitos foram em número de cinco, tais como, Farmácia, Agrozootecnia, Enfermagem, Matemática e Filosofia. Sete dos sujeitos cursaram o segundo grau regular e um dos participantes freqüentou o EJA.

Dos entrevistados, um mora sozinho, um mora com colegas e seis moram com sua família de origem. Em relação ao trabalho, sete trabalham fora e um somente estuda. Quanto ao estado civil, um é casado e sete são solteiros, destes, cinco têm namorada. O grupo de maior pertencimento e participação entre os jovens é, em primeiro lugar, o religioso, que se caracteriza por meio de encontros periódicos de jovens da Igreja Católica, e a segunda opção desses é participar de grupos tradicionalista, ou seja, Curso de Liderança Juvenil (CLJ)², sempre associados a algum CTG. Lembra-se que um dos sujeitos da pesquisa já atuou como catequista³.

A prática de lazer desses jovens, respectivamente citadas como preferenciais, é o encontro com amigos, a prática de esporte, a televisão e leituras. Alguns deles ainda participam de festas e bailes com amigos nos finais de semana. Na maioria das famílias dos entrevistados, o pai exerce a função de caminhoneiro, comerciante, padeiro e um número maior de agricultor. As mães exercem a função de dona de casa e apenas duas trabalham fora

² CLJ: grupo religioso freqüentado por muitos jovens em cidades do interior.

³ Catequista: leigo que ensina a catequese na religião católica, que quer dizer: ensino da fé cristã, doutrinação.

como confeitadeira e serviços gerais, fortalecendo as características de famílias tradicionais. Caracterizam-se por serem famílias pequenas, com média de 2,5 filhos por família. A renda familiar ficou acima de dois salários mínimos. Ressalta-se que em sua grande maioria, os pais têm o primeiro grau incompleto e apenas um casal tem segundo grau completo (ensino médio).

5.1 A família e a educação dos meninos na visão dos jovens

Ao analisarem-se e interpretarem-se os dados, busca-se, nesta seção, responder as questões que nortearam esse estudo, trazendo relatos dos jovens universitários de uma cidade da região do Médio Alto Uruguai, frente às perspectivas em relação à paternidade.

Vale ressaltar que os jovens, participantes desse estudo, são provenientes de famílias nucleares tradicionais, constituídas por pai, mãe e a maioria conta com irmãos. Famílias com essa configuração são aquelas em que não há outras pessoas no lar, ou seja, padrasto, madrasta, filhos adotivos ou parentes consanguíneos (WONG, 1999). Essa situação nos leva a inferir que existe na região uma estrutura familiar que proporciona um convívio mais próximo entre pais e filhos.

Nas suas perspectivas em relação à paternidade, os jovens defendem e acreditam que o sucesso na criação e educação dos filhos está ancorado na constituição de famílias compostas pelo homem e a mulher e, também, defendem o casamento para concretizar a união. Todos referiam a vontade de casar. A relevância da família foi intensamente relatada pelos jovens, conforme os seguintes depoimentos:

A base de tudo é a família, tu vai ter aquele direcionamento. Depois tu vai ter uma visão mais ampla. Vai poder discutir isso com teus amigos. Vai poder chegar na escola e discutir isso. Acho que tem que ser um diálogo aberto (S1G1).

A família é que dá a educação, caráter, dá tudo, a educação vem de casa, do pai e da mãe, que dão uma bagagem que vem desde pequeno, é a base do caráter que vão passar para ti, ela inicia o teu aprendizado e quem vai terminar somos nós (S2E).

A família é que nem o alicerce de um prédio, se for bem estruturada ela resiste; a família é que ensina o que é certo e o que é errado (S5E; S6E, respectivamente).

A família, na perspectiva desses jovens é a principal responsável pela iniciação dos filhos na cultura, nos valores, nas normas de socialização, no desenvolvimento completo do indivíduo. Os papéis são apreendidos por meio da socialização, da interação da criança e dos jovens com seus pares. Ao se comportarem de forma padronizada e, mais ou menos de maneira previsível com o que é esperado, costuma-se dizer que a família desenvolveu de modo salutar as suas responsabilidades. À medida que o indivíduo se desenvolve, adquire habilidades importantes para a adoção de novos papéis e relacionamentos.

Esta categoria, muito evidenciada nos dois grupos e reforçada na entrevista pelos participantes da pesquisa, vem ao encontro dos achados em estudos anteriores, fortalecendo o valor da família na construção da trajetória de todos os indivíduos, delegando a ela o principal papel na educação dos filhos, complementada, posteriormente, por outras instituições e segmentos sociais, como, por exemplo, a escola. (SETTON, 2002; MARTIN; ANGELO, 1999; CARVALHO, 2004).

Os jovens comentaram e criticaram a maneira como a mídia tem representado a família, referindo que os princípios morais não estão sendo valorizados. “*Moralidade*” foi uma palavra utilizada por um dos participantes e concordada pelos demais jovens, pois acreditam que a mídia está mostrando muitas cenas de sexo, o que, de certa maneira, proporciona à família dificuldades na condução de diálogos e educação dos filhos. Outro comentou que nunca aparecem na TV famílias que trazem bons exemplos e, sim, cenas de prostituição, uso de drogas, desentendimentos entre o casal, traição, entre outros. Eles acreditam que valores poderiam ser repassados e ressaltados como importantes, auxiliando os pais na criação e educação dos filhos, como, por exemplo, o respeito, princípios religiosos, responsabilidades, valores éticos, fraternidade, valor da amizade, companheirismo, entre outros tantos. O que se observa, referem, é que a mídia pode estar sufocando outros sentimentos saudáveis, como, por exemplo, afeto entre homem, a mulher e os filhos.

Sabe-se que a família, por ser o primeiro grupo social com quem a criança convive, tem como compromisso nos anos iniciais da mesma, a educação e socialização, compartilhado, posteriormente, pela escola, igreja, mídia e grupo de amigos, ficando sob sua responsabilidade o controle da participação desses segmentos sociais na vida de seus membros.

Foi unânime no grupo, a família ser a responsável pela educação e condução dos filhos, bem como a transmissão dos valores morais e caráter. A discussão sobre a importância da família permeou os dois encontros do grupo focal, ratificando, a cada momento, o papel que os pais (pai e mãe) têm frente à criação de seus filhos.

Essa idéia é reforçada por Setton (2002, p. 5) ao afirmar que à família,

é reservada a função de introduzir os indivíduos no contexto social vista como fenômeno universal [...], é nela que a identidade social do indivíduo é forjada, [...] e transmite para seus descendentes um nome, uma cultura, um estilo de vida moral, ético e religioso.

Esses resultados revelados no estudo, também são defendidos pela pesquisadora, enfatizando o relevante papel que a família tem frente à criação, educação dos filhos, bem como à função de buscar subsídios para reflexões e enfrentamentos das constantes mudanças nos cenários educacionais, sociais, econômicos e familiares. É função da família, auxiliar os indivíduos a desenvolverem habilidades e capacidades necessárias para ser um adulto auto-sustentado, bem como as capacidades comportamentais para atender às demandas de novos papéis, sejam eles no ambiente familiar, social ou profissional.

A constituição de família, defendida pelos participantes, é aquela que, além de manter um grande envolvimento emocional, o homem e a mulher se fazem presentes no núcleo familiar e envolvidos na criação e educação dos filhos. Isso foi reforçado pelas falas a seguir.

Tem que ter uma mulher, uma companheira para ajudar a criar o filho; eu acho que toda criança precisa de um pai e uma mãe; a educação vem do pai e da mãe; muito importante a presença da mãe, você ter uma boa companheira para tudo que for fazer (S3G1; S4E; S6E; S1E, respectivamente).

Registra-se um grande número de famílias nucleares na região do Médio Alto Uruguai, podendo justificar a ênfase dos jovens em defesa da família em que o pai e a mãe se fazem presentes, com compromissos de igualdade frente à educação dos filhos, vindo ao encontro do relato de Gonçalves (2005), quando afirma que a realidade vivida por jovens, em duas pesquisas distintas, que a mesma realizou, com a intenção de compreender a troca entre duas gerações, na região metropolitana do Rio de Janeiro, identificou que “a idealização da figura materna, a idealização da vida familiar como esteio do próprio futuro e as expectativas lançadas sobre a família como fonte de apoio”, mesmo não acontecendo em todas as famílias (GONÇALVES, 2005, p. 211). Já em seu estudo para questionar como são pensadas as culturas juvenis, Reguillo (2003, p. 104) diz que:

la juventud es una categoría construida culturalmente, no se trata de una esencia y, en tal sentido, la mutabilidad de los criterios que fijan los límites y los comportamientos de lo juvenil, está necesariamente vinculada a los contextos sociohistóricos, productos de las relaciones de fuerza en una determinada sociedad.

Neste sentido, intui-se que não se pode generalizar a percepção desses jovens sobre a forma de constituição de suas famílias, pois se encontram em diferentes regiões demográficas e segmentos da sociedade, envoltos por crenças, valores, cultura e distintos estilos de vida. Apesar das constantes modificações no interior das famílias, persiste na região, onde se realizou este estudo, a vontade dos jovens universitários de construir suas famílias com base na estrutura nuclear (pai, mãe e filhos), acreditando ser dessa forma que irão melhor educar seus filhos e prepará-los para o mundo. Nas discussões foi claramente identificada a percepção desses jovens quanto às modificações que a família vem sofrendo no decorrer dos tempos. Pai e mãe não estão conseguindo desempenhar suas funções educativas e sociais na criação e educação dos filhos, como tempo para o diálogo com os filhos, disponibilidade para a troca de carinhos, identificação dos momentos necessários para impor limites. Acreditam eles, que essas mudanças, motivadas pela necessidade de uma renda maior para o sustento familiar, da saída da mulher para o mercado de trabalho, interfere com a falta de tempo para o convívio familiar, como referenciado nas falas:

A família tá mudando o seu perfil hoje, a mulher tem que sair para trabalhar. Hoje o negócio tá muito feio, que um só trabalhando não se sobrevive. Então os dois vão trabalhar, mete o filho na creche... (S6G2).

O modo de expressar-se desse jovem, apresenta uma certa indignação, podendo estar considerando um descaso dos pais em relação ao filho.

Hoje é necessário evitar certas coisas. A criança está aprendendo sozinha. Eu acho necessário mesmo, que os pais mandem em casa (S1G1).

Não adianta tu dar as coisas de graça para o teu filho. Acho que tu tem que mostrar o sacrifício que é. Mostrar para ele a coisa certa (S8G2).

Percebeu-se que os jovens estão acompanhando as transformações, pelas quais vem passando as famílias, demonstrando descontentamento com a direção que a mesma vem tomando, pois consideram que estas mudanças estão interferindo na vida dos pais, filhos, e, em conseqüência, na sociedade em geral, traduzidas pela violência, prostituição, consumo de drogas, gravidez indesejada, por exemplo. Acreditam que isso ocorra devido à falta ou inadequação das condições mínimas necessárias para o enfrentamento das diferentes fases da vida. Não é assunto de hoje, que a maioria dos pais [incluindo pai e mãe] tem dificuldade de conversar com os filhos. Isso pode estar refletindo no comportamento de muitas crianças e, por vezes, dificultando o relacionamento. Considera-se esta discussão relevante no sentido de

dar voz à família, envolvendo a sociedade para construção de alternativas para o resgate do verdadeiro papel da família, a educação e criação dos filhos, intensificada nos relatos a seguir:

É necessário uma atualização dos pais. Informação, buscar informação. Não ficar sentado esperando que as coisas caiam do céu. Ler, assistir, ouvir. Tem que ficar sempre buscando (S2G1).

Outra coisa que poderia ser feita é trazer os pais para a escola, para que eles se envolvam na educação dos filhos e fazer com que os filhos percam a vergonha dos pais (S3G2).

Apesar de a família ser assinalada pelos jovens universitários como instituição responsável pelos primeiros cuidados, merecem destaque apontamentos que foram referidos pelos jovens em relação à vivência de relacionamentos fechados com o pai, desde a infância, gerando conflitos, desentendimentos e desencontros em relação a maneiras de pensar, o que veio a melhorar agora, quando eles estão mais maduros, como indicam as falas a seguir:

Não é até a questão de eles serem fechados, eles não se dão por conta muitas vezes da importância que é isso: dar um abraço no filho (S3G2).

Eu apanhar do pai eu nunca apanhei, mas nós nunca conversamos. Na faculdade eu comecei a pensar também como foi a minha família. Eu já comecei a mudar minha forma de ser. Já começou a amenizar tudo. Agora eu e o pai conversamos o que era coisa rara de acontecer. Um pouco porque eu mudei. Eu aceito mais o que ele fala. Hoje nós conversamos (S7G1).

Percebeu-se, durante os encontros de grupo focal e entrevistas, que os jovens hoje pensam e agem diferente em relação ao período da adolescência. Sentem-se mais seguros, têm as suas opiniões, conseguem manter um diálogo mais aberto e entender posturas e condutas anteriores dos pais.

O argumento apontado no grupo de que é necessária uma atualização dos pais, que haja mais diálogo, respeito e carinho na educação dos filhos, abriria espaços para discussão e reflexão no sentido de auxiliar a família.

A fala do participante: “*deu para perceber que nosso ponto de vista não tá tão fora da realidade. Muitas vezes a gente acha que tá sozinho no meio do, contra o mundo*” (S3G2), é reforçada pelo outro jovem que diz: “*não é só a gente que é careta*” (S8G2), o que ilustra a necessidade que o jovem tem de reafirmar as suas convicções e suas idéias, perspectivas e visão de mundo com outras pessoas, não considerando os pais como pessoas que possam estar tratando sobre essas temáticas. A importância de um grupo de iguais também se faz presente em situações de conflito.

Apesar das constantes transformações que a família vem sofrendo nas últimas décadas, no contexto familiar e social desses jovens, houve poucas alterações. Em suas falas revelaram que em algumas de suas famílias o pai e a mãe trabalham fora e a mãe assume as responsabilidades com os filhos. Hoje, observam-se pequenas mudanças, pois estão dialogando mais com o pai. Os mesmos mostraram ser conhecedores de outros arranjos familiares no seu cotidiano e, mesmo assim, registram que almejam dar continuidade às estruturas familiares semelhantes às de seus pais. Destaca-se, também, que mesmo a família se encontrando amparada em novos valores, identificou-se comportamentos nas relações entre pais e filhos que favorecem a autoridade do pai frente ao filho, presentes no modelo patriarcal, contribuindo para o desgaste no relacionamento e, com isso, a dificuldade de diálogo e carinho entre a díade pai e filho.

Carvalho e Almeida (2003, p. 109) afirmam que: “ainda que determinados fenômenos venham suscitando alguns questionamentos sobre a centralidade da família e o futuro da família nas sociedades contemporâneas, suas responsabilidades e suas funções sociais não parecem ter perdido a relevância...”. Apontam ainda que, frente às novas construções de relação no meio da família, pode dar a impressão que as famílias estão desestruturadas e em fase de extinção, mas, ao mesmo tempo, asseguram que a família tem “sua enorme capacidade de mudanças e adaptações às transformações econômicas, sociais e culturais [...], permanecendo como espaço de sociabilidade, socialização e solidariedade” (CARVALHO; ALMEIDA, 2003, p. 112). Concorde-se com as autoras no sentido do relevante papel da família, mas questiona-se: por que há em muitas famílias lacunas entre pais e filhos? Será que essas podem estar relacionadas à falta de ajuda de instituições, no sentido de reconhecer junto às famílias quais as dificuldades que as mesmas estão enfrentando e, quem sabe, contribuir para que ocorra uma comunicação efetiva e compreensão entre seus membros?

Mesmo defendendo a postura e conduta dos pais frente aos filhos, ficou evidente entre os jovens a existência de brechas em relação ao papel da maioria das famílias, enfatizando a falta de diálogo, respeito, carinho e abertura para discussões, principalmente a assuntos como drogas, sexualidade, reprodução, maternidade e paternidade. Alguns apontaram a mãe como aquela disposta a ouvir e dar conselhos, identificando as posturas diferentes dos seus pais, registrando a falta de discussão com o pai sobre essas temáticas, percebendo-se que os pais (mãe e pai) necessitam de apoio para poder desempenhar seus papéis na vida de seus filhos.

Eu acho que primeiro os pais deveriam ter esse diálogo, se não houver esse diálogo na família na verdade não se constrói nada, se não tem diálogo não se aprende nada [...], deveria ter informações dos pais sobre estes assuntos

como drogas, alcoolismo, sobre questão de sexo mais cedo, dessa evolução que está acontecendo na adolescência, sobre métodos anticoncepcionais, sobre o mundo lá fora. Os pais que conhecem as crianças desde pequenas têm que falar, eu acho que a primeira responsável pela educação é a família (S2G1).

O problema hoje é que os pais por causa do dia-a-dia, da correria que é. O pai e a mãe trabalham fora, ele [criança] fica com a tata. A tata fica o dia inteiro trabalhando. Então as crianças estão meio largadas (S3G1).

Os conhecimentos de vida adquiridos pelo jovem são resultantes de todas as suas relações sociais às quais está exposto no seu dia-a-dia. Acredita-se, entretanto, que todas as informações adquiridas são frutos das trocas presentes no cotidiano e contexto em que o jovem se encontra inserido, contribuindo, dessa maneira, para a construção de sua identidade social, autonomia e aprendizados para a vida.

Os jovens evidenciaram, por meio de seus relatos, carinho pelos pais, apesar de terem um diálogo bem maior com a mãe:

Quando eu era pequeno eu tinha a maior liberdade de falar com minha mãe. Se eu fazia uma coisa errada, digamos que o meu pai ia me corrigir, seja conversando ou puxando a orelha, eu sentia medo, e isso para mim depois de um certo tempo se transformou em respeito (S1G2).

Quem tomou essa atitude de conversar de agir quando precisava foi a minha mãe (S6G1).

Revela-se nessa fala o medo do pai vivenciado pelo filho, o que foi também referido e acordado entre os demais participantes que, além disso, manifestaram a ausência e a falta do pai em vários momentos de suas vidas. O pai, nas palavras dos mesmos, sempre impôs respeito, mostrando-se fechado, não permitindo muita aproximação e trocas de carinho. Pode-se intuir que a relação de respeito entre pai e filho estava sustentada pelo sentimento de medo do filho, manifestado por unanimidade entre o grupo. Percebeu-se que para esses jovens é o olhar do pai, o chefe da família, o responsável por moldar o comportamento dos filhos. Como referem Passamani e Poerschke (2005) que apontam uma diferença de diálogo entre a ruralidade do interior e o urbano, de centros maiores, percebendo-se, portanto, a recorrência de uma tradição viva das relações sociais no interior sul-rio-grandense.

Registra-se que hoje os jovens nutrem um sentimento de respeito verdadeiro pelo pai, entendendo o seu comportamento anterior, como referem a seguir:

Quando tu começa a ter raciocínio, a tua própria opinião, defender as tuas idéias, tu não tem mais medo, acho que você sabe que é respeito e não

adianta você dizer para uma criança que não vai ter medo do teu pai (S2G1).

Eu gosto dele, ele é um bom pai para mim, mas faltou de ele conversar, muitas vezes se tornava alheio muitas vezes, só que eu acho que ele não fazia por mal, ele não sabia como proceder (S6G1).

Percebeu-se que os participantes reconhecem o esforço dos pais em buscar o sustento, apontando que em muitas famílias essa preocupação não acontece.

Portanto, a análise dos depoimentos sugere que a família precisa se estruturar melhor para a educação dos filhos. Evidenciou-se a falta de diálogo entre o casal e os filhos, apontando a ausência do pai e dificuldade de diálogo.

Apreende-se um envolvimento da maioria dos jovens, com seus pais, demonstrando um carinho e respeito, mostrando que a rigurosidade, muitas vezes, é preciso. Ao mesmo tempo, concordam que a família é responsável pela educação dos filhos, e, mais tarde, reforçada pela escola. Por meio desses relatos pode-se afirmar que esses jovens acreditam e depositam muita confiança na família, ilustrando a importância dessa como educadora, responsável pela bagagem inicial de conhecimentos e contatos com outras pessoas e a sociedade.

Para Carvalho e Almeida (2003, p. 109) a família é abalizada,

como elemento-chave não apenas para a “sobrevivência” dos indivíduos, mas também para a proteção e a socialização de seus componentes, transmissão de capital cultural, do capital econômico e da propriedade do grupo, bem como das relações de gênero e da solidariedade entre gerações.

Reforçam em seus discursos a vontade de ser diferente de seus pais na criação de seus filhos, apontando a vontade de dispor de liberdade, respeito e carinho com os filhos que possam vir.

Entretanto, as autoras sinalizam que “ser um pai participativo não pode ser visto simplesmente como um ponto de chegada, esperado e redentor. Quando concebido dessa forma, pressupõe a existência de uma espécie de essência de ser pai a ser alcançada por todos”. Corrobora-se com as autoras quando citam “o ser humano é muito mais complexo, as diferentes posições que assumem respondem a um emaranhado de forças advindas de suas localizações sociais” (HENINGUEN; GUARESCHI, 2002, p. 14).

Acredita-se que esses jovens, por pertencerem a uma determinada classe social, fazerem parte de grupos como Curso de Liderança Juvenil (CLJ), grupos tradicionalistas, cultivarem uma religião, morarem no interior, permitem uma análise que sugere a

continuidade da família nuclear, permeada por responsabilidade da mãe e do pai frente à educação e criação dos seus filhos, apesar de concordarem que eles precisam se preparar muito mais que seus pais para acompanharem seus filhos.

Considera-se relevante o reconhecimento de várias formas de pensar e ser pai, concordando-se com a necessidade dos jovens vivenciarem outros aspectos do cotidiano dos homens e das mulheres, como o direito de manifestar sentimentos, ocupar-se dos cuidados com de crianças, realizar tarefas domésticas, chorar em público, dentre outras manifestações, muitas vezes, não permitidas entre os homens.

Pode-se inferir, assim, que a família é parte integrante do cotidiano desses jovens, merecendo atenção e respeito demonstrados pela visibilidade que manifestaram nas discussões. No entanto, o interesse dos participantes do estudo, na busca de conhecimentos e informações, aponta para uma perspectiva de mudança no modo de criação e educação dos seus futuros filhos, favorecendo um cuidado diferente do que foi oferecido para eles. Nem melhor ou muito menos pior, apenas diferente.

5.1.1 Percepção sobre a criação dos meninos e a influência da família no preparo para a paternidade

As falas dos jovens indicam que a maneira como os meninos são criados pode influenciar a sua forma de visualizar a paternidade. Chama atenção o grande número de trabalhos voltados para a educação das meninas para a maternidade e poucos voltados aos meninos (FONSECA, 2001). Assim, observa-se que se precisa voltar a atenção para os meninos, uma vez que hoje, a família nuclear (realidade encontrada nessa pesquisa), para sobreviver e viver em harmonia, homem e mulher, juntamente com os filhos, precisam dividir as tarefas de casa e, também, contribuir com o sustento da casa e família.

Para que essa realidade seja viável, o conhecimento e entendimento do envolvimento do homem com os cuidados acima, pode estar relacionado com maneira como os meninos são criados, educados e orientados, lembrando que existem vários contextos familiares e diferentes percepções de educação entre os pais. Mesmo assim, defende-se a proposta que somente após mudanças na condução da educação dos meninos e meninas, revendo questões de gênero desde o início de sua socialização, poderá ajudar e reverter em interesse do menino,

jovem e homem, envolver-se com tarefas que eram (e em muitos casamentos continuam se perpetuando) exclusivas da mulher, a exemplo do cuidado, criação e educação dos filhos.

Não se pode deixar de comentar que houve evolução quanto ao auxílio de alguns homens nos cuidados e educação dos filhos, merecendo continuidade de trabalhos com homens e mulheres no sentido de divisão de tarefas e responsabilidades frente à família.

O texto produzido por Ecos (2005, p. 2) cita que:

as origens de muitos comportamentos dos homens e rapazes – a negociação ou não do uso do preservativo, o cuidado ou não dos filhos, a utilização ou não da violência para a solução de conflitos com sua parceira – muitas vezes são encontradas na forma como os meninos foram socializados.

Acredita-se que a criação e a educação oferecida pela família aos meninos está intimamente relacionada aos seus padrões culturais, valores com que eles foram criados, associando-se à conduta que os jovens e homens terão frente à paternidade, mulher e filhos. Os depoimentos a seguir demonstram essas percepções:

Antes os meninos tinham mais liberdade e continuam tendo. Vai depender de cada família [sua educação]. Tem meninos que por serem bem educados dentro de casa, e quando saem de casa não fazem nenhuma besteira. Já tem outros que tem algum problema familiar ou alguma coisa e já desviam um pouco pro lado ruim. E meninas eu acho que amadurecem muito rápido em relação aos meninos (S1E).

Eu acho que [a família] é que dá muitas regalias para os meninos. Comparando meninos com meninas, as meninas em uma família séria são mais presas pelos pais, porque tudo vai acontecer com elas, com os meninos não tem problema. Eu acho que ainda há um pouco de pensamento que os meninos sabem se cuidar (S2E).

Esses dois relatos confirmam a diferença de criação e educação entre meninos e meninas, podendo interferir mais tarde em suas condutas com a esposa e os filhos. Mesmo sabendo-se que a educação favorece o bom desenvolvimento da criança, os jovens, por meio de suas vivências com suas famílias de origem, podem realizar mudanças em suas condutas de vida. Chama a atenção à expressão “família séria” utilizada pelo jovem. Podemos inferir que considera séria a família mais preocupada, responsável pela educação das meninas? Outra percepção, destinada à criação dos filhos e entendida pelos jovens dessa pesquisa, trata de educar o filho para as diferentes realidades que poderão ser enfrentadas no dia-a-dia, reforçada pela fala a seguir:

Os meninos são muito largados, fechados, não se abrem, por vergonha, ou levam tudo na brincadeira, na gozação. Acredito que pelo machismo. Eu sou

homem. Hoje eu vejo de outra maneira da que como eu pensava quando era mais novo. Mas eu acho que é normal. É fase isso. Tem uns que demoram mais, tem uns que demoram menos pra ter essa visão (S3E).

Esta afirmação feita por um participante do grupo focal, veio ao encontro do pensamento dos demais integrantes, pois acreditam que se vive em uma sociedade em que ocorre divisão sexual e de trabalho, impedindo, muitas vezes ao menino, jovem e homem, refletir e entender a importância de sua participação ativa na família.

Novamente, busca-se apoio do texto de Ecos (2005), quando cita a necessidade de trabalhos envolvendo jovens, com a perspectiva de gênero, no sentido de proporcionar discussões e reflexões sobre as condições hierárquicas entre homens e mulheres, ajudando-os a compreender o porquê de ter que agir dessa outra maneira, acreditando e percebendo suas potencialidades, preparando-os para uma paternidade comprometida.

De repente se você chegar para teu amigo e falar: engravidei a guria e vou ser pai, ele vai te incentivar a fugir ou assumir. É mais fácil ele te incentivar a isso [fugir] do que ele te incentivar a assumir a criança ou mesmo casar (S3E).

Outra manifestação relacionada a uma postura diferente de pai é a seguinte:

É que tem muitos pais que acham bonito ver o filho cambaleando por aí e dão risada. Criança pequena. Eu já vi exemplos de criança pequena e do pai ficar molhando o bico [na caipirinha ou cerveja] e dar na boca, e molha e dá na boca. Daí a pouco a criança cai [sob efeito da bebida] e o pai dá risada e olha pra criança. Ou vê dançando uma música com insinuações maliciosas e fica rindo, achando engraçado (S3G1).

Com essas afirmações fica visível a diversidade de condutas dos pais em relação aos filhos. Da mesma forma, apontam os diferentes contextos sociais e educacionais a que os meninos estão expostos, voltando a designar a família, como a principal socializadora e educadora da qual se esperam condutas que auxiliem os seus membros a viver com dignidade, respeito e autonomia, as diferentes fases da vida, preparando-os para o convívio saudável com sua possível futura família, como assinalado pelo participante do grupo focal.

Não adianta tu dar as coisas de graça pro teu filho. Acho que tu tem que mostrar o sacrifício que é. Mostrar pra ele pra quando chegar a hora certa. Ele vai fazer a coisa certa. Porque eu sei que o meu pai ta sofrendo lá pra me dar as coisas. Então eu acho que é aí que está (S8G1).

Exemplos positivos de convívio e educação familiar podem contribuir para discussões e reflexões sobre a masculinidade e a necessidade de muitos homens demonstrar apego e carinho com seus filhos. Acredita-se que isso é fruto das marcas impostas ao homem.

Outra afirmativa que chamou atenção em relação à criação dos filhos e o preparo dos mesmos para a paternidade, foi quando se ouviu esse relato do participante, dirigindo-se aos seus colegas de universidade:

Falta maturidade. Eles são imaturos. Não estão preparados ainda [para a vida, para novos compromissos]. Não sei se falta orientação [para a paternidade], o que falta não posso dizer, porque não sei (S6E).

Registra-se que no primeiro momento o participante está relatando como percebe seus colegas de classe no início do curso de graduação e, também, pontua a realidade desses jovens frente à paternidade, refletindo sobre a importância de tratar esse assunto em diferentes fases do desenvolvimento das pessoas.

5.1.2 Sexualidade do jovem

Por ser a sexualidade, temática de relevância social, e estar, intrinsecamente, relacionada a modos de viver e conduta das pessoas, carece de entendimento e reflexões nas suas diferentes fases da vida, uma vez que a mesma, continua reforçada por algumas instituições sociais, rodeada por preconceitos e tabus, contribuindo para as dificuldades familiares na abordagem deste tema com seus filhos. Por desconhecimento, muitos podem relacionar a sexualidade apenas com o ato sexual ou a reprodução. Sabe-se, entretanto, que existem inúmeras maneiras de viver a sexualidade humana, sofrendo influência do meio social, cultural, religioso e educacional (LOURO, 2000b).

O tema sexualidade não tem sido fácil de compreender e abordar, enfatizando-se que, apesar dessa temática estar impregnada por valores morais e conservadores, “tem sido fundamental na determinação de vivências e práticas cotidianas, nos usos e costumes, na intimidade e nas expressões amorosas, que não apenas interessam às individualidades, mas a toda uma coletividade” (FURLANI, 2003, p. 13).

Nos encontros do grupo focal, quando a pesquisadora abordou a temática sobre sexualidade, não houve continuidade nas discussões. Observou-se troca de olhares entre os

membros, certa dificuldade de expressar o entendimento, motivando risos entre o grupo. Percebeu-se que o tema sexualidade pode estar ligado, somente ao ato sexual, e esse, por sua vez, continua sendo visto como brincadeira, motivo de gozações entre os pares.

Quando tu conversa com a gurizada⁴ sobre um assunto sério assim, quando tu vê, entra uma piada (S1G2).

Eu acho que a sexualidade tá muito precoce, muito prematuro, antigamente se saía aos quinze anos para ir numa festinha e hoje os pais, os pais levam seus filhos com doze, treze anos, lá na casa de festa, os pais levam para o prostíbulo (S5G1).

Todos no grupo concordam que muitos pais, ainda hoje, levam seus filhos para casas de prostituição para iniciar suas experiências sexuais, prática essa que se pensava não acontecer nos tempos atuais, em virtude das transformações que dizem respeito às experiências sexuais dos jovens em geral. A respeito disso, Leal e Knauth (2006) mencionam em sua pesquisa que para os homens o conhecimento sobre o que fazer com o corpo no ato sexual é algo a ser adquirido, registrando que em relação à iniciação sexual, “uma parcela dos homens no Brasil teve, historicamente, como possíveis parceiras sexuais, prostitutas ou empregadas domésticas” (LEAL; KNAUTH, 2006, p. 4), não diferindo de alguns jovens dessa região pesquisada.

Eu vejo lá por casa, os meus pais evitam um poço em falar sobre isso [sexualidade] eles evitam dar conselhos [...] (S7G2).

Pode-se argumentar que os jovens universitários, também entendem a sexualidade humana apenas atrelada à relação sexual, identificando-se a carência de informações, não permitindo aos mesmos falarem, abertamente, sobre esse assunto. Outro aspecto em relação à sexualidade é que, novamente, observa-se e foi assinalada pelos jovens, a deficiência da família como suporte para abordar essa temática, conforme depoimentos dos sujeitos S1G2 e S4G2, respectivamente:

Eu acho que há uma carência de diálogo, eles aprendem em outros lugares e não com os pais. Eu acho que os pais não tiveram conhecimento disso (S7G2).

⁴ Gurizada: termo utilizado pelo jovem universitário para referenciar menino ou menina.

Nesse sentido, corrobora-se a afirmação das autoras Gir, Nogueira e Pelá (2000, p. 34), quando afirmam que:

a sexualidade é um tema ainda muito reprimido pela nossa sociedade e a repressão na educação sexual, desde a infância, acarretando sucessivos nós que vão se emaranhando e provocando esmagamento do nosso desenvolvimento e comportamento sexual [...] e nem sempre reverte-se espontaneamente e/ou liberta o indivíduo de sentimentos negativos, que foram negativamente introjetados.

A educação sexual é, prioritariamente, uma competência da família, pois é a chave na formação da identidade de gênero e no desenvolvimento dos papéis sexuais de seus filhos. A família, mesmo que não dialogue abertamente sobre sexualidade, é quem dá as primeiras noções do que é adequado, ou não, por meio de gestos, expressões, recomendações e proibições (JARDIM; BRETÃS, 2006; ARILHA, 2001; LUZ; BERNI, 2000; KALCKMANN, 2001).

A sexualidade pode ser construída a partir do meio social, cultural e político e não só na família, como nas instituições de ensino fundamental, médio e superior. Considera-se importante que essas instituições oportunizem espaços para o diálogo entre os acadêmicos, professores e sociedade, sobre a sexualidade humana, conferindo aos mesmos uma visão holística do homem e do mundo, nas diferentes fases do desenvolvimento humano, de forma a perceber a sexualidade não de maneira, marcadamente biológica, e, sim, que ela é construída a partir da história, cultura e convívio social.

Na pesquisa realizada por Borges, Nichiata e Schor (2006) em uma unidade de saúde da zona leste do município de São Paulo, com objetivo de identificar como adolescentes compartilhavam informações sobre sexualidade, os amigos foram apontados como os indivíduos com quem os jovens, freqüentemente, falam sobre sexo, ao mesmo tempo em que contavam, principalmente, com as mães para esclarecer dúvidas, identificando a ausência do pai na vida desses adolescentes. As autoras observaram, também, que o pai é pouco participativo nas discussões sobre sexualidade, no interior da família.

Salienta-se que a pesquisa, citada acima, aconteceu com 31 adolescentes de ambos os sexos, com idade entre 15 e 19 anos. Já para o grupo de jovens universitário pesquisados, os pares já não são os indivíduos com quem dialogam sobre sexualidade e mesmo que troquem informações sobre sexualidade com esses, o assunto evolui para a brincadeira, possuindo várias conotações. Comentaram que o jovem continua a ter vários parceiros sexuais, fator esse

que pode ser interpretado como necessário para provar sua masculinidade frente aos colegas e sociedade (ARILHA, 2001; GARCIA, 2001).

Percebe-se, portanto, que o adolescente busca apoio em seus pares, enquanto o jovem, muitas vezes, desconsidera o grupo, principalmente ao tratar de assuntos relacionados a experiências sexuais e paternidade, denotando divergências nos discursos, como se pode perceber a seguir.

A realidade é isso, quando tu vai falar em um grupo de amigos sobre sexualidade ou ser pai os caras começam a dar risada da tua cara, porque o que eles querem é pegar uma [mulher], sair com outra, e eu acho que cada vez vai ta pior, porque não pensam em ser pai, não pensam em se cuidar, é muito pouca gente que pensa assim (S9G2).

Se fizerem uma palestra sobre sexualidade, eu vou participar e depois comento pros meus colegas que fui numa palestra sobre sexualidade, educação sexual, eles vão dar risada e perguntar se eu não sabia de nada sobre esses assuntos porque eles fazem de conta que sabem e não sabem nada, na maioria das vezes as pessoas não estão falando a verdade (S3G2).

Ele [o grupo de amigos] mais atrapalha que colabora (S3E).

Os amigos, se você conversar com eles não vai tirar nada de bom, pode ser teu melhor amigo, se você for e conversar a respeito disso com ele não vai sair nada de bom (S4E).

Em pesquisa com alunas e alunos da 7ª série para investigar como ocorre a construção social da orientação sexual em uma escola da zona sul do Rio de Janeiro foi identificado que as meninas falam e estão mais informadas que os meninos sobre sexualidade. Nessa pesquisa as meninas apontaram que os meninos têm vergonha de falar sobre o que fazem ou deixam de fazer na sua intimidade, bem como de dizer que são virgens. A pesquisadora ressalta que era apenas a professora de ciências que enfocava esse assunto, orientação sexual, não sendo trabalhada, transversalmente como indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Nessa pesquisa os alunos enfocaram que os assuntos sobre sexualidade eram mais voltados para as meninas e o corpo da mulher mais estudado do que o do homem, e desse, o destaque era para o seu órgão sexual (ALTMANN, 2003).

No que diz respeito aos comentários anteriores pode-se argumentar que, para compreender o desenvolvimento da identidade do jovem é necessário olhá-la como um processo em constante construção, oportunizada por meio das diferentes situações enfrentadas no seu cotidiano, contribuindo para a solidificação de sua identidade social e sexual, à medida que assume diferentes papéis ao longo de sua vida. A fase da juventude, além de distinguir-se como segundo processo de socialização depois da infância, fundamenta-se em preparar os

jovens para assumir uma profissão, o casamento, [a paternidade], entre outros compromissos e responsabilidades, com a intenção de aparelhá-los para o enfrentamento de escolhas e decisões futuras (DOMINGUES; ALVARENGA, 1997). Ressalta-se que todas essas decisões e enfrentamentos poderão estar permeados por questões sociais, culturais, educacionais, religiosas, de gênero, carecendo o jovem, de aportes sociais como a família, escola, mídia e políticas públicas que dêem suporte para que os mesmos possam tomar decisões responsáveis em suas vidas, mediadas por estruturas que auxiliem a tomar decisões sobre seu futuro profissional, educacional, como pai, como companheiro, como amigo, entre outros.

Ao mesmo tempo percebe-se, pelos comentários dos jovens, que a maioria dos mesmos mente sobre suas experiências e vivências sexuais, como forma de reafirmar seu papel como homem, sua masculinidade frente aos colegas, permanecendo o padrão vigente na sociedade brasileira, da liberdade sexual do homem e que, para ser bom precisa ter inúmeras experiências sexuais com várias parceiras, como indica o relato a seguir:

Por exemplo, um colega meu que se dizia o pegador ele é virgem e tem 18 anos, eu acho, tem tanta gente até professores que ele podia perguntar e aí ele foi perguntar pra um outro colega meu, chamou pro lado confiando que ele era seu amigo, chegou lá perguntando como é que eu faço pra tirar a virgindade da minha namorada e perder a minha, e eu to com medo de nós se machucar. Só que tu vai falar com ele, pra nós ele era o pegão⁵, [risos] ele era o cara (S3G2).

Tal comentário vai ao encontro do que, muitas vezes, foi relatado em outros momentos, ou seja, de que para o jovem é interessante mostrar uma postura que leve os demais a vê-lo como um ser dotado de auto-afirmação, com uma realidade de vida sem dúvidas ou questionamentos. Isso o ajuda a influenciar o grupo, mostrando-se igual aos outros homens, ou seja, passando a imagem que é construída, socialmente, a todos os homens, enfatizando a sua experiência sexual, mesmo que não a possua, mas igualando os discursos dos outros jovens. Resultados de alguns estudos indicam que a construção de uma identidade masculina no Brasil e em sociedades latino-americanas enfatiza a sexualidade, significando que ser homem é ser, basicamente sexual, orgulhando-se e fazendo com que a mesma tenha destaque (LEAL; KNAUTH, 2006; GOMES; NASCIMENTO, 2006)

Em outro estudo que analisou a iniciação masculina como um momento de aquisição de conhecimentos com homens jovens entre 18 e 24 anos residentes em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador, foi constatado que a primeira experiência sexual dos homens contribui

⁵ Pegão: palavra utilizada pelo jovem em seu depoimento, identificando os jovens que afirmam transar com várias mulheres.

para que os mesmos conheçam e seu corpo e adquiram habilidades para se relacionar, principalmente com as mulheres. Mostrou que as reações a que o corpo masculino está imposto, como socialmente legítimo, para a identidade masculina, reforçando que a obtenção desse aprendizado faz parte para a chegada à vida adulta (LEAL; KNAUTH, 2006). Para os adolescentes e jovens a busca por identidade masculina é algo inacessível visto que a sociedade moderna continua imaginando “o sexo masculino como um ser superior e auto-suficiente, um ideal que só se pode atingir no imaginário (MIRA, 2003).

Para Jesus (2000), a família tem se mostrado impotente para educar seus filhos sobre questões sexuais. Entende-se que a paternidade, foco desse estudo, é uma das responsabilidades que o jovem poderá assumir no futuro ou mesmo vivenciá-la na adolescência e juventude, requerendo de suportes familiares e sociais para que possam enfrentá-la com responsabilidade. Esses suportes mencionados podem ser disponibilizados aos indivíduos desde a infância ou mesmo desde o nascimento, “momento em que homens e mulheres começam a ser condicionados [...] a assumir padrões de comportamento”, desmistificando as questões de gênero, a que os meninos e meninas estão expostos (LUZ; BERNI, 2000, p. 38). Faz-se indispensável um entendimento sobre as diferentes fases da vida, identificando o importante papel que, tanto o homem como a mulher, desempenham frente à maternidade e paternidade na criação e educação dos filhos. Acredita-se que essa seja uma das formas que esses jovens terão de exercer sua autonomia, construir sua cidadania e constituir famílias felizes e saudáveis. “A quase total ausência da educação para o exercício saudável da sexualidade, nas diferentes fases da vida, precisa ser enfrentada mediante esforços articulados, visando à construção de políticas e práticas que o favoreçam” (MANDU, 2000, p. 97). Um dos participantes refere sua visão da seguinte maneira:

Desde pequeno, [os pais devem falar sobre sexualidade] até para os pais perderem a vergonha de falar disso. Porque se o filho começa a questionar desde pequeno, vai chegar num certo ponto que o pai vai se sentir obrigado a falar e vai se tornar mais fácil depois. Do que estar com dezessete anos e o filho vai perguntar pro pai e o pai sabe menos que o filho (S3E).

Acredita-se que os estereótipos atribuídos aos meninos e meninas, homens e mulheres, durante a sua trajetória de vida, reproduzindo modelos estabelecidos histórica e socialmente, podem influenciar nas suas decisões e responsabilidades frente à vida.

Sabe-se que muitos adolescentes, jovens e homens não assumem a paternidade, ou apresentam dificuldades em assumi-la, porque, muitas vezes, a paternidade vem antes do desejo de ser pai, ficando a responsabilidade da criação, unicamente com a adolescente,

jovem ou mulher (LUZ; BERNI, 2000). Isso pode ser reflexo da educação machista a que os meninos estão expostos, reforçados pela família, escola, mídia, grupo de amigos, políticas públicas de atenção ao homem (ausentes) (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005).

Os participantes desse estudo se reconhecem, entre eles, como indivíduos com uma visão de mundo diferente, apontando que a maioria dos jovens não pensa em discutir sobre sexualidade, sobre a possibilidade de ser pai, como aparece no seguinte relato:

Porque pra eles é brincadeira. Eles não têm uma noção ainda do tamanho que é a responsabilidade de ser pai. Nunca pensaram nisso. Eles estão no mundo da aventura ainda (S3E).

Salienta-se que a sexualidade continua permeada por medos, preconceitos, não permitindo aos jovens, expressar-se no grupo, como entendem e vivem suas sexualidades. Isso pode ser resquícios da construção social, nos diferentes momentos históricos e contextos, que contribuem para que as diferentes maneiras de viver a sexualidade ainda sejam interpretadas como algo feio, sujo, não podendo ser discutida e refletida abertamente. Pode-se argumentar que esse entendimento sobre a sexualidade e reprodução entre os jovens contribui para que a maioria dos mesmos não pense na possibilidade de ser pai, pois sempre foi relegado à mulher o compromisso frente ao controle da natalidade, uso de métodos anticoncepcionais, responsabilidade na criação, educação e cuidado com os filhos (PRATES, 2006; GARCIA, 2001; GOMES; RESENDE, 2004; GOMES; NASCIMENTO, 2006).

Outro fato que chamou atenção na análise dos achados desse estudo, é que os jovens evidenciaram, em vários momentos, que possuem, agora, nesse momento, um melhor entendimento de suas vidas, admitindo tal situação como fruto da maturidade. Com isso, admitem um relacionamento estável com o pai, figura que, anteriormente, impunha-lhes medo e que hoje os vêem com admiração e capazes de compreender as posturas paternas precedentes.

Eu tenho um relacionamento bem aberto. Falo o que eu... A dúvida que eu tiver eu peço. Eu tenho um irmão mais velho também que é o primeiro a ficar sabendo. Antes do pai é ele que fica sabendo de certas coisas (S3E).

Muito bom. Me dou muito bem com os meus pais. Eu falo de tudo pra eles. Não preciso esconder nada (S1E).

Refletindo sobre esses depoimentos pode-se dizer que a exposição de muitos jovens a situações de risco (uso de drogas, altas velocidades, o não uso de camisinha, gravidez, uso de bebidas alcoólicas, a não busca de respostas para suas dúvidas), pode estar relacionada à

educação bem como à convivência com a família, que não impõe limites, nem procura conduzir os jovens para atitudes seguras de promoção da saúde e cuidados com suas vidas. Percebe-se, mais uma vez, a lacuna que pode existir quando o jovem não encontra na família, o apoio e ajuda nas decisões e situações em que se vêem expostos.

5.1.3 Papel da mulher

A inclusão do papel da mulher como subcategoria emergiu da relevância que os jovens apontaram a mesma no decorrer das discussões em vários momentos do grupo e na entrevista. Ficou evidente a associação do papel da mulher com o papel do homem no núcleo familiar.

Sabe-se que, a partir do movimento feminista, aos poucos, a mulher foi conquistando alguns espaços que contribuíram para determinadas decisões em sua vida, como, por exemplo, a busca por espaços de trabalho fora do ambiente familiar, o uso do anticoncepcional, entre outros. Estas conquistas geraram e geram alguns desencontros na família e no meio social. Entretanto, salienta-se o importante papel que a mulher desempenha tanto na família como no seu ambiente externo de trabalho. Para que isso seja entendido e não venha trazer conseqüência na criação e educação dos filhos e no seu desempenho e satisfação profissional é importante que haja muito diálogo e respeito entre o casal, ficando evidente a importância que o homem e mulher têm frente à família. Esses papéis, ou seja, a mulher trabalhando fora de casa, ajudando em casa e o homem trabalhando fora e se ocupando dos serviços domésticos e cuidados dos filhos deve ser bem discutido e internalizado pelos dois com participação e entendimento, se isso for possível, dos filhos.

Acredita-se que o que está dificultando muitos relacionamentos entre o homem e a mulher e filhos seja fruto da falta de diálogo, do ceder, quando necessário, e, principalmente do não entendimento (educação anterior, possibilidades de diferentes vivências) do homem em relação a essa necessidade de partilhar dos afazeres domésticos e da educação, criação e cuidado dos filhos. Muitos não se sentem preparados para desempenhar esses papéis, merecendo atenção na maneira como estão educando os meninos e meninas para assunção desses papéis.

As mulheres estão entrando também no mercado de trabalho, estão ajudando em casa. Tem muito que ta acontecendo que o pai fica em casa e

ela vai trabalhar. Eu vejo como uma coisa boa, só que às vezes no caso, se os dois saem para trabalhar pode faltar amor para o filho (S3E).

A partir disso, concorda-se com os autores, que, ao realizarem o estudo com o objetivo de conhecer a figura concreta de um pai, advinda da exigência de revisão de seu papel no mundo contemporâneo, verificaram que, com um número elevado de mulheres entrando no mercado de trabalho, surgem novas composições familiares, com modificação nas relações conjugais e parentais (GOMES; RESENDE, 2004).

Geralmente, as mulheres trabalham dobrado. Porque a mulher chega em casa e além de trabalhar fora tem que fazer todo o serviço em casa. O pai geralmente chega bem mais tarde que a mãe. Até por nós vivermos numa sociedade machista. A mulher está indo em busca do mercado de trabalho pra auxiliar na renda da família e ao mesmo tempo a sociedade machista exige que ela faça o serviço de casa (S6E).

Em estudo com o objetivo de compreender a percepção que mães de uma comunidade de baixa renda da cidade de São Paulo tinham sobre o significado do seu papel na estrutura familiar, os autores identificaram que a criação, educação dos filhos e cuidados com a casa são tarefas vistas como concernentes à mulher e que o homem não possui habilidades para esses cuidados, entendendo que esse é seu papel na família (MARTIN; ANGELO, 1999).

O papel da mulher é o mesmo papel do homem na educação de um filho. A carga maior vai ficar pra mãe. Então ela vai ter que estar mais preparada ainda pra corrigir os erros dos filhos (S4G2).

Em cidades do interior, a tradição da família nuclear onde o homem é que busca pelo maior sustento na família é bem marcante. A maioria das mulheres tem o compromisso com os dois afazeres, ou seja, o público e o privado, ficando, em grande parte das famílias, com a responsabilidade na organização da casa, educação e cuidado com os filhos e o homem ocupando-se apenas pela busca pelo sustento, muitas vezes não chegando para os gastos da família (CARVALHO; PIROTTA; SCHOR, 2001).

Eu acho que prejudicou muito a família, não que a mulher não pode trabalhar não sou contra, sou a favor dela ser independente, mas atrapalhou bastante na criação dos filhos, tem que colocar o filho na creche ou botar uma babá ou ficar com os avós, acho que prejudicou bastante eu gostaria que a mulher estivesse mais em casa (S6E).

Ao mesmo tempo em que os jovens entendem a importância da mulher buscar por espaços no mercado de trabalho (independência), reforçam a necessidade dela se envolver, ou melhor, ser a principal cuidadora e educadora dos filhos.

Se a mulher tem mais competência, nada mais justo que ela ocupar esse espaço. Não sou contra a mulher, sou bem a favor dela ser independente, mas que o pai participasse mais na criação dos filhos (S5E).

Em concordância com Gomes e Resende (2004), pode-se inferir que esses jovens buscam uma nova identidade de pai, ou seja, não mais visto como reprodutor ou provedor financeiro, ele quer estar presente em “contextos familiares estáveis, sob o ponto de vista da estrutura e da dinâmica do grupo familiar” (GOMES; RESENDE, 2004, p. 6).

Enquanto os jovens emitiram uma opinião respaldando a importância da mulher buscar pelo mercado de trabalho, houve depoimentos interessantes quando referiram expectativas em relação a uma situação em que estivessem envolvidos. Percebe-se pela fala, que, em primeiro lugar, a mãe deve cuidar do seu filho para depois ir procurar por trabalho fora de casa.

Enquanto o meu filho não tiver crescido não, no meu pensamento não, isso aí tudo depende. Eu acho de extrema importância pra ajudar o marido, aí depois que o filho tiver aí por seis, sete anos daí depois que eles forem pra escola, tudo bem (S4E).

Referindo-se a esse comentário, Pereira (2004, p. 392) relata que “a dominação masculina está de tal maneira entranhada em nosso inconsciente que não a percebemos mais, [...], está presente, de forma subliminar, nos mais variados processos sociais”, por meio de mecanismos e instituições como a Igreja, Escola, Estado e família.

Eu acho que assim, a sociedade machista pode ser simplificada de algumas maneiras, por exemplo, dentro do lar. Para a sociedade machista o homem não poder fazer algumas coisas que ele acha que é dever da mulher, mas não, eu acho que é dever dos dois. A mesma coisa, cuidar de crianças, homem não pode é coisa de mulher. Eu não concordo com isso (S2E).

A gurizada, antes de fazer filho que aproveite. Faça o que tem que fazer. Até os 25 anos. Mas a hora que tiver, que acontecer o filho, tenha vergonha na cara, case e vão criar a criança (S3G2).

A afirmação acima expressa pelo jovem, referente ao comentário sobre sociedade machista, vem ao encontro do pensamento de todos os participantes do grupo, pois os mesmos defendem o envolvimento do homem em tarefas do cotidiano doméstico, auxiliando a mulher nessas atribuições, mesmo que isso não seja visualizado, freqüentemente, entre os

componentes das famílias. Em relação à referência sobre sociedade machista, todos concordaram com a afirmação, registrando que entendem que desenvolver essas tarefas não irá comprometer sua identidade de homem. A dificuldade dos homens em realizar tarefas entendidas como femininas pode estar ligada a fatores educacionais, quando não são oportunizados conhecimentos como o cuidar de si e cuidar dos outros. Também, pode estar relacionado à dominação masculina, muitas vezes não questionada pelas mulheres, inclusive no âmbito familiar (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005; PEREIRA, 2004).

Ao mesmo tempo, estudos constataram haver uma “tensão nas responsabilidades masculinas e femininas em razão do planejamento familiar, contracepção e criação e educação dos filhos” e nos países latino-americanos, além da cultura patriarcal, o machismo está presente como forma de dominação do homem sobre a mulher. Com isso, uma atenção à educação dos meninos se faz necessária frente às novas demandas direcionadas ao público masculino (MARCOLINO; GALASTRO, 2001, p. 78).

5.2 Influência da escola, mídia e amigos na construção do jovem

Sabe-se que vários contextos vivenciados pelos indivíduos constituem-se em espaços que influenciam, direta ou indiretamente, na construção da identidade dos jovens, podendo citar a escola, a mídia e os amigos como integrantes dessa constituição. A partir disso, pode-se afirmar que essas contribuições podem ser tanto positivas como negativas para os jovens, pois dependem, também, de outras interferências como educação, cultura e crenças. Portanto, defende-se a idéia de que tanto a escola, família e mídia precisam acompanhar as transformações que a sociedade vem sofrendo, constantemente, e, à medida do possível, adaptar-se a elas, bem como vivenciá-las e traduzi-las, positivamente, como práticas educativas. A mídia (falada e escrita), presente no cotidiano de todas as pessoas, pode interferir positiva ou negativamente, dependendo do enfoque que a família e a escola interpretarem.

A geração de novos conhecimentos está acontecendo de forma rápida e extraordinária, merecendo reflexões, questionamentos e atualizações dos pais, escola e sociedade em geral, para manter-se conectado com o mundo. Para os jovens, os novos saberes estão sendo ofertados, constantemente, por vários meios de comunicação, considerando-se importante

uma bagagem anterior de informações e valores, podendo os mesmos selecionarem os conteúdos relevantes para a sua vida.

Quando eu nasci, digamos que tivesse a TV. Agora tem o DVD, tem o computador, tem a Internet, tem milhares de instrumentos a que as pessoas têm acesso, é a era de evolução (S2G1).

Nesse sentido, os jovens assinalam os diversos meios de adquirir novos saberes, que estão ao alcance da maioria das pessoas, com distinta qualidade ou quantidades, conforme a vontade do espectador. Reforça-se, portanto, a importância de a escola e a família conectarem-se a essa gama de informações e assumir o papel de mediadoras, atendendo as demandas das crianças e jovens na busca por novos conhecimentos. A seleção de conteúdos a serem presenciados, manuseados ou interpretados por crianças e jovens, ainda deve ser de responsabilidade dos pais em parceria com os professores, o que seria uma situação ideal, com a função de oportunizar ao jovem pensar e criticar sobre o que está sendo veiculado, bem como incentivar o aprendizado para selecionar o que é bom ou ruim para sua vida.

Acho que os pais têm grande parte de culpa por não distinguir o que é certo para o filho assistir desde pequeno. Os pais têm que ter autoridade para dizer, isso tu não pode assistir porque isso não é bom. Se o teu filho tem uma faixa etária de dez anos, o pai pode assistir com ele alguns programas que não são bons. Mas explicar pra ele [filho], a consequência do que está sendo visto (S8G1).

A mídia traz muito pouco a respeito de exemplos bons, normalmente, são mais exemplos ruins. Mas você pode tirar proveito, desde que você tenha uma noção do que é certo e do que é errado. É importante saber o que pode fazer e o que não pode assistir (S3G2).

As falas reforçam a idéia em relação ao lado negativo e positivo da mídia, enfatizando a importância dos pais para a seleção de programas permitidos para que os filhos assistam. Sabe-se da diversidade de programas, disponíveis em distintos horários pela mídia (televisão), impossibilitando aos pais um controle mais rigoroso frente aos filhos. Recentemente, em um canal de televisão foi veiculada propaganda sobre o que a televisão mostra e indicando aos pais a gerência quanto ao que é permitido aos filhos assistirem dos programas exibidos. Ao mesmo tempo é exigido, por lei, que a emissora disponibilize as idades permitidas para ser assistido tal programa.

Considera-se essa temática de difícil discussão uma vez que se sabe da importante função da mídia em propagar conhecimentos. Ao mesmo tempo, os pais, em função de

extensas jornadas de trabalho, não se encontram em casa para acompanhar seus filhos. Ressalvam-se, então, as diferentes opiniões manifestadas pelos participantes.

Eu acho que tenta educar [mídia]. Ela estimula ou reforça que a pessoa deve utilizar o preservativo, o anticoncepcional. Acho interessante quando ela mostra o que acontece com os adolescentes que engravidam prematuramente, é bem proveitoso e bem positivo (S1E).

Percebe-se pelos depoimentos que esses jovens apresentam certo grau de criticidade frente ao mundo. Suas visões e percepções demonstram seus posicionamentos. São observadores, reflexivos e traduzem suas posturas como fruto de uma criação que se arrisca dizer, dentro do que é esperado, de filhos criados e educados em famílias tradicionais.

Seus posicionamentos críticos frente ao papel da mídia, sua contribuição para o exercício de tomadas de decisão, parecem denotar que foi construído e desenvolvido pelo “bom” papel desempenhado por suas famílias, independente de suas relações melhores com o pai ou com a mãe. “A mídia tem sido um lugar privilegiado de circulação de discursos em nossa sociedade, logo, importante para construções identitárias” (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 54-55). Corroboram-se as afirmações das autoras, conferindo com as seguintes falas dos participantes:

A mídia pra nós, futuros pais, contribui muito pouco; não contribui em nada para nossa formação; os programas educativos geralmente são em horários muito cedo ou muito tarde, [dificultando que crianças e jovens acompanhem os mesmos] (S8G2, S5G2, S1G2, respectivamente).

Nesta fala, em especial, os jovens trouxeram o programa “Altas Horas”, que aborda algumas temáticas interessantes (sexualidade, drogas, prostituição), mas no entendimento deles, o horário é muito tarde. Esse programa poderia também tratar assuntos, como, por exemplo, o valor de um pai, de uma família, os papéis do homem e mulher frente à contemporaneidade e, com isso, despertar nos jovens novas formas de ver e pensar as suas vidas.

Nota-se a importância que a mídia tem na vida desses jovens, ressalvando-se, contanto, que em sua programação aborde assuntos de seus interesses. Sabe-se que as emissoras trazem discussões sobre diferentes temáticas, mas ao que parece, pelos relatos dos jovens, a mídia não está conseguindo atingi-los, orientá-los, como se pode perceber pelos seguintes relatos:

Tudo que a televisão passa tem um lado bom e um lado ruim tem a função de informar o que está acontecendo, mas sempre traz o lado negativo. Acho que a mídia não colabora muito (S6E).

Já a escola, instituição que participa de forma significativa no desenvolvimento dos indivíduos, foi questionada sobre seu desempenho na educação dos meninos e meninas, bem como sua atuação frente a orientações para a paternidade. Por ser o local que dá continuidade à educação e aprendizado iniciado na família, tem função de destaque, merecendo atenção quanto aos conteúdos que estão sendo desenvolvidos, bem como a condução frente às temáticas que costumam trazer desconfortos aos pais e educadores. Dentre essas temáticas encontram-se as relacionadas à sexualidade, por exemplo.

Segundo Ramos (2001), a escola é uma instituição de muitos significados para a criança e o adolescente (e o jovem), proporcionando o exercício de sua identidade e criando possibilidades de construção e acesso a novos saberes e, socialmente, produzidos e sistematizados.

Para os sujeitos do estudo a participação da escola na vida dos jovens ainda carece de melhorias, pois no entendimento dos mesmos a escola viria a complementar os ensinamentos iniciados na família. Mas, no entender dos participantes do estudo, a escola está deixando a desejar, uma por não estar preparada para todas as discussões que são levantadas pelos jovens, outra, é que ela não procura aliar a família como parceira para o aprendizado dos jovens, como se pode perceber em suas falas:

A escola também fala muito pouco sobre isso [sexualidade, reprodução, paternidade]; hoje em dia é só o conteúdo básico. Mas hoje tem muitos professores que não querem nem se envolver. Vão lá e dão o conteúdo e vão embora (S3E; S6E, respectivamente)

Frente ao exposto, pode-se atribuir as mudanças nas expectativas dos jovens em relação ao que a escola e professores estão oferecendo. Nesse sentido, “hoje a diversidade de expectativas e aspirações dos estudantes mesclam-se à heterogeneidade das propostas educativas de escolas e professores” o que vem ao encontro dos comentários realizados (SETTON, 2002, p. 6).

Concorda-se com os resultados de uma pesquisa realizada com adolescentes quando afirma que os profissionais da saúde e os professores carecem ser habilitados a buscar em suas intervenções, ultrapassar o modelo biológico, discutindo e incitando reflexões acerca da sexualidade (e outras temáticas como a reprodução, comprometimento com a paternidade),

contemplando as dimensões físicas, emocionais, socioculturais para alcançar com mais pertinência a promoção da saúde integral (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006).

Atualmente, a constante produção de conhecimentos, a maior circulação de informação pelos meios de comunicação de massa, ocupam papel de destaque na formação moral, psicológica e cognitiva do homem. A família, escola e mídia podem ser consideradas instituições socializadoras, que interagem entre si, contribuindo para a construção do sujeito. Em contrapartida, cita-se o depoimento do jovem, mostrando seu descontentamento com a escola e a maneira de conduzir a educação dos seus alunos, evidenciado pela sua posição crítica em relação à atual situação da escola e professores, merecendo reflexões frente às políticas públicas da educação, como se observa seguir:

Hoje, no meu ponto de vista, a escola está deseducando muito mais do que está educando. Ele faz tudo pros filhos dele. Eles [pais] educam e ensinam em casa. No meu entender os pais estão fazendo o que é certo. Os dois. Daí o filho deles vai pra escola e vê todo mundo fazendo alguma coisa que é errada e também aprende. Se ele ficar fora das sacanagens ou brincadeiras maldosas é chamado de careta ou de qualquer outra coisa. Se não participar fica excluído do grupo. Exatamente o que acontece comigo e com o meu irmão. Eu fui criado com a mesma educação que meu irmão [mais novo]. E é totalmente diferente. Ele chega em casa revoltado com o pai e a mãe, porque ele não tem o tênis que todo mundo tem no colégio, se não tem uma jaqueta do jeito que todo mundo tem, se não tem os livros que todo mundo tem, se não tem o celular. Nesse sentido a escola na verdade deseduca muito mais a cria (S8G1).

Esse depoimento demonstra a visão de um jovem que está atento ao que acontece no meio familiar, fora dele e tudo que envolve as relações, e que é proveniente de comportamentos e atitudes de uma parcela da população jovem cujos valores são copiados do grupo. Questiona-se, então, como fica a escola, que também sofre com a disseminação desses comportamentos e tem dificuldades de colaboração da família?

Se realmente a escola se vê com dificuldades em abordar esses comportamentos ou mesmo enfrentá-los, como a mesma poderá desenvolver com os alunos, temas polêmicos que geram discussões acaloradas e permeadas de preconceitos, mitos e tabus, como a sexualidade, a violência, a maternidade/paternidade responsável? No entanto, os jovens observam pequenas mudanças em relação à escola e professores, mas, mesmo assim, demonstram insatisfações relativas ao envolvimento com os alunos e família.

Falando da questão da integração. Hoje, pode observar em todos os cursos de licenciatura que a transformação está acontecendo, o currículo está sendo reformulado. Os professores estão com uma nova informação. Os

professores novos, não que os antigos não façam. Mas os professores novos têm outra visão, outra formação e buscam mais informações (S2G2).

A escola [entendendo os vários graus de ensino] também fala muito pouco sobre isso [paternidade]. Hoje em dia é só o conteúdo básico e se sentem satisfeitos de passar aquilo. Dão graças a Deus quando conseguem (S3E).

Além da escola, os jovens referem ser necessária a inclusão da mídia para reforçar a discussão sobre o papel do pai frente à família e filhos, como pode se perceber pelo seguinte depoimento:

Eu acho que ser pai é algo muito complexo. Acho que toda discussão que tu vais tirar bom proveito, ou tu não vai concordar com aquilo. A mídia eu não vejo falar muito sobre a paternidade, é muito difícil, muito menos a escola (S1G2).

Em relação à mídia, houve um aumento de discussões sobre o tema sexualidade, mas falta de qualidade nas informações e deficiência nas abordagens que levem os jovens a refletir e aprofundar essas questões (RIOS *et al.*, 2002).

Ao mesmo tempo em que os participantes salientam as dificuldades das escolas e, em consequência, os professores, em trabalhar temáticas de interesse de forma clara, objetiva e reflexiva para as crianças e os jovens, citam situações que envolvem os alunos, mostrando que, muitas vezes, os mesmos estão chegando nas escolas apresentando deficiências na educação familiar, respeito por valores, desconhecimento sobre alguns assuntos, que poderiam ser oferecidos pela família e complementados pela escola, dificultando a sua função educativa. Observa-se, por parte dos participantes do estudo, rejeição frente ao comportamento de algumas crianças e jovens no ambiente escolar, questionando as políticas públicas de apoio aos jovens. Percebe-se que hoje o ser humano está abdicando determinados valores (respeito e valorização do outro, amizade, compreensão) na sua convivência cotidiana, não mais refletindo sobre suas atitudes que, dependendo, permitem ou não o contato e convívio social.

Ao mesmo tempo em que os jovens criticam os professores e a escola, observam que algumas crianças e jovens, ressalvados pela lei e pelos pais, podem estar sinalizando a falta de limites de alguns pais perante seus filhos, dificultando o relacionamento entre pais, filhos e escola e, com isso, ocasionar dificuldades no aprendizado, na educação e na melhoria na qualidade de vida desses.

Percebe-se que escola e família precisam estreitar seus laços em favor do ser humano, buscando a melhoria nas condições do desenvolvimento educativo de todos, independente de

classe social e econômica, religião, cor, considerando alguns pontos-chaves permeados de preconceitos e tabus, citando as diversas formas de viver a sexualidade, diferentes opções de parceiros sexuais, gravidez na adolescência, paternidade, maternidade no sentido de permitir que esses sejam adultos conhecedores das diferentes realidades que poderão enfrentar durante a trajetória de suas vidas e, principalmente sejam felizes e possam viver com tranquilidade as suas escolhas.

Essa discussão sobre a quem compete apoiar os jovens a respeito da sexualidade e suas conseqüências vem sendo objeto, desde a primeira década do século XX, de instituições como a igreja católica, discurso médico, afirmando que “o trato da temática e os desenvolvimentos teóricos e científicos na compreensão dos fenômenos correlacionados à sexualidade, bem como o retorno dos resultados alcançados para o meio social mais abrangente, sejam marcados por avanços, recuos e estagnações” (RIOS *et al.*, 2000, p. 46).

Por isso, reafirma-se a pertinência de munir as crianças e jovens, incluindo os adultos sobre assuntos que dizem respeito às decisões dos mesmos, relativas às opções em suas vidas. Cita-se, como exemplo, a paternidade, de relevante importância na vida dos homens que optarem ser pai, que, por meio desse estudo, revela-se ser assunto pouco discutido na família, escola, mídia e, quando efetivado, apresenta-se de forma negativa, conforme os relatos:

Eu nem sei se em algum momento de minha vida aconteceu de conversar sobre paternidade. O que me lembro foi de uma palestrante que veio na minha escola que falou sobre sexualidade. Eu achei bem interessante. Ela conseguiu dominar o grupo (S1E).

Acho que os professores podem ajudar sim, propor mesas redondas que falem sobre estes assuntos, se as escolas tivessem isso [conversas] poderia contribuir um pouco e em relação aos amigos precisariam mudanças na sociedade, porque os amigos só vão poder ajudar se eles também tiverem conhecimento, se eles ouvirem a família falar sobre isso, porque na verdade os amigos falam, quando falam sobre isso [sexualidade, paternidade] levam na brincadeira, não tem conversa sobre isso na verdade num grupo de amigos (S2E).

Em seu texto, Fischer (2001, p. 53), propondo-se a promover debate entre professores e discutir temáticas desencadeadas pela prática cotidiana da sala de aula, afirma que hoje essa prática,

não pode ser vista sem se considerar a educação como imersa no grande espaço da cultura e portanto, no grande espaço dos meios de comunicação, da cultura da imagem e da proliferação de mitos, de modo de ser, de existir e de formar pessoas.

A autora propõe aos professores que percebam a mídia como um espaço de formação de gerações mais novas, separando o que é educativo e o que é produto de diversão, informação, merecendo ser problematizada para refletir-se de que forma a mídia constitui-se no desenvolvimento das pessoas (FISCHER, 2001; FISCHER, 2002).

Entende-se a diversidade de informações oferecidas pelos jornais, revistas, livros, Internet, televisão e seus canais de assinatura, evidenciando, dessa maneira, a precisão de envolver o jovem com diferentes temas de interesse social, cognitivo e pessoal, interagindo com o aprendizado da escola, família, mídia e grupo de amigos, permitindo aos mesmos delinear os caminhos e, talvez, decidirem o que é melhor para suas vidas. Também se defende a importância da escola e família aproximarem-se, trocar informações, evoluírem e construir espaços sólidos de convivência para as crianças, jovens e adultos. Acredita-se que atitudes como essas, somadas a tantas outras que perpassam a vida dos indivíduos poderão contribuir para mudanças essenciais na educação familiar e escolar nos diferentes níveis, e, quem sabe, possibilitar aos jovens uma paternidade feliz e comprometida juntamente com sua família.

A respeito disso, concorda-se com Capparelli (2001) quando sinaliza que boa parte da programação midiática a que as crianças estão expostas são de má qualidade, pontuando ao mesmo tempo, que o melhor a ser feito é deixar que elas discutam todos os gêneros de programas televisivos e que possam criticar e educar-se por meio dos conteúdos oferecidos. Outra questão que merece atenção dos pais e professores são as diferentes formas como a mídia representa as relações de gênero, pois se entende que “é a produção de significados pela linguagem em torno de diferentes categorias como classe, raça, gênero, etnias, geração, que vai constituir identidades culturais” (SABAT, 2001, p. 65). Percebe-se, pela descrição a seguir, qual o entendimento dos participantes quanto a algumas situações divulgadas pela mídia, referentes a questões de opção sexual e diferenças de gênero:

Acho que a mídia não está trabalhando com as diferenças. A gente nota que o homossexual é discriminado. A mídia discrimina. Hoje até não existe muito aquela coisa de fazerem novelas com lésbicas e homossexuais (S6E).

Como aponta um estudo, o homossexualismo, quando aparece nas telenovelas, é sempre como tema secundário, motivo de piadas ou protagonizando programas humorísticos. No cinema e nas revistas o espaço é maior, voltando-se mais para a pornografia (MIRA, 2003). Portanto, o relato do jovem vem ao encontro do que a mídia está veiculando, isto é,

não considerando as diferenças de opções sexuais entre os indivíduos ou satirizando as que não se apresentam hegemonicamente.

A mídia, a Igreja e a escola contribuem para regularizar e dar valor a alguns grupos ou sujeitos, quando servem para esconder ou rejeitar outros. Portanto, é preciso apreender que todas as formas de viver e demonstrar a sexualidade são construções sociais e compreender que existem diferentes formas de viver a feminilidade e a masculinidade (LOURO, 2001). Apesar dessas temáticas serem encobertas nas salas de aula (e família), elas estão presentes nas revistas, nas propagandas, nas novelas, filmes (SABAT, 2001). Dessa forma, entende-se que esse conhecimento poderia ser absorvido e trabalhado por educadores e profissionais da saúde, uma vez que, convivendo com jovens, acredita-se ser necessário estarem abertos ao diálogo e atentarem para as diferentes realidades, opções sexuais e de vida dos indivíduos.

5.3 O sentido de paternidade para os jovens

Nesta categoria busca-se, por meio da fala dos participantes, conhecer o sentido que os jovens conferem ao tema paternidade. Ressalta-se que a paternidade está nos planos futuros, mas pouco comentada e discutida entre os jovens e suas famílias.

É uma coisa diferente, é um assunto difícil de a gente comentar. É um negócio interessante. Tu sai daquele teu mundo. Tu para pra pensar no teu futuro, em relação à paternidade é um negócio que tu pensa depois. Primeiro tu pensa em se formar pra trabalhar pra daí então pensar sobre esse assunto (S1E).

Unbehaun (2001), em seu texto sobre paternidades e masculinidades em vários contextos, diz que a paternidade e a maternidade são momentos de transformação na vida do homem e da mulher e são assinalados pela ascensão de responsabilidades como proteger, cuidar, de prover e, pelo que se percebe, os jovens dessa pesquisa não se acham preparados para essa responsabilidade, assinalando que, muitas vezes, nem conversam sobre essa possibilidade.

Para Marcolino e Galastro (2001), o sentido psicológico da paternidade para o homem é muito importante, mas pode manifestar-se de formas diversas de acordo com a cultura, situação econômica e grupos sociais de uma mesma sociedade.

Percebe-se com isso, que o assunto sobre paternidade gerou reflexões que até então não teriam acontecido em suas vidas, causando surpresa, a abordagem dessa temática. A reação dos jovens foi interpretada como se o assunto paternidade e sua realidade fosse algo bem distante do momento atual de suas vidas. As reflexões sobre as diferentes paternidades se fazem necessárias uma vez que nem todos os homens respondem às reivindicações das mulheres no auxílio ao cuidado dos filhos.

5.3.1 O jeito de ser pai: pai como exemplo

Os participantes desse estudo citaram o seu pai como exemplo, para a construção de suas trajetórias de vida, envolvendo a mãe, descrita como elo importante na vivência e estruturação na família. Demonstraram, por meio de palavras, muito carinho e respeito por seus pais, apesar de relatarem que anteriormente, quando menores, ocorriam desentendimentos e diferentes opiniões. Hoje, os jovens conseguem entender a postura do pai, frisando a importância da conduta na sua educação.

Nessa subcategoria faz-se uma análise dos depoimentos dos jovens relacionados à figura dos seus pais. Destaca-se que em todos os momentos tanto dos grupos focais, quanto das entrevistas, os pesquisados sempre traziam os seus pais como exemplos, lembrando dos mesmos nos diferentes períodos de suas vidas. Quando questionados sobre os elementos que imaginam que serão diferentes entre o jeito de ser pai do seu pai e o seu jeito, as respostas foram as seguintes:

Relação ao meu pai, eu acho que vou procurar tirar maior proveito das coisas que eu acho certo e tentar corrigir alguma coisa que eu não ache certa, algum erro que possa ter para eu não repetir no futuro e procurar melhorar sempre as coisas boas (S1E).

Tem diversos modos sim [de ser pai], porque tem aquele pai que senta e conversa, tem aquele pai que já chega batendo, tem aquele pai que não dá bola pro filho, tem aquele pai que leva tudo na esportiva (S2E).

Observa-se que esses jovens querem ser pais diferentes de como foram seus pais para eles, sabem diferenciar as várias maneiras de ser pai, mas querem buscar o melhor para seus filhos, pensando na proximidade e no afeto, importantes para a construção de vida do seu filho. No que diz respeito a esse comportamento numa pesquisa foi observado que, buscando

compensar o pouco afeto recebido do pai, os filhos idealizaram uma imagem de pai, na qual deveriam se transformar mais tarde, ligada ao afeto, à partilha e ao diálogo com filhos e esposa. O estudo reforça, ainda, que os movimentos de mudanças da paternidade sinalizam para o resgate do envolvimento do pai com o filho, atividade essa relegada à mãe (GOMES; RESENDE, 2004).

O relato abaixo traz as considerações de um jovem quanto aos valores que foram cultivados na família, mesmo referindo a ausência constante do pai, mas, percebendo que, mesmo assim, o pai deixou importantes ensinamentos. Pode-se, então, constatar a relevância do papel do pai frente à educação dos filhos, como registrado a seguir:

Têm alguns aspectos que nós carregamos como a cultura, o relacionamento, mas meu pai não tinha muito dialogo comigo, meu pai não tinha tempo ele trabalhava pra fora. Mas eu vou pegar exemplo como moral e modificar outras porque o mundo vai ser um corre-corre, uma mudança de vida diferente como o do meu pai pra mim (S5G2).

Frente a isso, em estudo que apresenta o quanto é importante estudar a experiência das crianças e seus pontos de vista para poder compreender os diferentes fenômenos sociais que lhes dizem respeito, salienta, ainda, que para se entender o sentido das práticas educativas tem que se levar em conta a cultura à qual a família pertence e não apenas o meio social, bem como o desenho que as famílias têm dos filhos, da infância, (juventude) e da autoridade (MONTANDON, 2005).

Eu acho que vai ser diferente. Até por uma questão de conhecimento. Ele estudou até a 4ª série [...] teve que trabalhar de sol a sol e não tinha tempo pra estudar. E eu hoje estou na faculdade. Eu vou estar mais propício a descobrir qualquer coisa. Descobrir as vontades dele, os medos dele. Tu vai estar mais apto a detectar sinais e sintomas, da falta, da carência. Acho que isso vai ser diferente. E o tratamento também. Porque o meu pai recebeu aquela educação. Eu recebi a educação que ele me deu. E eu hoje me abri para um mundo diferente, então eu vou incluir nesta educação tudo que eu recebi de bom (S6E).

Eu quero ser alguém que além de pai, dê muito carinho, muito afeto, dar muito... o que a criança precisa para que vamos dizer, ser pessoa de bem (S8G1).

O discurso desse jovem assemelha-se ao resultado da pesquisa realizada com homens que se tornaram pais nas décadas entre 60 e 80 para investigar possíveis transformações das representações sociais da paternidade e das práticas parentais. A análise dos achados levou à conclusão de que as representações mantinham ligações com modelos tradicionais de paternidade, ressaltadas pela divisão de papéis em que o homem era o provedor material e a

mãe encarregada do cuidado dos filhos e atividades domésticas. O estudo destaca que os pais da década de 80 e os de nível superior apontaram algumas transformações nas relações afetivas entre pai e filho, motivadas por meios de informação que favoreceram a esses homens serem mais acessíveis nas redefinições de papéis de gênero (REZENDE; ALONSO, 1995). Salienta-se que é importante trabalhar com os meninos e meninas no sentido de aproximar e intervir nas ações voltadas para temáticas como sexualidade, reprodução, divisões de papéis femininos e masculinos, destacando o princípio de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres em todos os âmbitos (MEDRADO; LYRA, 1999).

Acho que hoje é mais difícil de quando foi pra mim. Porque no meu tempo até não tinha conhecimento de drogas. O tipo de música que eu me criei escutando não incentivava a prostituição. E hoje então é uma preocupação bem maior que você vai ter que ter. A gente vai ter que ter bem mais tempo pro filho do que o meu pai tinha pra mim (S4E).

Fica evidente nesses depoimentos como os jovens apreendem as mudanças no cotidiano das famílias e da sociedade, comentado sobre a facilidade de aquisição da droga, as diferentes melodias que são ouvidas pelos jovens na atualidade e mesmo sobre o estímulo para a prostituição. Tal comentário talvez seja fruto do tempo que as crianças e jovens estão dedicando frente à mídia e que tem colaborado para construções de posturas positivas e negativas frente à vida. Partindo de tais considerações, os participantes enfatizam a seriedade dos pais em dedicar mais tempo para a educação e criação e acompanhamento do desenvolvimento social e cognitivo dos seus filhos.

Difícilmente você vê um que é o exemplo melhor. Até porque ninguém comenta os exemplos bons. Você tem que ver com seus próprios olhos. O que é comentado é só os exemplos ruins. Mas tem exemplos bons também. Um pai ir buscar um filho em algum lugar de carro. Ou até levar num encontro. No CLJ tem uns que levam. Só o fato de o pai levar o filho lá já demonstra que ele está preocupado com o filho. Está levando. É um negócio bom então vai (S4E).

Nesse relato aparece a percepção do jovem quanto a referências positivas e bons exemplos vindos de pais, professores, colegas e da mídia. Diz que os exemplos apresentados em maior número são os ruins. Relata que a mídia tem se encarregado de mostrar maus exemplos e cenas tristes do cotidiano (falaram do Jornal Nacional que mostra somente notícias de guerra, mortes, falta de ética, roubos...), demonstrando, assim, que o seu cotidiano precisa de momentos de reflexões, alegrias, diversão, isto é, cenas que tragam e demonstrem satisfação, como relato, o pai acompanhando um filho. Em relação ao pai, como exemplo, esse outro jovem refere-se dessa forma:

Eu acho que seria, eu seria que nem a minha mãe, eu faria mesma coisa que a minha mãe, quando precisou conversar a minha mãe veio conversou (S6G1).

Chama atenção esse relato, que o jovem universitário cita o exemplo de condutas positivas de sua mãe e reforça que quando tiver que agir frente a seu filho fará como sua mãe, pois o pai sempre se mostrou muito reservado e ausente. Muitas vezes, aos olhos do filho, o exemplo de pai pode não ter sido o melhor, ou até, invisível, ou mesmo prejudicial, sendo a mãe a única figura de referência, mesmo em famílias formadas pelo casal. Por esse relato pode-se inferir que a ausência e negligência do pai com o filho foi algo que o marcou de forma negativa e, em vista disso, ele prefere o exemplo de sua mãe para reproduzir com seus filhos. Ressalta-se que essa não foi uma fala que obteve a concordância dos demais, pois o evidenciado foi o exemplo paterno na maioria das discussões.

Corroborando com a afirmação acima, em pesquisa com adolescentes foi desvendado que mulheres e homens adolescentes contavam com a mãe para elucidação de dúvidas, destacando a falta de diálogo e interação do pai na vida de seus filhos (BORGES; NICHATA; SCHOR, 2006; REZENDE; ALONSO, 1995).

Eu não quero dar para o meu filho o que o meu pai passou, tipo de passar fome, de sofrer o que ele sofreu, porque queira quer não queira isso vai retardar a idade e o desenvolvimento dele e ele não vai crescer da forma como eu desejo e uma palavra que é bem forte em termos a paternidade seria a confiança e eu, o meu pai tem confiança em mim e isso eu quero transmitir para o meu filho, quando eu tiver um filho (S3G1).

Tem que ter a responsabilidade, o exemplo tem que procurar se espelhar no teu pai. Paternidade também consiste em amizade (S1G1).

Muito interessante essa troca de informações dos participantes do grupo quando apontam a responsabilidade do pai frente ao filho, bem como o papel do homem em relação ao casamento e assumir o filho. Concorda-se com a afirmação que se precisa dar visibilidade à atual fase de transição das famílias (GOMES; RESENDE, 2004). O que se busca é encontrar alternativas que viabilizem ao homem se encontrar e desempenhar seu papel de pai cuidador com direito a sentimentos de afeto, respeito e confiança com seu filho. É importante dar oportunidade e condições para que os homens possam efetuar essas tarefas, comprometidos com o cuidado e, ao mesmo tempo, lembrando que existem diferentes pais e diferentes tempos de adaptações às novas realidades.

Percebe-se o interesse e vontade dos jovens em ter uma família estruturada, ter filhos, ajudar a educar e cuidar, dividindo as tarefas com a companheira. Acreditam e defendem ser

essa a melhor maneira de criar e educar o filho para a vida. A família, como observada, faz parte constante na vida dos mesmos, pois reforçando a importância de suas famílias de origem como suporte para a criação de seus filhos, servindo de referência e ponto de apoio, como registrado no relato a seguir:

O que tu tem de melhor para dar pro teu filho é o exemplo da minha família, eu acho que seria o melhor exemplo que eu poderia dar pra ele. Minha família me deu educação, me ensinou valores, me ensinou e me mostrou as dificuldades de eu conseguir alguma coisa e pra valorizar o que eles fazem por mim pelos meus irmãos (S8G2).

Estas falas demonstram que, atualmente, há o reconhecimento, carinho e respeito dos jovens pelos seus pais, entendendo o esforço dos mesmos em proporcionar condições de educação e estudo, mostrando os valores e as dificuldades que a vida poderá oferecer. Frente a essas considerações, fica evidente a importância do investimento nas crianças, futuros jovens e prováveis pais, disponibilizando conhecimentos sobre as diferentes fases da vida do ser humano e, talvez, viabilizando a construção de uma família feliz.

Em pesquisa para examinar a interação entre pais adolescentes e pais adultos, com o bebê aos três meses de vida, foi identificado que o apoio emocional procedente da família de origem, contribui para que esses obtenham um melhor conhecimento sobre o crescimento e desenvolvimento da criança, fatores importantes para o jovem, auxiliando na relação parental (LEVANDOWISKI; PICCININNI, 2002).

5.3.2 Sentimentos e expectativas em relação ao futuro

Ressalta-se que, nos encontros de grupo focal e entrevista, os sujeitos dessa pesquisa, manifestaram muitos sentimentos e expectativas frente à paternidade, mostrando-se sensíveis em relação à figura dos seus pais, bem como o seu futuro exercício da paternidade. Ficou evidente a vontade que os mesmos têm em ter filhos, mas preocupam-se, entre outros fatores, com a situação financeira, a dificuldade para criar e educar os filhos. Por essa pesquisa ter sido realizada no interior do Estado, acredita-se que o contexto familiar, o relacionamento com vários membros da família, as poucas oportunidades de lazer tenham influenciado na educação e vontades quanto à paternidade.

Quando questionados sobre o que é ser pai, dos jovens participantes da pesquisa obtiveram-se os resultados a seguir:

Em relação à família, primeiro a gente tem que ter uma mulher uma companheira, ter certeza do que quer, porque se tu ser pai antes de estar bem constituída a família com você e a mulher já não está dando bom exemplo, na minha forma de ver, pode não estar preparado financeiramente também para criar esse filho tem que primeiro garantir uma vida digna para teu filho (S3G1).

Espero que quando chegar o momento. Espero que não seja por surpresa. Espero que seja bem pensado. Que nem eu tinha falado, programado. Que seja o momento certo meu e da minha esposa. Estejamos bem estruturados como família, eu e ela e nossos familiares. Pra mim é isso. Mas é uma demonstração de amor também do casal (S3G2).

Esses jovens manifestam, de forma interessante, os seus pontos de vista em relação ao seu desejo de ser pai, uma vez que por demonstrarem certo grau de maturidade, referem aspectos como a importância do preparo profissional, da escolha da companheira, da situação financeira e mesmo do tempo certo para essa experiência. É um tipo de pensamento e percepção diferente do que tem aparecido em grupos de jovens de outros segmentos, como, por exemplo, jovens oriundos de periferia de grandes cidades, de classe baixa com pouca escolaridade. Isso, no entanto, não pode ser generalizado e, sim, é apenas uma constatação percebida na experiência da pesquisadora, assim como fruto do conhecimento e envolvimento com essa parcela da população.

Meus planos para paternidade? A paternidade é com o tempo depois que, nem eu falei com minha namorada conversamos a respeito, mas só depois que ela terminar a faculdade (S4E).

Hoje eu não teria condições de ser pai, uma porque eu dependo dos meus pais totalmente eu não trabalho ainda e meus pais moram em outra cidade e eu moro aqui, daí eu dependo totalmente deles, se acontecer de eu ter um filho o que vai acontecer, primeira coisa eu vou ter que largar a faculdade e arrumar um emprego, então no meu caso eu não tenho condições (S1G2).

Verifica-se que esses jovens universitários se preocupam em não conseguirem ser bons pais, mas pelo contrário, demonstraram que esperam exercitar uma paternidade com responsabilidades e valores, diferentes daqueles que o cotidiano do mundo contemporâneo tem mostrado. Registra-se que até pouco tempo, o pai não exercia muita influência no cuidado e educação dos filhos, porque, “historicamente a masculinidade tem sido menos problematizada” (SABAT, 2001, p. 66). “Ser pai era considerado, até pouco tempo, algo da ordem do natural e a ciência, assim como a crença popular, afirmava a importância do pai

para o desenvolvimento da criança” e, dessa forma, estudos mais intensos sobre a relação pai e filhos e sobre os caminhos da paternidade não eram explorados (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 50). As autoras afirmam que só a partir do movimento feminista é que houve uma busca por entender melhor as construções sociais das masculinidades e paternidades.

Os jovens referem em seus discursos o receio do convívio do filho com a sociedade em geral, intensificando o desejo de ter filhos e proporcionar uma vida digna para eles:

Os medos são da convivência desse filho com a sociedade perigosa do jeito que está hoje, a relação que ele vai ter com os amigos dele com esses amigos que a gente não sabe quem são, como vão ser? Não sei... Vamos ter que arranjar uma maneira que durante que o tempo vago de ficar em casa que possa educar este filho o máximo possível, ensinar o necessário pra esta criança ter um bom relacionamento na sociedade e se dar bem na vida (S2E).

A afirmação acima vem ao encontro de achados do estudo que teve como objetivo estudar a participação paterna no cuidado da saúde de crianças menores de seis anos em famílias de camadas populares. O estudo evidenciou que a participação do pai está voltada para conservar a integridade física e emocional das crianças, os cuidados corporais e a formação moral, destacando os cuidados quando as crianças brincam na rua, o contato com o grupo de amigos, pensados de formas diferentes para meninos e meninas. Os entrevistados enfatizaram que as meninas precisam de mais cuidados na sua criação do que os meninos (BUSTAMANTE, 2005). Pode-se inferir que esses cuidados implicam em delegar às meninas, ou melhor, despertar nas mesmas, maior responsabilidade, compromissos, obediência, preparo para a maternidade, afazeres domésticos e outros.

O que mais eu tenho medo é de não ter tempo pra eles ou pra dar carinho, pra conversar. Só disso eu tenho medo, sendo um filho bem planejado, bem vindo com amor, depois de casado, escolher qual é o melhor momento de ter os filhos. Não adianta também eu estar preparado pra ser pai e ela [companheira] não estar preparada pra ser mãe. Então tem que ter os dois de acordo (S4E).

Em pesquisa com homens que procuravam um ambulatório de reprodução humana na cidade de Campinas, com o objetivo de estudar as representações masculinas sobre paternidade, foi evidenciado que a paternidade não está relacionada apenas a fazer filhos e sim à capacidade de sustentá-los e educá-los, mostrando que a paternidade é pertinência da masculinidade, diferente da forma como a maternidade é atribuída. Para os homens

entrevistados a paternidade é um acontecimento durante as suas trajetórias de vida, voltado para o futuro. Já a maternidade é elaborada desde o início da vida feminina (COSTA, 2002).

Os jovens comentaram não estarem preparados para ter filhos nesse momento de suas vidas, referiram que não saberiam, atualmente, como conduzir a educação, mesmo afirmando que, futuramente, pretendem construir uma família. Ramires (1997), em estudo que investiga como o pai participa e vivencia a relação com os filhos, enfatiza a necessidade de mudanças nas estruturas sociais, políticas, econômicas, midiática, para que o pai possa exercer suas funções frente aos filhos, dividindo essas tarefas com a mãe. Considera que a responsabilidade única da mulher frente à criação dos filhos se deva a uma educação sexista.

Eu não estou preparado [para ser pai]. Já pensei, mas acho que eu não estou preparado para isso, eu acho que ainda, não tenho aquele, não saberia dar uma boa educação para o meu filho. Eu acho no meu ponto de vista é isso. Eu não me sinto preparado para ser pai (S3G1).

Trindade e Menandro (2002), em pesquisa com pais adolescentes, entre 16 e 21 anos, investigaram as mudanças ocorridas e os significados de maternidade e paternidade. Os resultados mostraram que os adolescentes referiram encontrarem-se despreparados para essa nova situação, a paternidade, identificando como preparação, ter um trabalho fixo com uma boa renda para atender à família, ter mais cultura, mais conhecimento para trocar com a criança, bem como, apontam a perda da liberdade e inexperiência frente às exigências do que é ser pai. Também indicou o modelo de pai provedor, mostrando que, ainda, é muito presente entre as relações familiares. Essa constatação contrapõe de certa forma o que foi encontrado nesses jovens universitários, que demonstram pelos relatos, certo grau de maturidade e conhecimento de sua situação real para o enfrentamento da paternidade. Os mesmos aparentam segurança em não se sentirem aptos nesse período para se tornarem pai:

Eu acho que nós temos que ter o dobro de responsabilidade e preparação do que nossos pais tiveram. Estes problemas eles também tiveram pra enfrentar com nós. Não prepararam eles (S3G2).

A respeito disso, autores relatam que “a paternidade é uma experiência humana profundamente implicada com propósitos sociais e institucionais que a legitima, ou seja, uma construção que deve ser compreendida face ao contexto sócio-cultural de um tempo” (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 51).

Quando entrevistados sobre os planos para o futuro os relatos foram:

Eu acho que ser feliz na profissão e bem sucedido. Eu acho que se tu não for bem sucedido e não tiver felicidade naquilo que tu faz, acho que isso é o principal (S1E).

Pra mim hoje seria eu me formar, me especializar, ter a vida profissional estabilizada e daí sim, depois, com o consentimento da minha namorada e das famílias, vou casar e depois de casado escolher qual é o melhor momento de ter os filhos (S3E).

Eu quero me formar e depois tentar um Pós, um Mestrado sei lá. Eu pretendo casar e tal. Eu penso assim, termino a faculdade arrango uns dois, três empregos e vamos casar. Aí espera um tempinho, se ajeita e tudo. Aquela coisa quem casa quer casa. Aí depois sim vamos ter filho (S6E).

Percebe-se que os sentimentos e planos dos jovens demonstram uma preocupação em construir uma carreira e uma família após um planejamento e uma organização de sua vida profissional. Registram o interesse em ter filhos, estão cientes da responsabilidade e comprometimento com o filho, comentam a importância que atribuem ao momento que estão vivendo, ou seja, o de sua qualificação profissional, destacando o seu despreparo para a chegada de um filho.

Esses jovens estão buscando por estabilidade econômica, pretendem exercer a profissão escolhida e, depois, construir uma família e, a partir disso, pensar em filho. Entretanto, registra-se que em nenhum momento anterior da vida desses jovens foi comentado sobre a paternidade, nem na família, na escola ou mesmo no seu grupo de amigos. Eventualmente, o que ocorreu foram algumas brincadeiras ou mesmo situações com outros jovens que experimentaram uma gravidez indesejada e que serviu de motivo de riso para eles. Constata-se que existe diferença na educação voltada para os meninos e meninas, para o jovem e a jovem, parecendo que a mulher engravida e o homem não tem responsabilidade frente a esse filho. Isso pode ser confirmado nos discursos dos participantes quando manifestam, como primeira preocupação, estar estabilizado economicamente, para, depois, pensar em ter filho. Em suas falas os jovens registram o interesse em ter filhos, estão cientes da responsabilidade e comprometimento com o filho, mas percebe-se que não tiveram nenhum tipo de experiência, muito menos contato com crianças menores. Isso foi assinalado em todos os momentos dos encontros e das entrevistas. Pode-se atribuir que estes comportamentos são frutos da educação diferenciada entre meninos e meninas, pelas famílias, reforçados pela escola e enfatizados, cotidianamente, pela mídia. Precisa-se pensar na construção de estratégias para serem desenvolvidas junto a crianças e jovens, seja na escola, no meio familiar, na comunidade e até mesmo nos meios de comunicação. E tem que se começar a proporcionar essas mudanças. Se isso acontecer, quem sabe, no futuro, ter-se-á um

número significativo de homens envolvidos com seus filhos e companheiras e, com isso, famílias com mais condições de criarem e educarem seus filhos para uma vida saudável e feliz.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer as considerações finalizando esse estudo é válido dizer da realização pessoal e profissional em concluir mais essa etapa importante em minha vida. E não é somente a dissertação que estou concluindo e sim um sonho: o Mestrado. Além da possibilidade de dialogar com vários autores, este estudo possibilitou uma aproximação muito forte entre os jovens pesquisados e eu enquanto pesquisadora.

Acredito que a partir dos dados coletados nesse estudo é possível oportunizar reflexões sobre as perspectivas dos jovens frente a paternidade.

Desenvolver esse trabalho foi algo muito importante, propiciou-me um novo olhar sobre essa temática, pois o contato com os jovens e a escuta de suas visões de mundo e expectativas me fizeram e fazem refletir, agora com mais convicção, de que ainda é possível pensar em um mundo melhor, e a educação é um dos caminhos que percebo como sinalizadora dessa juventude saudável. Os momentos de convivência foram poucos, mas vividos com muita intensidade, carinho, e, principalmente, respeito. Os objetivos do estudo foram alcançados e conhecer as realidades vividas por esses jovens veio a confirmar os pressupostos de que falar de temáticas, que de uma forma ou outra, abordem sexualidade, educação sexual, saúde sexual ou reprodutiva, entre outros, ainda é uma grande dificuldade para os pais e para os jovens.

Ao conhecer as perspectivas desses jovens em relação à paternidade, verificou-se que esse assunto não faz parte de sua educação em nenhuma instância, ou seja, no meio familiar, no grupo de amigos, na escola. Outro dado interessante foi a maneira como se reportaram à sua criação, focalizando a figura paterna como um exemplo a ser seguido, porém com expectativas que superem a que lhes foi ofertada. Querem ser pais diferentes, indicando que querem ser melhores pais que os seus.

Chamou atenção o respeito que os mesmos têm pelo pai e mãe, mas, principalmente, uma ligação muito forte com o pai, tanto que, ao iniciar a discussão do primeiro encontro do grupo focal quando foi apresentado o tema “paternidade” todos trouxeram a descrição de seu pai e não eles se imaginando como pai. A figura materna foi evidenciada várias vezes como a maior responsável pela construção da família e o pai como a figura de mantenedor. Percebeu-se que esses jovens têm uma visão de família, aquela constituída por pai, mãe e filhos, assim como as suas próprias e como eles pretendem as suas futuras famílias. A visão de mundo apresentada por eles pode ser devido às características de jovens de uma determinada classe

social, com famílias do interior, com hábitos, costumes, valores e culturas próprias dessa parcela da população. Cabe um questionamento: como os jovens universitários de uma grande metrópole percebem essa mesma temática e a sua educação?

Foi muito satisfatório escutar os relatos e comprovar que a família é algo muito importante na vida desses jovens e acredito que, hoje, esses jovens manifestam esses pensamentos talvez porque a família esteve presente nas diferentes fases do seu desenvolvimento.

A escola, instituição que colabora com a construção da identidade do indivíduo, não apareceu como facilitadora ou mesmo instigadora de reflexões para a vida, na visão desses jovens. Os mesmos evidenciaram que ela poderia contribuir muito mais para a educação e preparo para os diferentes compromissos na vida dos jovens.

Na universidade, também ainda não conseguiram perceber um preparo que não só o acadêmico. Como relataram não há a preocupação em discutir e refletir sobre temáticas da vida. Nesse sentido, ao participarem desse estudo, despertaram e manifestaram a sua gratificação pela oportunidade de exercitarem seus pensamentos e expectativas em um espaço na academia. Nos seus relatos os jovens comentaram que a Universidade tem o papel de oferecer oportunidade para essas discussões, desempenhando, dessa forma seu papel educativo e construtivo na vida dos alunos, não somente voltados para o mercado de trabalho, mas como pessoas que necessitam de suportes nas diferentes fases da vida.

Ao refletirem sobre suas perspectivas para a paternidade, mesmo nunca terem pensado sobre o assunto, identificou-se que esses jovens querem ser pais diferentes do que seus pais foram, querem estar preparados para o enfrentamento dessa etapa de vida. Desejam ser pais envolvidos e comprometidos com a criação, educação e cuidado com os seus filhos, além do que foram os seus. Querem ter uma dedicação especial e mais profunda do que aconteceu com eles e serem pais diferentes, que querem levar seus filhos para a escola, cuidar deles quando estiverem doentes, dividir todas as tarefas com suas companheiras. Acreditam que só dessa forma, da maneira que se vive hoje, terão filhos felizes.

As características de suas famílias, ou seja, famílias do interior, nucleares, tradicionais, com poucos filhos, pais com baixa escolaridade, características da região assim como as suas próprias. São jovens que freqüentam cursos universitários, vivem e convivem no meio familiar e com outros jovens de procedência semelhante e com afinidades como grupos de jovens ligados à igreja ou unidos por laços da tradição gaúcha, são aspectos que podem ter influenciado nesses resultados.

Como consequência desse estudo, proporcionou-se em sala de aula do Curso de Enfermagem, um espaço para discussões entre os alunos, sobre os papéis de homem e mulher buscando aproximar, entender, conhecer o que os futuros profissionais da enfermagem pensam sobre isso. Nessa perspectiva, também foram introduzidos estudos sobre gênero no sentido de provocar reflexões e posicionamentos em relação aos papéis desempenhados pelo homem e a mulher e as dificuldades que os mesmos enfrentam, para que, como acadêmico e profissional, entenda e contribua para revisão de conceitos, preconceitos e outros tantos temas. A atividade foi prazerosa e desencadeou muitos questionamentos, confirmando que a abertura para essas reflexões podem fazer parte do processo de ensino aprendizagem.

Também, a partir do estudo, organizou-se um projeto de extensão universitária do qual fizeram parte um grupo de adolescentes da comunidade, juntamente com seus pais. O mesmo desenvolveu-se de forma participativa, procurando abordar temáticas voltadas aos interesses dos participantes, sendo que os temas que apareceram foram em grande parte aqueles voltados para Sexualidade, Orientação sexual, Reprodução entre outros, sendo contemplados, atendendo pais e filhos numa abordagem não biológica, simplesmente, mas levando-os a refletirem, questionarem e discutirem outras maneiras de enfrentamento de dúvidas em suas vidas.

Por fim, resalto ainda, que esse estudo não esgotou a temática, muito pelo contrário, aponta para muitos outros questionamentos que poderão ser objetos de outras investigações. Estudos com famílias de meninos e se os criam diferente de famílias com meninos e meninas? Preocupações de famílias do interior são diferentes das preocupações de famílias em relação à criação de filhos em grandes metrópoles? O grau de escolaridade dos pais promove que tipo de características na criação dos filhos? Para os profissionais da saúde, a abordagem da temática sobre saúde sexual ou temas relacionados a essa área sofre influência do conhecimento prévio dos indivíduos? Qual a importância da participação da enfermagem e de outros profissionais nas discussões e planejamento de programas voltados para a saúde do homem e do adolescente masculino? Essas são algumas inquietações que emergiram e que acredito serem de interesse para todos os envolvidos com o compromisso sobre a qualidade de vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ALBARELLO, D. C. **Sexualidade do adolescente: como as mães abordam a temática.** 2006. 53 f. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2006.

ALMEIDA, M. V. de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade.** Lisboa: Fim de Século, 1995

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 281-315, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a12.pdf>. Acesso em: 26 out. 2006.

ARILHA, M. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades.** 2. ed. São Paulo: ECOS: Editora 34, 2001. 304 p. p. 51-77.

_____.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. Apresentação. In: _____ (Org.). **Homens e masculinidades.** 2. ed. São Paulo: ECOS: Editora 34, 2001. 304 p. p. 9-14.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 370 p.

BAENINGER, R. Demografia da população jovem. In: SCHOR, N; MOTA, M. do S. F.; BRANCO, V. C. (Org.). **Caderno juventude, saúde e desenvolvimento.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. 300 p. p. 19-29.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARUFFI, L. M. **O cuidado cultural à mulher durante a gestação: uma contribuição para a humanização.** 2004. 169 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução de Pedrinho Guareski. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 311 p.

BIERRENBACH, M. I. R. S. Violência, sociedade e família: o lugar do jovem. In: LEVINSKI, D. L. (Org.). **Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 188 p. p. 45-51.

BORGES, A. L. V.; NICHATA, L. Y. I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 3, p. 422-427, maio/jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n3/v14n3a17.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2007.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 172 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Comitê Nacional de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. **Resolução 196, de 10 de outubro de 1996**. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF; 1997. 24 p.

BUJES, M. I. Alguns dilemas deste final de século: educar e/ou cuidar? In: SCHMITH, S. (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 143 p. p. 49-56.

BUSTAMANTE, V. Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1865-1874, nov./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n6/26.pdf>>. Acesso em: 8 jan. 2007.

CAPARELLI, S. Sem preconceitos: por uma gramática audiovisual. In: SCHMITH, S. (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 143 p. p. 57-59.

CARVALHO, I. M. M. de; ALMEIDA, P. H. de. Família e proteção social. **São Paulo Perspectiva**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 109-122, abr./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v17n2/a12v17n2.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2007

CARVALHO, M. E. P. de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 41-58, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a03n121.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2007.

CARVALHO, M. L. O.; PIROTTA, K. C. M.; SCHOR, N. Participação masculina na contracepção pela ótica feminina. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 23-31, fev. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v35n1/4132.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2006.

CAUDURO, L. S. **Significado da paternidade para pais adolescentes com recém-nascido hospitalizado**. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CHAVES JUNIOR, E. de O. Políticas da juventude: Evolução histórica e definição. In: SCHOR, N.; MOTA, M. do S. F; BRANCO, V. C. (Org.). **Caderno juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999. 300 p. p. 41-48.

CIA, F. *et al.* Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filhos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 77-81, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n1/v11n1a09.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2007.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1995

CORREA, A. C. de P. **Paternidade na adolescência**: vivências e significados no olhar do homem que a experimentaram. 2005. 140 f. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005.

COSTA, R. G. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 339-356, jul./dez 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n2/14961.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

CSILLAG, C.; SACCOMANDI, H. **O manual do grávido**: um guia completo do pré-natal ao parto para você curtir sua gravidez e sua grávida. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2003. 143 p.

DEBUS, M. **Manual para excelência en la investigación mediante grupos focales**. Washington, DC: Health Com Agency for International Development, 1997

DESSEN, M. A. **A ciência do desenvolvimento humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005. 278 p.

DOMINGUES, C. M. A. S.; ALVARENGA, A. T. Identidade e sexualidade no discurso adolescente. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 32-68, 1997.

ECOS. **Trabalhando com homens jovens**. Brasília, DF: Cecria, [2005]. Disponível em: <<http://www.cecria.org.br/banco/sexualidade2.htm>>. Acesso em: 10 out. 2005.

ELMÔR, M. G. **Masculinidade em jogo**: um estudo sobre papéis num grupo de adolescentes no futebol. 2002. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

ESPIRITO SANTO, L.C.; BONILHA, A. L. L. Expectativas, sentimentos e vivência do pai durante o parto e nascimento de seu filho. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 87-109, jul. 2002.

FISCHER, R. M. B. Uma agenda para debates sobre mídia e educação. In: SCHMITH, S. (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 143 p. p. 53-56.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11662.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2006.

FONSECA, J. L. C. L. da. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades**. 2. ed. São Paulo: ECOS: Editora 34, 2001. 304 p. p. 185-214.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, W. de M. F. e; COELHO, E. de A. C.; SILVA, A. T. M. C. da. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 137-145, jan. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v23n1/14.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 196 p.

GARCIA, M. J. Elementos para la construcción de la masculinidad: sexualidad, paternidad, comportamiento y salud reproductiva. In: BRICEÑO LEON, R.; MINAYO, M. C. S. de; COIMBRA J. C. E. A. (Coord.). **Salud y equidad**: una mirada desde las ciencias sociales. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000. p. 361-367.

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero para além do gênero. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades**. 2.ed. São Paulo: ECOS: Editora 34, 2001. 304 p. p. 31-50.

GIFFIN, K. A inserção dos homens nos estudos de gênero: contribuições de um sujeito histórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-57, jan./mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a05v10n1.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2006.

GIR, E.; NOGUEIRA, M. S.; PELÁ, N. T. R. Sexualidade humana na formação do enfermeiro. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 33-40, abr. 2000.

GODINHO, R. *et al.* Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 25-32, abr. 2000.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. da R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, DF, v. 20, n. 2, p. 119-125, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a04v20n2.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2007.

GOMES, R. Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 825-829, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v8n3/17463.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2005.

_____; NASCIMENTO, E. F. do. A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem-saúde: uma revisão bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 901-911, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n5/03.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

GONÇALVES, H. S. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 207-219, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a09v17n2.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2007.

GUERRIERO, I.; AYRES, J. R. C. M.; HEARST, N. Masculinidade e vulnerabilidade ao HIV de homens heterossexuais, São Paulo, SP. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, supl., p. 50-60, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsp/v36n4s0/11163.pdf>>. Acesso: 19 jan. 2006.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. de. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v.

14, n. 1, p. 44-68, jan./jun. 2002. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n1/v14n1a04.pdf>>. Acesso: 19 jan. 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Frederico Westphalen - RS**: população e domicílios: censo 2000 com divisão territorial 2001. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 30 jan. 2005.

JARDIM, D. P.; BRETÃS, J. R. da S. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 59, n. 2, p. 157-162, mar./abr. 2006

JESUS, M. C. P. de. Educação sexual e compreensão da sexualidade na perspectiva da enfermagem. In: RAMOS, F. S.; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. G. (Org.). **Projeto Acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília, DF: ABEn: Governo Federal, 2000. 195 p. p. 46-55.

JOHNSON, A. G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KALCKMANN, S. Incursões ao desconhecido: percepções de homens sobre a saúde reprodutiva e sexual. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades**. 2. ed. São Paulo: ECOS: Editora 34, 2001. 304 p. p. 79-99.

KNAUTH, D. R.; MACHADO, P. S. Comentários ao artigo "Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva". **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 18-19, jan./mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a03av10n1.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2007.

LEAL, A. F.; KNAUTH, D. R. A relação sexual como uma técnica corporal: representações masculinas dos relacionamentos afetivo-sexuais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p. 1375-1384, jul. 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v22n7/03.pdf>>. Acesso em: 7 set. 2007.

LEOPARDI, M. T *et al.* **Metodologia da pesquisa na saúde**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

LEVANDOWSKI, D. C.; PICCININI, C. A. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 413-424, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14364.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2005.

LEVANDOWSKI, D. C. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 2, p. 195-209, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v6n2/7273.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2005.

LEVINSKI, D. L. Adolescência e violência. In: _____ (Org.). **Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 188 p. p. 21-43.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____ (Org.). **O corpo educado**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a. 176 p. p. 8-34.

_____. Sexualidade: lições da escola. In: MEYER, D. E. E. **Saúde e sexualidade na escola**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000b. 175 p. p. 85-96.

_____. Sexualidade e gênero na escola. In: SCHMITH, S. (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 143 p. p. 69-73.

LUZ, A. M. H.; BERNI, N. I. O. de. Feminino e masculino: repercussões na saúde dos adolescentes. In: RAMOS, F. S; MONTICELLI, M. NITSCHKE, R. G. (org.). **Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. Brasília: ABEn/ Governo Federal, 2000.195 p. p. 37-45.

LYRA, J. Paternidade na adolescência: percorrendo a bibliografia. In: Encontro de Estudos Populacionais da ABEP, 12., 2000, Caxambu. **Anais...** [s.l.]: ABEP, 1997. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Poster/Paternidade%20na%20adolescência%20-%20Percorrendo%20a%20bibliografia.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2005. do XII., 2000, v.1

_____; MEDRADO, B. Gênero e paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 145-158, 2000.

MANDU, E. N. T. Gravidez na adolescência: um problema? In: RAMOS, F. S; MONTICELLI, M.; NITSCHKE, R. G. (Org.). **Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro**. Brasília: ABEn: Governo Federal, 2000. 195 p. p. 94-97.

MARCOLINO, C.; GALASTRO, E. P. As visões feminina e masculina acerca da participação de mulheres e homens no planejamento familiar. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 9, n. 3, p. 77-82, maio 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v9n3/11502.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2007.

MARTIN, V. B.; ANGELO, M. A organização familiar para o cuidado dos filhos: percepção das mães em uma comunidade de baixa renda. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 4, p. 89-95, out. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v7n4/13493.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

MEDRADO, B. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, M.; UNBEHAUM, S. G.; MEDRADO, B. (Org.). **Homens e masculinidades**. 2. ed. São Paulo: ECOS: Editora 34, 2001. 304 p. p. 145-161.

_____; LYRA, J. A adolescência “desprevenida” e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de saúde do adolescente e do jovem. **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, DF, 1999. 300 p. p. 230-248.

MEYER, D. E. *et al.* “Mulher sem-vergonha” e “traidor responsável”: problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 51-76, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23960.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004. 269 p.

MIRA, M. C. O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, p. 13-38, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n21/n21a03.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

MONTANDON, C. As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 485-507, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a10v2691.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2005.

MONTEGMEYER, M. **O novo pai**. 5. ed. São Paulo: Gente, 1998. 150 p.

NOLASCO, S. A. **O mito da masculinidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. 187 p.

OLIVEIRA, M. A. C.; EGRY, E. Y. A adolescência como um constructo social. **Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 12-21, dez 1997.

OLIVEIRA, P. P. de. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004. 347 p.

PARSEVAL, G. D. de. **A parte do pai**. Porto Alegre: L&PM, 1986. 271 p.

PASSAMANI, G. R.; POERSCHKE, R. P. **Fronteira Platina**: a construção de uma identidade (sexual) regional. Santa Maria: UFSM, 2005. Disponível em: <http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/P/Passamani-Poerschke_51.pdf>. Acesso em: 26 out. 2006.

PATRICIO, Z. M. O cuidado com a qualidade de vida dos adolescentes: um movimento ético e estético de koans e tricksters. In: RAMOS, F. S; MONTICELLI, M. NITSCHKE, R. G. (Org.). **Projeto Acolher**: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília, DF: ABEn: Governo Federal, 2000.195 p. p. 121-143.

PEQUENO, A. C. A. Educação e família: uma união fundamental. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 9-13, jul./dez. 2001.

PEREIRA, W. R. Poder, violência e dominação simbólicas nos serviços públicos de saúde. **Texto & Contexto: Enfermagem**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 391-400, jul./set. 2004.

PRATES, C.de S. **Autonomia nas experiências de anticoncepção de mulheres pobres múltiparas atendidas em uma unidade básica de saúde de Canoas, RS**. 2006. 145 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

RAMIRES, V. R. R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. 121 p.

RAMOS, F. Bases para uma re-significação do trabalho de enfermagem junto ao adolescente. In: **Adolescer**: compreender, atuar, acolher: projeto acolher. Brasília, DF: ABEn, 2001. 304 p. p. 11-18.

REGÜILO, R. Las culturas juveniles: un campo de estudio: breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 103-118, maio/ago. 2003.

REIS, A. O. A. Opacidade e visibilidade da paternidade na reprodução do adolescente. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 69-76, 1997.

REZENDE, A. L. M. de; ALONSO, I. L. K. O perfil do pai cuidador. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 5, n. 1/2, p. 66-81, 1995

RESSEL, L. B. GUALDA, D. M. R. A sexualidade na assistência de enfermagem: reflexões numa perspectiva cultural. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 323-333, dez. 2004.

RIETH, F. A iniciação sexual na juventude de mulheres e homens. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 8, n. 17, p. 77-91, jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19076.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2006.

RIOS, L. F. *et al.* Rumo à adulez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 45-61, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n57/12002.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

SABAT, R. Relações de gênero na mídia. In: SCHMITH, S. (Org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 143 p. p. 65-68.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. 120 p.

SCHMIDT, M. L. S. **Alojamento conjunto**: a inclusão do pai nos cuidados da mãe e do bebê. 2003. 82 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SCHRAIBER, L. B.; GOMES, R.; COUTO, M. T. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-17, jan./mar. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a02v10n1.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2006.

SETTON, M. da G. J. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11659.pdf>>. Acesso em: 7 jan. 2007.

SIQUEIRA, M. J. T. Novas formas de paternidade: repensando a função paterna à luz das práticas sociais. In: SILVA, A. L. da; LAGO, M. C. de S.; RAMOS, T. R. O. (Org.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Mulheres, 1999. 352 p. p. 187-201.

SMEKE, E. de L. M.; OLIVEIRA, N. L. S. de. Educação em saúde e concepção de sujeito. In: VASCONCELOS, E. M. (Org.). **A saúde nas palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: Hucitec, 2001.

SPOSITO, M. P. **Apontamentos para a discussão sobre a condição juvenil no Brasil**. Rio de Janeiro: TVE Brasil, 2004. Disponível em:
<<http://www.redebrasil.tv.br/salto/boletins2004/em/tetxt1.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2006.

_____; CARRANO, P. C. R. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 17-39, set./dez. 2003.

TONATTO, S.; SAPIRO, C. M. Os novos parâmetros curriculares das escolas brasileiras e educação sexual: uma proposta de intervenção em ciências. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 163-175, jul./dez. 2002. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v14n2/v14n2a09.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

TORNARÍA, M. del L. G., VANDEMEULEBROECKE, L.; COLPIN, H. **Pedagogia familiar: aportes desde la teoría y la investigación**. Montevideo: Trilce, 2001. 254 p.

TRAVERSO-YEPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. de S. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 133-147, jul./dez. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2006.

TRINDADE, Z. A.; MENANDRO, M. C. S. Pais adolescentes: vivência e significação. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 7, n. 1, p. 15-23, jan. 2002. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10950.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994. 175 p.

UNBEHAUN, S. Paternidades e masculinidades em contextos diversos. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 632-633, 2001. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8650.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2007.

UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES. Campus Frederico Westphalen. **Região Médio Alto Uruguai: região**. Frederico Westphalen; 2003. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/colaboratorium/index.php>>. Acesso em: 26 abr. 2006.

VASCONCELLOS, D. Importância de assistir ao parto para o acesso à paternidade. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 7-18, jan./abr. 2001.

VENTURI, G. ABRAMO, H. Juventude, política e cultura. **Revista Teoria e Debate**, São Paulo, n. 45, jul./set. 2000. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1484>>. Acesso em: 26 abr. 2006.

VIANNA, C. P.; UNBEHAUM, S. O gênero nas políticas públicas de educação no Brasil: 1988-2002. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 77-104, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a05n121.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2007.

VICTORA, C. G., KNAUTH, D. R., HASSEN, M. de N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde: uma introdução ao tema**. Porto Alegre: Tomo, 2000. 136 p.

WAGNER, A. *et al.* Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 147-156, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721999000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 8 jan. 2006.

WONG, D.L. **Enfermagem pediátrica: elementos essenciais à intervenção efetiva**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1999. 1118 p.

**APÊNDICE A – OFÍCIO ENCAMINHADO AOS COORDENADORES DOS CURSOS
DE GRADUAÇÃO SELECIONADOS PARA PARTICIPAÇÃO NO ESTUDO**

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
– URI – CAMPUS DE FREDERICO WESTPHALEN**

Prezado Coordenador

Vimos por meio deste, solicitar de V. S. a indicação de dois nomes entre os alunos do seu curso, com idade entre 20 e 24 anos e que mostrarem interesse em participar da pesquisa intitulada “Perspectiva dos jovens universitários da Região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade”, com objetivo de conhecer as perspectivas do jovem universitário da região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade, identificar a visão do jovem em relação à sua criação e educação e identificar como as instituições (família, grupo de amigos, escola) influenciam no seu desenvolvimento e no seu modo de pensar. A pesquisa faz parte do Curso de Pós-Graduação – Mestrado de Enfermagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e está sob a responsabilidade da Prof^a. Cleci Terezinha Perosa e orientação da Prof^a. Dr^a. Eva Néri Rubin Pedro. Solicitamos os nomes dos indicados por escrito com endereço para contato via correio e telefones.

Agradecemos a sua atenção,

CLECI TEREZINHA PEROSA

Mestranda em Enfermagem - UFRGS

APÊNDICE B – AGENDA DE TEMAS DOS GRUPOS FOCAIS

Selecionar o grupo na 1ª semana de agosto de 2006

- Colocar os 18 cursos de graduação num recipiente e sortear 5 cursos
- Entrar em contato com os Coordenadores dos cursos sorteados por meio de carta e solicitar dos mesmos a indicação de dois alunos entre 20 e 24 anos
- Entrar em contato com os jovens indicados
- Agendar data, horário e local para o 1º encontro

Agenda do 1º encontro

- a) Apresentação do moderador, do projeto, da técnica que será utilizada, do termo de consentimento livre e esclarecido – 10 min.
- b) Apresentação dos participantes e colocação de crachá para identificação – 10 min.
- c) Contrato de participação: compromisso, importância da participação dos acadêmicos, horário, frequência, assinatura do termo de consentimento – 5 min.
- d) Atividade disparadora para o debate: cartazes, explosão de idéias sobre paternidade, fotos de pais com filhos – 20 min.
- e) Lanche e discussão – 15 min.
- f) Discussão sobre o cartaz – 30 min.

Expectativa da pesquisadora:

Conhecer o que os jovens pensam sobre a paternidade; de onde vem essa forma de pensar: família, escola, mídia, sociedade, amigos;

A tv é um grande meio de proporcionar conhecimento às pessoas de todas as classes e de todas as idades. Sabe-se que ela contribui na educação das pessoas, tá certo? Gostaria de ouvir de vocês sobre esse papel.

Agenda do 2º encontro

- a) Revisão do contrato de participação; agradecimento pela participação, fazer uma breve reavaliação do encontro anterior – 10 min.
- b) Atividade disparadora: Fotos - 20 min.
- c) Discussão sobre o material
- d) Como vocês percebem a criação com relação a constituição de outra família?

e) Fale de sua carreira futura e suas perspectivas em relação á paternidade?

Expectativa da pesquisadora:

Levar os acadêmicos a refletirem sobre sua educação até agora e o seu futuro profissional, as perspectivas de ser pai, de constituir uma família e as implicações disso na sua construção como sujeito?

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA**1. CARACTERIZAÇÃO DOS JOVENS**

Nome:

Idade:

Religião:

Curso:

Semestre:

Idade de ingresso na Universidade:

Cursou 2º grau: () Regular () EJA () Supletivo () Técnico

Com quem mora: () Colegas () Família

Trabalha: () Sim () Não

Renda: () 1 salário () 2 salários () Mais de 2 salários

Tem namorada: () Sim () Não

Como é seu relacionamento com ela?

Vocês se curtem muito, quanto tempo tem?

Já fizeram algum plano futuro?

Os dois estudam?

Trabalham?

Moram Juntos?

Fazem uso de algum tipo de anticoncepcional?

Planejam filhos para quando?

Você já tinha namorado antes

Até então você não tinha namorado?

Então o que durou mais foi três meses. Você não teve nem um relacionamento mais fixo?

Você se preocupa com estudar?

2. CARACTERIZAÇÃO DAS FAMÍLIAS

Local de moradia dos pais:

Religião:

Idade dos pais: Pai _____ Mãe _____

Escolaridade: Pai _____ Mãe _____

Ocupação: Pai _____ Mãe _____

Renda familiar: () 1 salário () 2 salários () mais de 2 salários

Nº. de irmãos:

Grupos de pertencimento: () Religioso () Tradicionalista () Bandas

Tipo de lazer: () TV () Rádio () Esportes () Encontro com amigos

() Leitura () Cinema () Teatro Festas

3. PERSPECTIVAS EM RELAÇÃO AO FUTURO PROFISSIONAL E PATERNIDADE

Na tua visão, com o ingresso na universidade, houve mudança em teu modo de pensar em relação á assuntos como escola, família e amigos?

E em relação à escola? Você acha que a entrada na universidade te fez ter outra com relação à escola?

E com relação aos amigos mudou alguma coisa com a entrada na universidade?

Em relação ao assunto que debatemos nos encontros de grupo focal, ou seja, paternidade. Comente.

Como você vê a prática educativa dos meninos?

De que maneira os pais, os professores, o grupo de amigos poderia ajudar o jovem para a paternidade?

Até que ponto você considera importante à ajuda dos pais, amigos e a mídia na condução do menino para a paternidade?

4. CONHECENDO A VIVÊNCIA DOS JOVENS

Relacionamento com os pais:

Relacionamento com amigos. Tem amigos? (de verdade)

Relação ao futuro profissional, o que você pensa?

5. PERSPECTIVAS QUANTO À PATERNIDADE

Quais os medos que você tem em relação à paternidade?

Que elementos você imagina que serão diferentes entre o jeito de ser pai e o seu jeito?

Você saberia falar acerca de outros modos de ser pai, de amigos, conhecidos ou parentes?

Fale de sua carreira futura e dos planos para a paternidade?

A relação do homem e mulher. A perspectiva da situação da mulher hoje, de novos modos de criar filhos.

Mídia, família, grupo de jovens, colegas de trabalho, colegas de aula e de faculdade... Atuando na educação dos jovens masculinos.

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A pesquisa, intitulada “**Perspectiva do jovem universitário da região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade**”, está sendo desenvolvida pela Enf^a. Cleci Terezinha Perosa, COREN-RS 26452, Prof^a da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões URI - Campus de Frederico Westphalen, aluna do Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, sob orientação da Prof^a Dra. Eva Néri Rubin Pedro.

Fui plenamente esclarecido de que ao participar desta pesquisa estarei participando de um estudo de cunho acadêmico que tem por objetivo: Conhecer as perspectivas do jovem universitário da região do Médio Alto Uruguai em relação à paternidade, identificar a visão do jovem em relação a sua criação e educação, identificar como as instituições (família, grupo de amigos, escola) influenciam no seu desenvolvimento e no seu modo de pensar.

Para alcançar este objetivo fui informado de que as informações serão coletadas por meio de um roteiro de entrevista semi-estruturada, gravadas em fita cassete, conforme a aceitação dos participantes, para posterior transcrição. O material produzido nas entrevistas, será mantido em poder da pesquisadora durante cinco anos e após, será destruído. As entrevistas terão duração média de 2 horas, realizadas em local previamente agendado entre pesquisador e entrevistado.

Declaro, ainda, saber da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, e/ou solicitar outros esclarecimentos sobre a investigação, sem que traga prejuízo ou penalização em qualquer etapa; do estudo; da garantia de anonimato e que não serei identificado quando da divulgação dos resultados e do direito a ter acesso aos resultados da pesquisa após a apresentação e avaliação por banca examinadora. As informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados à presente pesquisa. Os mesmos poderão ser publicados na forma de artigos, livro ou eventos científicos. A participação no estudo, não envolve nenhuma despesa ou gratificação.

Observação: O presente documento, baseado no item IV das Diretrizes e Normas Regulamentadoras para a Pesquisa em Saúde, do Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96), será assinado em duas vias, de igual teor, ficando uma via com o participante da Pesquisa e outra com o Pesquisador Responsável.

Para maiores informações sobre esta pesquisa o endereço da pesquisadora é Rua Tuiuti, 517, Bairro Itapagé, Frederico Westphalen-RS, CEP 98400000. Telefone para contato é: (55)

3744-3963 e o *e-mail* perosa@fw.uri.br ou com a orientadora desta pesquisa Dra. Eva Néri Rubin Pedro pelo telefone: (51)- 3222- 5409 ou email evaneri@terra.com.br

Eu, _____, declaro que fui esclarecido, de forma clara, detalhada e livre de qualquer constrangimento ou coerção sobre o caráter da pesquisa, objetivos e forma de realização do estudo.

Assinatura da responsável pela pesquisa

Assinatura do participante

Frederico Westphalen (RS), _____ de _____ 2006.

APÊNDICE E – AUTORIZAÇÃO DA DIREÇÃO DA URI-FW

AUTORIZAÇÃO

Eu, LAURO PAULO MAZZUTTI, Diretor Geral da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus de Frederico Westphalen, venho por meio desta autorizar a realização da pesquisa, intitulada **“PERSPECTIVA DO JOVEM MASCULINO EM RELAÇÃO Á PATERNIDADE: implicações para abordagens de educação em saúde”**, desenvolvida pela Enf^a Cleci Terezinha Perosa, Prof^a da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões-Campus de Frederico Westphalen, aluna do Curso de Mestrado da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, sob orientação da Prof^a Dra. Eva Néri Rubin Pedro que tem por objetivo: conhecer as perspectivas do jovem masculino em relação á paternidade e as implicações para abordagens da educação em saúde. Para a busca dos sujeitos da pesquisa serão utilizados os acadêmicos do sexo masculino em idade de 20 a 24 anos.



Lauro Paulo Mazzutti
Diretor Geral da URI
Campus de Frederico Westphalen



Cleci Terezinha Perosa
Pesquisadora

ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA DA URI

URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Reconhecida pela Portaria Ministerial nº 708 de 19/05/92 - D.O.U. de 21/05/92
Mantida pela Fundação Regional Integrada - FuRI
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
<http://www.fw.uri.br/cep>

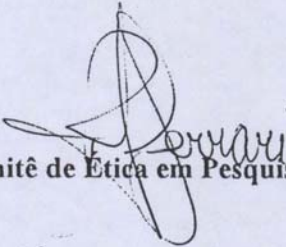
Frederico Westphalen , 09 de Junho de 2006.

Prezado(a) Senhor(a):

O Comitê de Ética em Pesquisa da URI-FW aprovou o projeto de pesquisa registrado sob o número **0056-06H**, intitulado como **Perspectivas do jovem universitário de uma cidade do norte do RGS em relação à paternidade: implicações para educação em saúde**, sob responsabilidade de **Cleci Teresinha Perosa**.

Lembramos que um relatório anual do projeto em andamento deverá ser apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa da URI-FW.

Atenciosamente


Comitê de Ética em Pesquisa da URI-FW